

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A DESCENTRALIZAÇÃO DO SETOR TERCIÁRIO NA CIDADE DE
SANTA MARIA/RS: ANÁLISE DAS AGLOMERAÇÕES COMERCIAIS
E DE SERVIÇOS NOS BAIROS TANCREDO NEVES E CAMOBI**

ANDERSON MENDES ROCHA

**Porto Alegre, RS
2016**

Anderson Mendes Rocha

**A DESCENTRALIZAÇÃO DO SETOR TERCIÁRIO NA CIDADE DE SANTA
MARIÁ/RS: ANÁLISE DAS AGLOMERAÇÕES COMERCIAIS E DE SERVIÇOS
NOS BAIRROS TANCREDO NEVES E CAMOBI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Marques Strohaecker

**Porto Alegre, RS
2016**

CIP - Catalogação na Publicação

Rocha, Anderson Mendes

A descentralização do setor terciário na cidade de Santa Maria/RS: análise das aglomerações comerciais e de serviços nos bairros Tancredo Neves e Camobi / Anderson Mendes Rocha. -- 2016.
125 f.

Orientadora: Tânia Marques Strohaecker.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Cidades médias. 2. Descentralização. 3. Setor terciário. 4. Subcentros. 5. Santa Maria. I. Strohaecker, Tânia Marques, orient. II. Título.

Anderson Mendes Rocha

**A DESCENTRALIZAÇÃO DO SETOR TERCIÁRIO NA CIDADE DE SANTA
MARI/RS: ANÁLISE DAS AGLOMERAÇÕES COMERCIAIS E DE SERVIÇOS
NOS BAIRROS TANCREDO NEVES E CAMOBI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Geografia**.

Aprovada em 25 de maio de 2016.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Tânia Marques Strohaecker (Orientadora) – POSGEA/UFRGS

.....

Profa. Dra. Clarice Maraschin – PROPUR/UFRGS

.....

Profa. Heleniza Ávila Campos – PROPUR/UFRGS

.....

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares – POSGEA/UFRGS

*A forma de uma cidade muda mais depressa,
lamentavelmente, que o coração de um mortal.*

(Charles Baudelaire)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Tânia Marques Strohaecker, pelo incentivo, pela compreensão, pelas leituras atentas e por acreditar em mim.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à CAPES, pelos vinte e quatro meses de bolsa concedida, a qual foi imprescindível à realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais e meus irmãos pela compreensão de sempre, pelo apoio e por entenderem minhas ausências.

Por fim, agradeço a todos os amigos que sempre estão me surpreendendo pelo apoio. Agradeço aos amigos e colegas que me incentivaram em muitos momentos, sempre me ajudando, de uma forma ou de outra.

RESUMO

A redefinição da centralidade é um dos componentes da metamorfose da cidade e do urbano na contemporaneidade. Embora nas metrópoles brasileiras a ocorrência desse fenômeno seja evidente, estudos recentes têm revelado indícios de seu aparecimento também nas cidades médias do país. A presente dissertação, nesse sentido, propõe-se a compreender uma das facetas da transformação na centralidade intraurbana de uma cidade média localizada na região central do território gaúcho. Busca-se, mais especificamente, o entendimento do processo de descentralização do setor terciário em Santa Maria/RS, o qual tem conformado duas aglomerações comerciais e de prestação de serviços em dois bairros distantes do Centro Principal dessa cidade. Para isso, a análise foi desenvolvida em dois planos. Primeiramente, faz-se uma abordagem espaço-temporal da expansão urbana de Santa Maria destacando os principais agentes e variáveis geradores do processo de descentralização, responsáveis pela formação dos prováveis subcentros na cidade em questão. Já no segundo plano da análise, é realizada a caracterização dos novos centros com a finalidade de revelar as suas funções e configurações espaciais, bem como as relações entre tais espaços de consumo e a população que os utiliza e os fatores locacionais que levaram os empresários a investirem nos referidos locais. Essas duas dimensões analíticas, ainda que distintas, apresentam complementariedade: enquanto uma desenvolve o estudo com ênfase no interior dos bairros, a outra integra tais bairros à cidade sob uma perspectiva histórica, com a finalidade de elucidar o presente. A importância do estudo das transformações no âmbito da centralidade intraurbana se assenta no fato de esta ser uma das tendências da urbanização contemporânea e, ainda, por estar relacionada ao debate acerca do desenvolvimento socioespacial urbano. Ademais, ao se ter em vista que algumas cidades médias brasileiras apontam indícios da ocorrência desse fenômeno, torna-se urgente seu entendimento levando em consideração as singularidades dessas cidades.

Palavras-chave: Cidades médias. Descentralização. Setor terciário. Subcentros.

ABSTRACT

The redefinition of centrality is one of the components of the metamorphosis of the contemporary city and the urban space. Although the occurrence of this phenomenon is evident in the Brazilian metropolis, recent studies have revealed evidence of its appearance also in medium-sized cities in the country. This dissertation proposed to understand one of the facets of transformation in the intraurban centrality of a medium-sized city in the central region of the gaucho territory. More specifically, it seeks to understand the decentralization process of the tertiary sector in Santa Maria/RS, which has formed two commercial and services agglomeration in two neighborhoods which are quite far from the main center of this city. For this, the analysis was performed in two stages. First, there is a spatio-temporal approach to the urban expansion of Santa Maria, highlighting the agents and variables generators of the decentralization process, responsible for the formation of the sub-centers in this city. In the second stage of this analysis, the characterization of the new centers is performed in order to reveal their functions and spatial configurations, as well as the relationship between such spaces and the population that uses them and locational factors that led entrepreneurs to invest in these locations. Although these two analytical dimensions are different, they present complementarities: while one of them develops a study focusing on the inside of the neighborhoods, the other one integrates such neighborhoods in the city under a historical perspective, for the purpose of elucidating the present. The importance of the study of changes in the scope of intra-urban centrality is based on the fact that this is one of the trends of contemporary urbanization and also because it is related to the debate on urban social and spatial development. Moreover, knowing that some medium-sized Brazilian cities show evidence of the occurrence of this phenomenon, its understanding has become urgent, taking into account the peculiarities of these cities.

Keywords: Medium-sized cities. Decentralization. Tertiary sector. Sub-centers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do processo de urbanização da sociedade.....	21
Figura 2 – Modelo de organização sócio-espacial da cidade de Santa Maria/RS	34
Figura 3 – Padrões variados de empresas no trecho oeste da RS – 509	77
Figura 4 – Galeria Mainardi e Centro Comercial Camobi.....	79
Figura 5 – Centro Comercial Tancredo Neves	91
Figura 6 – Empresas com padrões diversos na Av. Paulo Lauda	92

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do município de Santa Maria e dos bairros em estudo...	11
Mapa 2 – Delimitação das áreas de estudo no interior dos bairros.....	40
Mapa 3 – Os fixos mais importantes no bairro Camobi e no recorte da pesquisa	68
Mapa 4 – Comércio ou serviços localizados no andar térreo na área de estudo	72
Mapa 5 – Comércio ou serviços localizados em pavimentos superiores	73
Mapa 6 – Padrão locacional dos grupos de atividades terciárias em Camobi ...	75
Mapa 7 – Diferentes usos do solo na área de estudo no bairro Camobi.....	76
Mapa 8 – Fixos no interior do centro do Tancredo Neves.....	88
Mapa 9 – Empresas do setor terciário localizadas no andar térreo no centro do Tancredo Neves	94
Mapa 10 – Localização dos grupos de atividades terciárias no Tancredo Neves	96
Mapa 11 – Uso do solo na área de estudo no centro do Tancredo Neves.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As etapas dos procedimentos operacionais da metodologia.....	43
Quadro 2 – As fases da redefinição da centralidade na cidade de Santa Maria.	63
Quadro 3 – Fatores locacionais influentes sobre a localização das empresas ..	84
Quadro 4 – Fatores influentes sobre a localização dos empreendimentos.....	100
Quadro 5 – As centralidades nos bairros Camobi e Tancredo Neves.....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fases do desenvolvimento de Santa Maria.....	33
Tabela 2 – Grupos de atividades comerciais no centro de Camobi	69
Tabela 3 – Grupos de atividades de prestação de serviços no centro de Camobi	70
Tabela 4 – Grupos de atividades comerciais no centro do bairro Tancredo Neves	89
Tabela 5 – Grupos de atividades de prestação de serviços no centro do bairro Tancredo Neves	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Empregos nos estabelecimentos pesquisados em Camobi.....	81
Gráfico 2 – Tempo de atividade das empresas pesquisadas em Camobi.....	82
Gráfico 3 – Raio de influência dos estabelecimentos pesquisados em Camobi	83
Gráfico 4 – Principais locais de consumo para os transeuntes em Camobi.....	84
Gráfico 5 – Perfil do consumo no centro do bairro Camobi.....	86
Gráfico 6 – Empregos nos estabelecimentos analisados do centro do Tancredo Neves	98
Gráfico 7 – Tempo de atividades das empresas analisadas no Tancredo Neves	99
Gráfico 8 – Raio de influência das empresas pesquisadas no Tancredo Neves	100
Gráfico 9 – Espaços de consumo mais frequentados pelos os transeuntes	102
Gráfico 10 – Perfil do consumo de bens e serviços no centro do bairro	103

SUMÁRIO

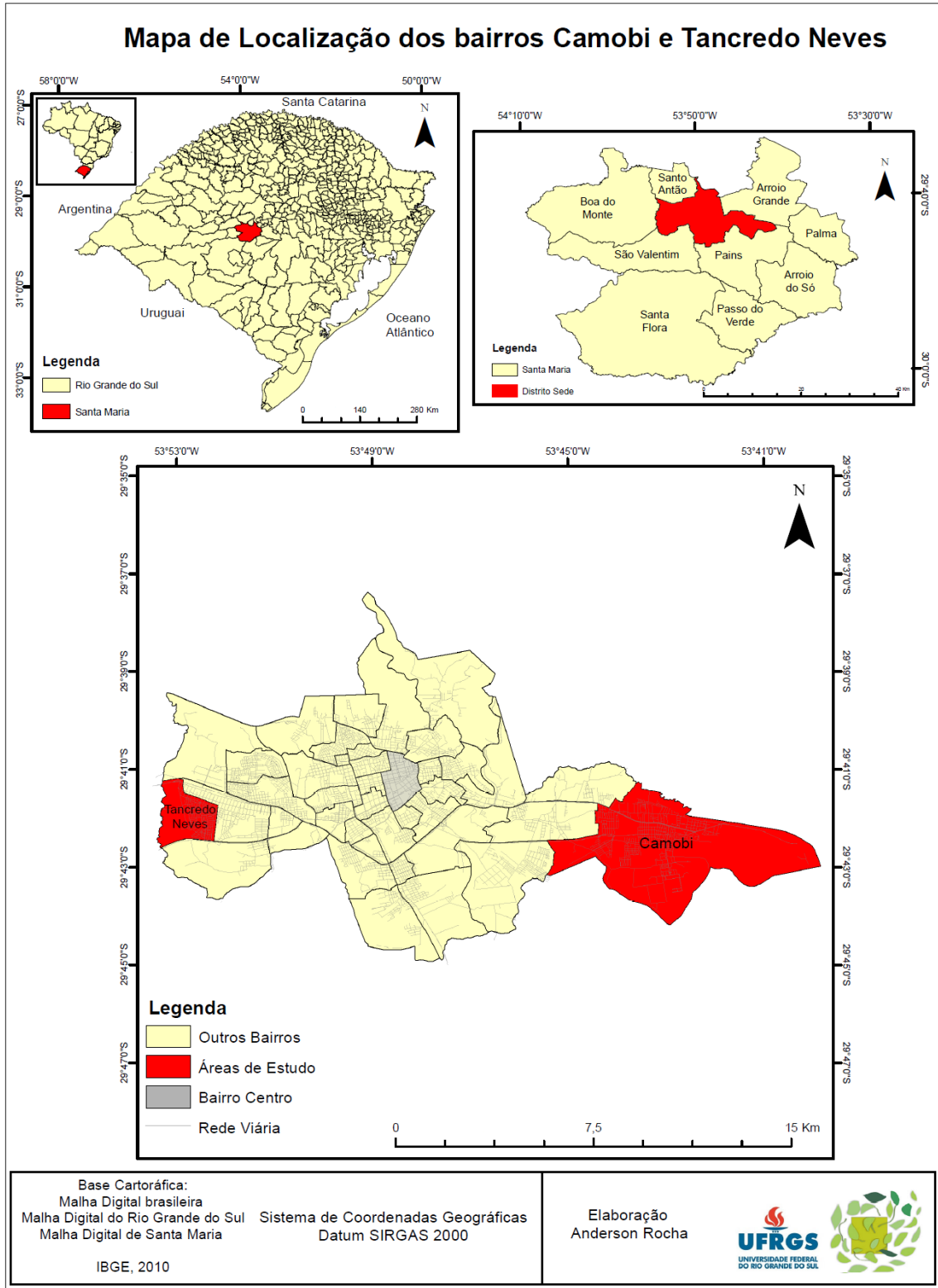
INTRODUÇÃO	10
1 A REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS .	15
1.1 Cidades médias: uma tentativa de aproximação.....	23
1.2 Características do processo espacial de descentralização	26
1.3 Da metrópole latino-americana à cidade média de Santa Maria/RS	32
2 METODOLOGIA	36
2.1 Método.....	36
2.2 Procedimentos operacionais	38
3 ENTRE A REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE E A REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE EM SANTA MARIA/RS	45
3.1 As fases da reestruturação da cidade	47
3.1.1 A cidade compacta (1777-1930):	48
3.1.2 A cidade setorial (1930-1960):	51
3.1.3 A cidade polarizada (1960-1980):	54
3.1.4 A cidade fragmentada (1990 até hoje):	58
3.2 Considerações sobre a redefinição da centralidade em Santa Maria	62
4 AS CENTRALIDADES NOS BAIROS CAMOBI E TANCREDO NEVES	66
4.1 Caracterização do centro do bairro Camobi	66
4.2 Caracterização do centro do bairro Tancredo Neves.....	87
4.3 Subcentros de uma cidade média? Considerações acerca das aglomerações terciárias nos bairros Camobi e Tancredo Neves	103
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE 1	121
APÊNDICE 2	122
APÊNDICE 3	123

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, as dinâmicas da urbanização no Brasil têm resultado em transformações na rede urbana do país que colocam as cidades médias como importantes nós dos sistemas urbanos regionais. No âmbito do espaço intraurbano, encontramos transformações na morfologia dessas cidades convergindo com mudanças que ocorrem nas metrópoles. Nesse contexto, estudos têm apontado evidências de que algumas cidades médias brasileiras estão em direção a uma redefinição da centralidade intraurbana – fenômeno outrora restrito às metrópoles.

A cidade de Santa Maria, localizada na porção central do estado, apresenta-se como um polo de atração regional devido às suas funções terciárias, militares, educacionais e institucionais. Sua área de alcance máximo atinge 145 municípios, dentre os quais 85 se localizam no Rio Grande do Sul, ao passo que a área de influência imediata da cidade congrega 78 centros urbanos (BRANCO, 2006). Estima-se que atualmente o município de Santa Maria compreenda, aproximadamente, 276 mil habitantes e 1.781,757 km² de área (IBGE, 2010). O município é constituído de um distrito sede, uma área densamente urbanizada, e outros nove distritos com características predominantemente rurais.

No âmbito intraurbano, Santa Maria possui uma estrutura em forma linear e alongada nas direções leste e oeste (BOLFE, 1997). O Centro Principal sustenta inquestionável importância para a cidade, uma vez que conta com a presença de comércio varejista e de serviços, importantes instituições públicas e *shopping centers*. Ademais, são reconhecíveis também aglomerações comerciais e de serviços em dois bairros distantes do Centro, nos extremos leste e oeste da cidade. Na zona leste, o novo centro localiza-se no interior do bairro Camobi, enquanto na zona oeste, situa-se no Tancredo Neves (Mapa 1).



Mapa 1 – Localização do município de Santa Maria e dos bairros em estudo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conhecendo-se a distância física dessas aglomerações terciárias com relação à Área Central da cidade e sua relativa autonomia, gerada a partir de uma oferta crescente de bens e serviços, o seguinte **questionamento** se torna inevitável: pode-se afirmar que está ocorrendo o processo de descentralização do setor terciário na cidade de Santa Maria/RS? Em outras palavras, pode-se afirmar que Santa Maria se encaminha para o fim da centralidade única?

Tais questionamentos, conseqüentemente, nos levam a outras interrogações mais específicas: as características dessas novas centralidades nos permitem afirmar a existência de dois subcentros nos extremos leste e oeste do espaço intraurbano de Santa Maria? Por que as novas centralidades se formaram a leste e oeste da cidade e não em outras áreas? Qual o raio de influência que tais novos centros comportam no território da cidade? Quais as similaridades e particularidades encontradas nesses dois centros? Quais seriam os impactos no funcionamento da cidade causados pela consolidação dessas novas centralidades?

O presente estudo possui como **tema** a redefinição da centralidade intraurbana em cidades médias latino-americanas. Mais especificamente, busca-se focar o processo espacial de descentralização do setor terciário em Santa Maria (RS), responsável pela formação de novas aglomerações terciárias, distantes do Centro Principal, nos extremos leste e oeste da cidade. A **justificativa** desse estudo se assenta no fato de que o fenômeno da redefinição da centralidade aparece como uma das tendências da urbanização contemporânea. A busca da compreensão da referida dinâmica, dessa maneira, possibilita esclarecer uma das facetas da nova morfologia urbana, que se consolida na atualidade nas metrópoles, em um primeiro momento, e, posteriormente, nas demais cidades da hierarquia urbana.

Além disso, tal discussão está estreitamente associada ao debate sobre o desenvolvimento socioespacial urbano. Destarte, ao questionamento sobre a eficiência dos modelos de cidade compacta e de cidade difusa se acresce o questionamento sobre o monocentrismo e o policentrismo. No bojo desse debate, estão inseridas diversas abordagens, dentre as quais, podemos destacar a política, a ambiental, a econômica e a da mobilidade.

Embora as reflexões sobre as metamorfoses da centralidade nas metrópoles já tenham relativa maturidade, no que tange às cidades médias e às pequenas, o debate

ainda necessita de avanços. Assim, torna-se essencial pensar as particularidades do processo de descentralização e dos impactos dessa transformação da centralidade intraurbana levando-se em consideração a singularidade dessas cidades.

Nesse contexto, acreditamos que a relevância do presente estudo resida em possíveis contribuições aos âmbitos teórico e empírico. No plano teórico, a análise da redefinição da centralidade na cidade de Santa Maria poderá fornecer elementos para o aprofundamento das reflexões acerca da redefinição da centralidade nas cidades médias brasileiras. Já no plano empírico, trará contribuições voltadas à discussão do desenvolvimento socioespacial na cidade de Santa Maria. Isso porque, a consolidação de novas centralidades no espaço urbano pode modificar a relação centro-periferia e interferir na segregação socioespacial, nas direções de expansão urbana e nos fluxos de deslocamento diários na cidade. Dessa maneira, a possibilidade de transformação da centralidade intraurbana em Santa Maria emerge como tópico fundamental para o planejamento urbano.

Nesse sentido, o **objetivo geral** do presente estudo é compreender o processo espacial de descentralização do setor terciário, responsável pela formação de novas centralidades nas zonas leste e oeste da cidade de Santa Maria (RS). Desse modo, tem-se enquanto **objetivos específicos**: a) examinar as fases de expansão da cidade e as respectivas mudanças na estrutura urbana; b) identificar as características dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços localizados nessas áreas da cidade; c) conhecer as similaridades e particularidades entre as duas novas centralidades em análise, com relação às suas respectivas formações e características funcionais atuais e d) verificar se as aglomerações terciárias podem ser classificadas como subcentros.

A presente dissertação está estruturada em cinco capítulos, além do capítulo introdutório até aqui exposto. O *primeiro capítulo* compreende o referencial teórico deste estudo, discutindo a redefinição da centralidade na cidade contemporânea, a singularidade das cidades médias brasileiras, as características do processo de descentralização do setor terciário e, ainda, trazendo uma primeira aproximação da questão da metamorfose da centralidade na cidade de Santa Maria. O *segundo capítulo* consiste na metodologia da pesquisa e, por isso, apresenta o método de interpretação e o quadro teórico-metodológico que norteará a análise, além da

descrição das diferentes etapas da operacionalização do estudo. O *terceiro capítulo* trata das transformações na estrutura urbana de Santa Maria, desde a sua origem ao momento atual, e discute as mudanças na centralidade por meio de uma proposta de periodização para a referida cidade. O *quarto capítulo* traz a análise das aglomerações de comércio e serviços em cada um dos bairros Camobi e Tancredo Neves e, após isso, realiza-se uma comparação entre esses novos centros na busca de ressaltar as suas similaridades, bem como as suas particularidades. No *capítulo cinco*, faz-se as considerações finais da pesquisa.

1 A REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

A cidade atual caminha em direção ao policentrismo.

(LE GOFF, 1998, p. 144-145).

No capítulo final da obra *Por amor às cidades*, intitulado *O fim da cidade ou a cidade sem fim*, Jacques Le Goff e Jean Lebrun alertam sobre a transição da cidade atual ao policentrismo. Se o termo “cidade atual” empregado pelos autores estiver se referindo às metrópoles, uma série de outros intelectuais parecem estar de acordo com essa caminhada para o fim da centralidade única¹. Desde a década de 1990, por outro lado, estudos têm apontado indícios da redefinição da centralidade também em algumas cidades médias brasileiras². Cabe perguntarmo-nos sobre quais são as relações entre a redefinição da centralidade nas metrópoles e nas cidades médias brasileiras. Seria essa metamorfose da centralidade um fenômeno metropolitano que, recentemente, passa a ocorrer também nas cidades médias do país?

Essas questões norteiam as reflexões contidas na presente seção da dissertação. Busca-se, ao longo deste capítulo, (a) a compreensão da redefinição da centralidade e das relações entre a ocorrência desse fenômeno nas metrópoles e cidades médias brasileiras, (b) o exame das singularidades das cidades médias no país e (c) a caracterização do processo espacial de descentralização. Por fim, (d) pretende-se ainda realizar uma primeira aproximação da questão da redefinição da centralidade em Santa Maria/RS.

Inicialmente, destaca-se que a redefinição da centralidade se insere como uma das dinâmicas componentes da atual reestruturação urbana e da reestruturação das cidades. Realizando-se uma distinção entre tais reestruturações: a primeira compreende transformações em escala interurbana, enquanto a segunda se refere às

¹ Podemos destacar aqui Blumenfeld (1972), em sua análise da metrópole moderna, e, posteriormente, Mattos (2006) referindo-se à metrópole latino-americana.

² Indícios ou constatações da formação de novas centralidades em cidades médias podem ser encontrados em Campina Grande/PB (MAIA, 2009), Presidente Prudente/SP (PEREIRA, 2010), Santa Maria/RS (ROCHA, 2011), Montes Claros/MG (FRANÇA, 2007), Londrina/PR (SILVA, 2008), Uberlândia/MG (MAIA, 2009), dentre outras.

mudanças na morfologia das cidades, portanto, à escala intraurbana (SPOSITO, 2007). A policentralidade ou o policentrismo, entendidos numa perspectiva multiescalar, referem-se tanto à diversidade de centros de uma região metropolitana, metropolitana como também ao espaço intraurbano (PESSOA, 2011). Esse esforço de entendimento do fenômeno como integrante de processos mais amplos de transformação do urbano e da cidade, possibilita nos afastarmos de uma perspectiva reducionista acerca de nosso objeto de estudo, ou seja, permite não concebermos a redefinição da centralidade como algo em si mesmo.

A partir do emergir do pós-fordismo – esse motor das mudanças nas formas de relações socioespaciais atuais, assim como da crise e da renovação das formas urbanas contemporâneas (VICENTE, 2003) – tem-se uma variedade de proposições terminológicas criadas, ou mesmo retomadas, com a finalidade de compreender a cidade atual³. Essa preocupação e premência dos geógrafos em criarem novos termos para designar as mudanças pelas quais as cidades atuais vêm passando, já fora sublinhada por Jean Gottmann, na década de 1960, ao observar o fenômeno da suburbanização nos Estados Unidos, ao definir o conceito de *megalópolis* (VICENTE, 2003; SPOSITO; GÓES, 2013).

A transição ao regime de acumulação flexível impulsiona, ao mesmo tempo em que é impulsionada, por uma mudança de um modelo gerencial (*Managerialism*) a um modelo empresarial (*Entrepreneurialism*) de governança urbana (HARVEY, 1989). Esse “neoliberalismo urbano” possui sua implementação de maneira geograficamente desigual pelo mundo e refere-se a uma gestão do espaço urbano que leva as cidades a concorrerem entre si na busca de atrair capitais. As políticas urbanas neoliberais se expressam, desse modo, através de parcerias público-privadas na gestão da cidade, desregulamentação da gestão do uso do solo, privatizações de serviços públicos e infraestruturas, abandono ou mudanças nas políticas habitacionais, fornecimento de incentivos fiscais e infraestruturas a investidores etc. (MUÑOZ, 2008; HIDALGO; JANOSCHKA, 2014).

A virada neoliberal em questão, desde o final da década de 1970, trouxe, assim, impactos sobre o espaço urbano, dentre os quais se pode destacar: a) a perda de

³ Metápolis, cidade difusa, *exópolis*, *edge cities*, e-topia, pós-suburbia, periurbanização, rururbanização, *urban sprawl*, são algumas palavras dentre a variedade de terminologias utilizadas para compreender a cidade atual (VICENTE, 2003; SPOSITO; GÓES, 2013).

controle sobre a cidade pelo poder público; b) o desinvestimento (sucateamento) de áreas econômicas e infraestruturas, ocorridos pelas privatizações; c) a especialização em determinadas atividades, tais como o turismo e d) o investimento exacerbado na produção de projetos de “imagem urbana” através do *city marketing* (MUÑOZ, 2008).

Monclús (1998 apud SPOSITO; GÓES, 2013), nesse contexto, defende que assistimos à dissolução do modelo de cidade compacta e caminhamos em direção a um modelo de cidade dispersa, no qual a relação centro-periferia dá lugar a situações mais complexas. Esse fenômeno vai além da simples suburbanização e pode ser entendido como a transição a uma nova cidade, que não cancela a anterior mas se sobrepõe a ela (VICENTE, 2003).

Sposito e Góes (2013) observam que as cidades brasileiras não apresentam ainda todos os elementos utilizados para caracterizar a cidade dispersa ou difusa. As autoras preferem utilizar, com isso, a noção de urbanização difusa para designar as características da urbanização contemporânea no país, distinguindo-a das dinâmicas referentes a períodos anteriores. Isso porque, a junção entre os termos “urbanização” e “difusa” permite destacar dois aspectos:

Em um primeiro lugar, o adjetivo “difusa” ajuda a expressar não apenas a tendência de espraiamento do tecido urbano, mas também a sobreposição e a mescla de usos urbanos e rurais do espaço. Em segundo lugar, pode enunciar a tendência de difusão dos valores urbanos pelo espaço rural, o que inclui as práticas espaciais, antes associadas aos citadinos, presentes de modo cada vez mais importante entre moradores dos espaços rurais (SPOSITO; GÓES, 2013, p. 57, grifo do autor).

No caso das metrópoles latino-americanas, Abramo (2007) sustenta que a estrutura difusa ocorre simultaneamente com uma estrutura compacta. Mais detalhadamente, trata-se de uma estrutura urbana COM-FUSA (compacta e difusa): um composto de duas subestruturas que apresentam lógicas distintas, mas coexistindo numa relação dialética. Anjos (2009), em perspectiva semelhante, advoga que a compacidade e a dispersão podem ser encontradas também na estrutura urbana das cidades médias brasileiras.

Na cidade até então delineada, a centralidade sofre impactos significativos. Assim, de acordo com Barata-Salgueiro, se “a cidade pré-industrial e a industrial tinham um ‘centro’, a cidade fragmentada da modernidade tardia será melhor caracterizada pela existência de uma rede de centralidades” (BARATA-SALGUEIRO,

2012, p. 13, grifo do autor). Sposito (2001) compreende essa mudança sob a ótica da emergência de uma centralidade múltipla, complexa, cambiante e polinucleada. A centralidade se torna *múltipla*, considerando o aumento e a diversificação das áreas centrais; *complexa*, pois as novas centralidades articulam fluxos de parcelas diversas da cidade, além de fluxos interurbanos; *cambiante*, na medida em que os fluxos mudam de intensidade e direção sobre os novos centros no decorrer do tempo (horas, dias da semana, meses etc.); *polinucleada*, porque os novos centros apresentam padrões diversos de bens e serviços oferecidos, segmentando o mercado de consumo (SPOSITO, 2001).

Ao analisarmos com maior detalhe os adjetivos “múltipla” e “polinucleada”, anteriormente apontados, pode-se revelar aspectos que distinguem as atuais transformações da centralidade das dinâmicas pretéritas. Tais termos correspondem às noções de multicentralidade e policentralidade (SPOSITO, 2013). A primeira, a multicentralidade, refere-se à formação de outros centros na cidade (subcentros, eixos especializados, galerias comerciais, etc.), fortalecendo o Centro Principal ou localizando-se fora dele. Contudo, essas novas centralidades impactam relativamente a estrutura urbana monocêntrica. Já a policentralidade compreende dinâmicas mais recentes, que contêm e superam as da multicentralidade e se manifestam pelo surgimento de “grandes superfícies comerciais e de serviços, as quais redefinem, de modo profundo, a estrutura espacial que vinha se estabelecendo no decorrer do tempo” (SPOSITO, 2013, p. 75). Em outros termos, ocorrem “[...] mudanças de impacto no papel e na estrutura do centro principal ou tradicional, o que provoca uma redefinição de centro, de periferia e de centro-periferia” (SPOSITO, 1998, p. 28)

A sobreposição da policentralidade sobre a multicentralidade, instaurando uma estrutura urbana *poli(multi)cêntrica*⁴, tem raiz em novas formas de segmentação econômica e espacial, características da cidade atual. A redefinição da centralidade, trazida pela policentralidade, aparece, então, como uma dinâmica integrante da fragmentação socioespacial: os novos equipamentos comerciais e de serviços de grande porte estão relacionados com a autosegregação, seja em sua produção (a oferta de um produto que aparenta agregar novos “valores”) ou em seu uso/apropriação (a busca de exclusividade e segurança) (SPOSITO, 2013). Como

⁴ Sposito toma emprestado esse termo de Lefebvre (1999).

lembra Barata-Salgueiro (2012), essa “cidade palco e objeto de consumo não se pode reduzir a um único espaço exclusivo, a um centro, mas organiza-se em múltiplas centralidades” (BARATA-SALGUEIRO, 2012, p. 13).

Santos (2012) já teria alertado sobre a ligação entre as disparidades de renda e a ruptura da economia urbana em circuitos distintos voltados a esses níveis de consumo desiguais, sobretudo, nos países do Terceiro Mundo. O autor concebe, assim, um circuito superior e um circuito inferior da economia que coexistem não numa relação de dualidade, mas de dualismo. Portanto, ao se reconhecer o setor terciário como uma das facetas da economia urbana, deve-se observar o fato de que essas atividades comerciais e de serviços expressam propriedades diversas dependendo do circuito ao qual estão vinculadas.

Nesse sentido, entende-se que a consolidação da sociedade de consumo segue a metamorfose da centralidade na cidade contemporânea. Desde o *grand magasin* parisiense, no século XIX, a mercadoria acompanha a transição a um novo regime óptico, onde sua forma de exposição, “seu valor para os olhos, era mais importante do que o seu valor de uso” (SARLO, 2014, p. 6). Em meados do século XX, com a invenção do *shopping center*, o luxo encontra um novo espaço de realização na cidade atual. No que se refere ao espaço urbano, o *shopping center* emerge como um componente do atual urbanismo, que opera materializando ícones, objetos que possuem uma existência própria na paisagem urbana, redirecionando os fluxos entre si – cidade no interior da cidade –, fenômeno entendido como *hubansimo* por Muñoz (2008). Assim sendo, embora o *shopping* manifeste-se como o ponto culminante do lazer mercantil, seu advento compreende uma mudança qualitativa com relação às galerias, passagens e grandes lojas, visto que ele

[...] não é simplesmente uma parte da cidade, mas sua substituição por um sistema novo, em que se atenua ou desaparece o que, no passado, caracterizou o urbano. Por isso, embora possa localizar-se numa cidade, esta lhe é indiferente, e ele pode ficar ao lado de uma autopista, num baldio ermo, sem necessitar de nada o que o cerca numa cidade (SARLO, 2014, p. 11).

No que tange às metrópoles latino-americanas, em que uma das tendências também é a de surgimento de uma morfologia urbana marcada pela periurbanização e o policentrismo (MATTOS, 2006), as desigualdades políticas e de renda, inerentes às formações socioespaciais desses países agravam a fragmentação socioespacial

em suas cidades. Ademais, na busca de perceber as particularidades das metrópoles do Terceiro Mundo, destaca-se que em tais cidades: a) a mobilidade espacial é significativamente menor para as classes de baixa renda; b) o sentimento de insegurança nas cidades diminui o apreço pelos espaços públicos e aumenta o interesse pelos espaços de consumo privados, tais como os *shopping centers*; c) os centros históricos são menos valorizados se comparar-se com as cidades dos países do Primeiro Mundo – “valorização” essa que ocorre, nesses países, pelo patrimônio arquitetônico existente, pelo turismo e por investimentos direcionados a esses locais; d) o Centro Principal, apesar de sua vitalidade, acaba tornando-se o principal local de consumo para as classes com menores rendimentos, enquanto as elites, ao possuírem maiores renda e mobilidade espacial, buscam exclusividade em outros centros (sobretudo os *shopping centers*) (SPOSITO, 2012, 2013).

A partir da década de 1990, a policentralidade começa a ser encontrada também em algumas cidades médias brasileiras (SILVA, 2008), apesar de os seus efeitos serem ainda muito recentes e, por isso, distintos do que se percebe no caso das metrópoles (SPOSITO, 2012). Essa generalização da redefinição da centralidade, para além das metrópoles, se deve à

- entrada nessas cidades de capitais comerciais de grande porte, com novas lógicas locacionais; - aumento do interesse dos capitais imobiliários na construção de novos equipamentos comerciais e de serviços, de forma associadas ou não a esses capitais comerciais; - acelerada expansão territorial urbana, gerando tecidos descontínuos e fragmentados; - ampliação da diferenciação sócio-espacial, refletindo-se, muitas vezes, em exclusão sócio-espacial; - melhoria das formas de transporte com destaque para o aumento do uso do transporte individual (SPOSITO, 2001, p. 237).

Até este momento caracterizamos a redefinição da centralidade e a entendemos como um dos fenômenos da reestruturação urbana e das cidades, reconhecendo sua ocorrência nas metrópoles e em algumas cidades médias brasileiras. Acreditamos que a compreensão da relação entre a redefinição da centralidade em cidades de diferentes tamanhos possa ser reforçada a partir de um breve retorno a Lefebvre (1999).

A urbanização da sociedade pode ser entendida, segundo Lefebvre (1999), como um processo que vai da total ausência de urbanização até aquilo que o autor denomina de sociedade urbana. Tal processo é representado por um eixo espaço-

temporal – visto que o fenômeno se desenvolve no tempo e se estende pelo espaço, modificando este último – em que estão destacadas as diferentes fases até a completa urbanização da sociedade (Figura 1).

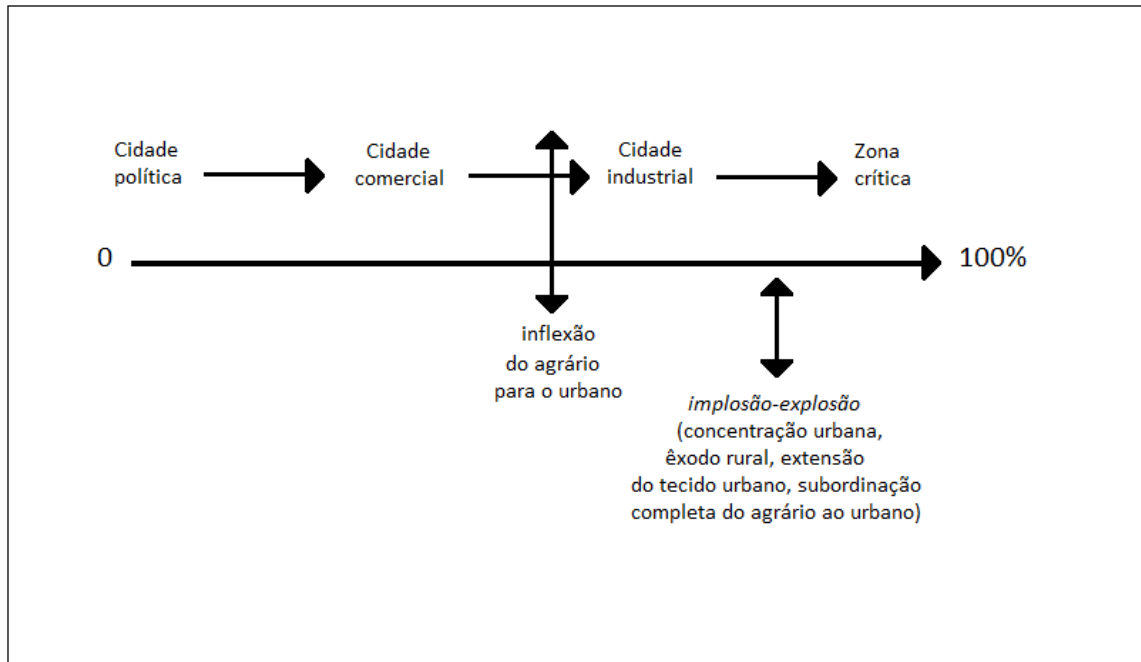


Figura 1 – Representação do processo de urbanização da sociedade

Fonte: Lefebvre, 1999.

Lefebvre trabalha com dois diferentes recortes temporais: períodos e fases (ARAÚJO, 2012). Os períodos (ou campos) são o rural, o industrial e o urbano. Tanto a existência individual quanto a sucessão desses períodos é compreendida numa concepção global, ou seja, trata-se de *campos* compostos “não apenas de “fenômenos sociais”, mas de sensações e de percepções, de espaços e de tempos, de imagens e conceitos, de linguagem e de racionalidade, de teorias e de práticas sociais” (LEFEBVRE, 1999, p. 35, grifo do autor). Já as fases referem-se às subdivisões desses períodos.

Interessa-nos, aqui, o processo de implosão-explosão trazido pela cidade industrial, a qual precede e anuncia a zona crítica. Tal processo compreende

a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos

(periferias, *subúrbios*, residências secundárias, satélites etc.) (LEFEBVRE, 1999, p. 24, grifo do autor).

A descentralização, que acompanha o espraiamento e o aumento da complexidade do tecido urbano causados pela implosão-explosão, é seguida inevitavelmente por novas centralizações (SILVA, 2009), tendo em vista ser o centro a essência da cidade e do urbano (LEFEBVRE, 1999). Além disso, “qualquer ponto *pode* tornar-se o foco, a convergência, o lugar privilegiado. [...]. De sorte que todo espaço urbano foi, é, e será, *concentrado* e *poli(multi)cêntrico*” (LEFEBVRE, 1999, p. 44, grifo do autor).

A produção do espaço urbano, nessa ótica, refere-se a um processo amplo que se realiza diversamente em tamanhos diferentes de cidade (HENRIQUE, 2010). As cidades médias brasileiras, dessa maneira, podem ser entendidas “[...] não como um conhecimento à parte do processo de urbanização, ou da totalidade, mas sim como particularidades e singularidades” (MAIA, 2010, p. 18). Portanto, a ocorrência do processo de implosão-explosão nas cidades médias, e a conseqüente redefinição de sua centralidade, justificam-se tendo em vista que tal processo está relacionado à sociedade urbana e não às cidades em si (SILVA, 2008). Nessa perspectiva, tal processo

[...] é primeiramente sentido nas metrópoles pelo fato de estas serem centros de comandos da rede urbana, sobretudo, pela configuração da rede urbana a partir de relações de hierarquia rígida. [...] Sendo assim, os estilhaços da centralidade oriundos da implosão-explosão são inicialmente percebidos nas metrópoles, mas num segundo momento, são também encontrados em cidades médias e até pequenas. (SILVA, 2009, p. 141).

Além desse descompasso temporal entre a ocorrência dos fenômenos em cidades de diferentes posições na hierarquia urbana, Henrique (2010) acrescenta que o eixo espaço-temporal que representa o processo de urbanização das cidades médias tem menor extensão se comparado à representação adequada ao caso metropolitano (Figura 1), ou seja, existe menor intervalo de tempo entre cada período ou fase. Com isso, o autor considera que as cidades médias brasileiras passam pelos diferentes períodos e fases da urbanização de maneira mais veloz, violenta e conflituosa.

Finalmente, podemos conceber a redefinição da centralidade como uma das tendências da urbanização que atinge primeiramente as metrópoles, mas que na atualidade já se percebe também em algumas cidades médias brasileiras. Ademais, sublinha-se a necessidade de se compreender tal fenômeno a partir do reconhecimento da formação socioespacial do país e da singularidade da cidade em que tal fenômeno ocorre.

1.1 Cidades médias: uma tentativa de aproximação

O momento do Pós-Segunda Guerra Mundial é acompanhado pelo emergir do período técnico-científico que, no caso brasileiro, segundo Santos (2012), corresponde a uma “nova urbanização”. Conforme o autor, devemos considerar a ocorrência simultânea dos fenômenos de metropolização e desmetropolização, isto é, “paralelamente ao crescimento cumulativo das maiores cidades do país, estaria havendo [...] a repartição, com outros grandes núcleos, de novos contingentes de população urbana” (SANTOS, 2008a, p. 91). Destacam-se, dentre tais outros núcleos urbanos, as cidades médias não metropolitanas que passam a desempenhar novos papéis nas redes urbanas regionais e conhecem, nas décadas de 1980 e 1990, um crescimento maior que o das metrópoles do país (MARICATO, 2011).

É nesse contexto que emerge o interesse pela temática das cidades médias no âmbito dos estudos urbanos brasileiros⁵. Essa temática revela sua complexidade na medida em que a própria conceituação desse objeto de estudo é dificultosa ao tratar-se de algo pouco conhecido e bastante diversificado (CORRÊA, 2007). Araújo, Moura e Dias (2011) chegam a afirmar que não há consenso acerca do conceito de cidade média. Assim, a seguir, pretende-se realizar breves apontamentos que permitam a aproximação desse complexo conceito e, por fim, identificar Santa Maria como uma cidade média.

⁵ Em 1973, a tese de doutoramento de Oswaldo Bueno Amorim Filho, denominada “*Contribution à l'étude des Villes moyennes au Minas Gerais – Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais*”, pode ser considerada o marco inicial dos estudos acerca das cidades médias no Brasil e, possivelmente, na América Latina (AMORIM FILHO, 2007).

Dois aspectos parecem basilares na tentativa de precisar o conceito de cidade média. O primeiro deles se refere à necessidade de considerarmos a singularidade dessas cidades, não as concebendo como metrópoles de menor tamanho ou como cidades num estágio em evolução em relação àquelas (WHITACKER, 2007). Já o outro aspecto, compreende a importância de se distinguir entre os termos cidade de porte médio e cidade média: este se refere aos papéis de uma cidade numa determinada rede urbana, enquanto aquele está relacionado unicamente ao tamanho populacional (SPOSITO, 2012).

Embora critérios demográficos sejam ainda os mais utilizados para classificar uma cidade média – uma vez que o tamanho populacional está relacionado à diversidade de funções regionais e à complexidade do espaço intraurbano (CORRÊA, 2007) – não se pode esquecer que tais critérios variam temporalmente e regionalmente. Desse modo, parâmetros elaborados para identificar uma cidade média, em um determinado período, não possuem validade em outro momento histórico: “o número, em momentos distintos, possui significados diferentes” (SANTOS, 2008a, p. 79). Da mesma maneira, critérios classificatórios elencados para uma determinada região podem não ser aplicáveis a outros contextos, isso porque, no caso brasileiro, o extenso território nacional abriga consideráveis disparidades de base produtiva e de ocupação territorial (SANTOS, 2010).

No Brasil, atualmente, o tamanho demográfico da cidade média é considerado, em geral, nos limites entre 100 e 500 mil habitantes. Essa concepção, todavia, não é aplicável às regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país, visto que municípios com tamanho entre 50 e 100 mil habitantes já desempenham o papel de cidade média nessas regiões (ARAÚJO; MOURA; DIAS, 2011).

Recentemente, levando em conta tais complexidades, uma série de autores defende que critérios estritamente quantitativos são insuficientes para a elaboração de uma classificação de cidades médias; revelando-se importante a adoção de critérios funcionais e qualitativos (BRANCO, 2006). Corrêa (2007), nesse sentido, destaca três elementos para a construção de um conceito de cidade média: a) presença de uma elite empreendedora ativa, com interesses locais e regionais, estabelecendo relativa autonomia econômica e política para a cidade; b) localização relativa da cidade, que deve ser caracterizada como um importante foco das vias de

circulação e nó de tráfego e c) interações espaciais multidirecionadas e multiescalares.

Corrêa (2007), ainda, insiste na necessidade de um esforço de consideração também da organização do espaço intraurbano como elemento de classificação de uma cidade média. Amorim Filho, já em 1976, demonstrava tal preocupação e atentaria para a importância da presença de um espaço intraurbano com os seguintes elementos:

Um centro já relativamente complexo (com grande número de equipamentos servindo um espaço que ultrapasse os limites puramente locais); Um número variável de subcentros (cuja forma, funções e espaço de relações variam grandemente de cidade para cidade, mas que atendem, em sua maioria, apenas às necessidades de populações locais); Uma periferia que evolui mais através de “saltos” (Descontinuidades espaciais repentinas, resultando numa estrutura polinuclear), do que através de uma expansão lenta e homogênea de toda a “coroa periférica” do tecido urbano (AMORIM FILHO, 2007, p.74, grifo do autor).

As considerações de Amorim Filho (2007) se referem à cidade média brasileira no final da década de 1970, porém já sinalizam uma atenção ao espraiamento descontínuo do tecido urbano e à presença de novas centralidades (subcentros) como critérios de classificação de uma cidade média. Recentemente, ao analisar as transformações na centralidade das cidades de Campina Grande, Uberlândia e Passo Fundo, Maia (2009) também se questiona sobre o fato de o policentrismo ser um critério de identificação de uma cidade média. O questionamento, a seguir, sintetiza as reflexões da autora: “a perda da centralidade única, ou a presença de indícios da dissolução da *Cidade Histórica* ou *Tradicional* constituirá um elemento identificador da cidade média?” (MAIA, 2009, p. 198, grifo do autor).

Nesse contexto de complexidade, diversidade e incertezas, como identificar Santa Maria como uma cidade média? Parece fundamental ancorar-se no entendimento das cidades médias como cidades que cumprem funções intermediárias numa determinada rede urbana (SPOSITO, 2007). Assim, podemos nos apoiar em Soares e Ueda (2007) que, a partir da ótica qualitativa, definem Caxias do Sul, Pelotas, Santa Maria e Passo Fundo como as principais cidades médias do Rio Grande do Sul. Para os autores, tais cidades se apresentam como “[...] importantes nós da rede urbana e do sistema territorial [...] que corroboram para que a urbanização seja um

fenômeno relativamente generalizado no território gaúcho” (SOARES; UEDA, 2007, p. 382).

1.2 Características do processo espacial de descentralização

Compreendida a redefinição da centralidade como uma tendência da urbanização contemporânea e entendida, genericamente, a singularidade das cidades médias brasileiras, podemos nos questionar sobre qual noção ou conceito permite um melhor tratamento do processo gerador das novas centralidades na cidade. Por um lado, as noções de implosão-explosão e urbanização difusa, anteriormente utilizadas, possibilitaram a compreensão da redefinição da centralidade como um fenômeno integrante de processos mais amplos de metamorfose do urbano e da cidade. Por outro lado, as noções de policentralidade e multicentralidade, além das de centralidade cambiante e centralidade complexa, permitiram a qualificação dos novos centros na cidade. Acreditamos, assim, que a noção de descentralização possibilitará o exame do processo que origina essas novas centralidades. Isso porque, a descentralização, segundo Corrêa (2004), pode ser concebida como o processo espacial⁶ que materializa no espaço urbano um complexo conjunto de núcleos secundários industriais ou de comércio e serviços.

Inicialmente, antes de adentrar na discussão acerca do processo de descentralização, faz-se importante realizar alguns apontamentos sobre os conceitos de centro e centralidade. Distinguem-se aqui duas escalas: a intraurbana, em que a cidade aparece como uma área com extensão; e a interurbana, na qual a cidade é um ponto (BARATA-SALGUEIRO, 2012). Seja qual for a escala, o centro é sempre uma concentração de fixos de onde se direcionam/emanam uma infinidade de fluxos. Portanto, se o centro diz respeito aos *fixos*, a centralidade se manifesta em *fluxos* (SPOSITO, 2013); se o centro se manifesta como *lugar*, a centralidade aparece como *condição* (FERNANDES, 2012).

⁶ Corrêa (2004, p. 36) define o processo espacial como "um elemento mediatizador que viabiliza que os processos sociais originem as formas espaciais".

No entendimento do centro no espaço intraurbano – escala que interessa a esta pesquisa –, Barata-Salgueiro (2012) ressalta três dimensões analíticas, que são a geométrica, a funcional e a simbólica. Essas dimensões coexistem inter-relacionadas, sendo sua separação apenas um exercício de abstração. Elas permitem uma aproximação mais global do conceito de centro. Por meio da *dimensão geométrica* percebe-se o centro como o local das menores distâncias à periferia, sendo que, posteriormente, a acessibilidade passa a ser reconhecida como mais importante do que a distância física. Na *dimensão funcional*, por outro lado, o centro é a área que concentra as atividades terciárias, manifestando-se como um espaço de realização do capital e reprodução da vida. Por fim, a *dimensão simbólica* concebe o centro pela sua valorização na esfera dos sentidos, isto é, através da atratividade que uma localidade possui ao ser dotada de elevado capital simbólico – dada pelo poder ou status social dos grupos sociais que a ocupam (BARATA-SALGUEIRO, 2012).

Outrossim, atentando-se ao tempo histórico, parece importante a concepção do centro “como um organismo proteiforme, sujeito a um processo permanente de mudança” (SANTOS, 2008b, p. 31). Nessa ótica, embora o centro tenha sido historicamente apropriado pela classe dominante, desde a Antiguidade, e se apresentado como um “conjunto vivo de instituições sociais e de cruzamento de fluxos [...]” (VILLAÇA, 2001, p. 238), nas cidades tipicamente capitalistas, a partir do final do século XIX, ele passa a ser dominado pelo mercado e definido por “um sistema viário uniforme e pelo intenso uso do solo por parte das atividades privadas de comércio varejista e serviços [...]” (VILLAÇA, 2012, p. 110).

Durante o século XX, como já discutido em seção anterior, a centralidade passa por transformações significativas. Le Goff (1998) sustenta, nesse sentido, com base na realidade norte-americana, mas também europeia e latino-americana, que a tendência é a de multiplicação dos centros nevrálgicos (centralidades) ao mesmo tempo em que o Centro Principal se torna Centro Histórico, um centro-museu⁷. Barata-Salgueiro (2012), com isso, alerta sobre a dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de identificação do “centro nas metrópoles contemporâneas que ocupam vastos

⁷ Na contemporaneidade, na ótica de Le Goff (1998), se o centro ainda brilha, trata-se apenas da beleza da morte. Faz-se necessário, todavia, apontar que o Centro Principal nas cidades brasileiras ainda mantém considerável vitalidade, apesar de as tendências de descentralização já estarem redefinindo o seu papel (VILLAÇA, 2001; SPOSITO, 2012).

territórios e apresentam estruturas muito complexas de centralidades múltiplas” (BARATA-SALGUEIRO, 2012, p. 18).

Reis (2009) permite precisarmos essas transformações na centralidade, ao distinguir duas fases do processo de descentralização sobre a estrutura da cidade capitalista durante o século XX. Em um primeiro momento, que vai da década de 1920 a 1970, observa-se a formação de ruas e áreas especializadas, ligadas tanto ao processo de descentralização quanto ao de centralização, e a formação de subcentros – sendo o subcentro regional a manifestação mais importante do processo em questão, ainda que apenas ratifique a supremacia e a dominância do Centro Principal na cidade. Nessa perspectiva, no período em questão, a descentralização se caracteriza como

o processo espacial que manifesta a emergência de núcleos secundários que, não obstante possam variar quanto à forma, função e escala, preservam em comum o fato de serem, todos, submetidos à supremacia do Núcleo Central de Negócios da Área Central na hierarquia de centros intra-urbanos (REIS, 2009, p. 179).

A segunda fase de realização do processo de descentralização compreende o período de 1970 até a atualidade. Diferenciando-se do período anterior, neste momento a descentralização se denuncia por meio da materialização de novas expressões de centralidade intraurbana com importância igual ou mesmo superior ao Núcleo Central de Negócios. A descentralização, dessa maneira, passa a ser conceituada como

o processo que promove a tendência progressiva das atividades mais especializadas deixar o seu, até então, “habitat natural” no interior das grandes áreas metropolitanas, qual seja, o Núcleo Central de Negócios, e se transferir para núcleos secundários afastados da Área Central (COFFEY; SHEARMUR, 2001 apud REIS, 2009, p. 183, grifo nosso).

Entende-se, assim, que a formação de centros na cidade, feita através das dinâmicas de centralização e descentralização, possui variações no processo histórico. Sposito (2001), atentando para a gama de determinantes que impulsionam tal fenômeno, ressalta os seguintes aspectos:

mudanças nos papéis urbanos de cada cidade numa divisão do trabalho que se estabelece entre as cidades de uma rede urbana; ritmo de crescimento econômico e demográfico das cidades; formas de expansão dos tecidos urbanos relacionadas com seus sítios urbanos; instalação de novas infra-estruturas para circulação e emergência de novas formas de transporte; ampliação dos gradientes intraurbanos de preços fundiários e imobiliários; investimentos privados e públicos, estes últimos, sobretudo, em meios de consumo coletivo; dinâmicas de diferenciação socioespacial dos usos do solo residencial, comercial e de serviços; etc. (SPOSITO, 2001, p. 237).

O processo de descentralização, por isso, deve ser encarado como um fenômeno complexo causado por diversos fatores (CORRÊA, 2004; MARASCHIN, 2013) e apresentando variadas expressões com o tempo. Defrontamo-nos, assim, com a seguinte questão: quais fatores influenciam a localização de um estabelecimento comercial ou de prestação de serviços? Vargas (2001, p. 61) sustenta que uma localização boa para o varejo comercial ou de serviços é “aquela onde é possível de incorporar e usufruir de um grande poder de compra”, obtido através da densidade populacional e da renda em uma área de influência. Tal autora ainda, considerando o percurso trilhado pela teoria locacional varejista, iniciada por Walter Christaller, destaca que na atualidade os fatores que influenciam a localização do setor terciário são: trabalho, capital, demanda, transporte, fluxos, organização empresarial, política, contexto sociocultural, tecnologia e espaço físico (VARGAS, 2001).

Corrêa (2007) percebe o crescimento demográfico e espacial da cidade como uma das variáveis fundamentais que impulsionam a descentralização. Isso porque, ele ocasiona o aumento da distância entre o centro e a periferia e, desse modo, “uma maior divisão econômica do espaço”, que tem como expressão a “origem dispersa e [a] formação de núcleos de atividades derivados de economias de aglomeração, distantes do centro” (CORRÊA, 2007, p. 24). Para Corrêa (2014), ainda enfocando o âmbito da cidade, a descentralização pode ocorrer por meio dos seguintes fatores:

o aumento constante do valor da terra, impostos e aluguéis, afetando certas atividades que perdem capacidade de se manterem localizadas na Área Central; congestionamentos e alto custo do sistema de transportes e comunicações, que dificulta e onera as interações entre firmas; dificuldades de obtenção de espaço para expansão; restrições legais implicando na ausência de controle do espaço; ausência ou perda de amenidades, afetando atividades e população de alto *status*, mas também deve-se às pressões contra determinados tipos de uso de terra, como indústrias poluentes, por exemplo. (CORRÊA, 2014, p.125, grifo do autor).

Além disso, segundo Maraschin (2013), a descentralização pode ser compreendida a partir da oferta. Sob essa ótica, a autora destaca dois fatores: a) *mudanças nas empresas*: modernizações, ampliação na escala de operações e modificações no uso do solo que resultam numa busca por terrenos maiores e baratos, os quais podem ser encontrados apenas distantes do centro e b) *mudanças relacionadas à concorrência no mercado*: excesso de oferta de determinado tipo de comércio que leva à intensificação da concorrência e à saturação do mercado em uma determinada área da cidade, o que resulta numa busca por novas localizações.

Os diferentes movimentos de descentralização ocorrem através da realocação de empresas outrora restritas ao Centro Principal ou do surgimento de empresas em determinadas áreas (SPOSITO, 2001). A realocação parece referir-se não apenas ao fechamento de empresas da Área Central e sua reabertura em outros locais, mas também ao estabelecimento de filiais de lojas do Centro em novas áreas da cidade. O surgimento, por outro lado, remete a empreendimentos que surgem a partir da iniciativa, principalmente, de pequenos e médios capitais, seja de moradores dos bairros em que estão os novos centros ou de investidores de outros locais (de outros bairros da cidade, de outros municípios, etc.).

Com base no que fora discutido até então, pode-se aglutinar em dois grupos a diversidade de fatores que colocam em movimento dinâmicas de descentralização do setor terciário: a) *transformações no espaço urbano*: mudanças na cidade que acabam por expulsar as atividades econômicas do Centro Principal (deseconomias de aglomeração) ou atrair a outros locais (externalidades positivas); b) *transformações nas empresas*: mudanças no âmbito das empresas (tecnológicas, organizacionais, de tamanho, etc.) ou novas estratégias locacionais que as expulsam do Centro ou atraem-nas para outras áreas da cidade. Cabe sublinhar que a dimensão temporal não deve ser desconsiderada em ambos os grupos de fatores, isto é, as características do espaço urbano e das empresas se transformam com o tempo, modificando o jogo de fatores locacionais que colocam em marcha a descentralização.

Corrêa (2004) e Villaça (2001) afirmam que os novos espaços comerciais e de serviços na cidade, resultantes da descentralização, podem ser denominados

subcentros. Numa tentativa de precisar o que se entende como subcentro⁸, procura-se considerá-lo como uma miniatura do Centro Principal, com o qual concorre apesar de nunca a ele se igualar (CORRÊA, 2004; VILLAÇA, 2001). Enquanto a magnitude de um subcentro depende da densidade e do nível de renda da população da área em que está localizado, sua centralidade sobre a cidade depende de sua variedade equilibrada de comércio e serviços (CORRÊA, 2004; VILLAÇA, 2001).

Os subcentros podem ser diferenciados em forma (áreas ou eixos), níveis de centralidade (regionais, de bairros etc.) e pela oferta de bens e serviços (diversos ou especializados⁹) (CORRÊA, 2004). Villaça (2001), ainda, acrescenta outra distinção para os subcentros que apresentam atividades diversificadas. O autor propõe que há subcentros tradicionais e subcentros formados por *shopping centers*. Este é instituído por meio de decisões de empreendedores, enquanto que aquele é formado pelas forças de mercado.

Ressalta-se, neste momento, que o subcentro parece não ser a única forma resultante do processo de descentralização, mas sim uma expressão de centralidade condizente com a multicentralidade (SPOSITO, 2012) ou com a primeira fase de descentralização da cidade capitalista do século XX (REIS, 2009). Ademais, embora Villaça (2001) trate o *shopping center* também como um subcentro, nesta pesquisa acreditamos que o *shopping* se refira às dinâmicas mais recentes e com propriedades diferenciadas que se aproximam da policentralidade. Além dessas duas expressões de centralidade já citadas, isto é, o (a) subcentro e o (b) *shopping center*, pode-se destacar outras, tais como (c) área de expansão do núcleo central, (d) desdobramento do núcleo central de negócios etc. (REIS, 2009).

Finalmente, pode-se considerar a complexidade do processo de descentralização do setor terciário nas cidades, sendo causado por uma infinidade de variáveis e resultando em uma série de expressões de centralidade que variam no decorrer do tempo. Lembrando Rio Fernandes (2012), muitas vidas tem o centro e muitos centros tem a vida de uma cidade.

⁸ Kneib (2008) reclama o fato de que, enquanto existem inúmeros conceitos de áreas centrais, são escassas as definições conceituais referentes aos subcentros.

⁹ Ressaltamos que as proposições de Corrêa baseiam-se em Brian Berry (CORRÊA, 2004).

1.3 Da metrópole latino-americana à cidade média de Santa Maria/RS

Até então buscou-se compreender a redefinição da centralidade como uma das dinâmicas da produção do urbano e enquanto tendência da urbanização contemporânea (capítulo 1); entender a singularidade das cidades médias brasileiras (item 1.1) e conceber a descentralização como o processo gerador da novas centralidades na cidade (item 1.2). Neste momento, pretende-se realizar uma primeira aproximação, assim como levantar questionamentos acerca da redefinição da centralidade em Santa Maria.

Borsdorf (2003) e Janoschka (2002) dividem em quatro etapas o processo de desenvolvimento urbano das metrópoles latino-americanas. A primeira fase, que compreende o período de 1500 até 1820, corresponde à formação de uma cidade compacta de estrutura espacial centro-periferia. Tal estrutura é rompida durante a segunda fase, entre os anos de 1820 a 1920, quando ocorre a expansão linear do centro e aparecem as primeiras zonas industriais ao longo das linhas férreas. Na quarta fase, entre 1920 e 1970, as tendências anteriores se intensificam, expandindo o perímetro urbano, ao mesmo tempo em que ocorre o crescimento celular. Por fim, na última fase, que se estende desde 1970 até os dias de hoje, continuam vigentes apenas tendências de crescimento setorial-linear e celular, porém com novos contornos que se expressam na fragmentação do tecido urbano.

Essas fases podem ser utilizadas para revelar os diferentes momentos da redefinição da centralidade nas metrópoles latino-americanas, assim como o faz Maraschin (2013). Destacam-se, dessa maneira, os seguintes momentos: a) *cidade compacta*: o comércio se localiza nas proximidades da área central; b) *cidade setorial*: o centro administrativo se torna centro comercial e se expande linearmente; c) *cidade polarizada*: descentralização do comércio que forma núcleos e corredores distantes do centro e d) *cidade fragmentada*: descentralização do comércio através de “ilhas comerciais”, ou seja, equipamentos de grande porte como *shopping centers*, hipermercados, mega-lojas de descontos etc. (MARASCHIN, 2013; BORSDORF, 2003).

Rocha (2011) sustenta que a cidade de Santa Maria passou pelas mesmas fases de desenvolvimento urbano das metrópoles latino-americanas, porém em momentos diferentes e com menor intervalo de tempo entre cada fase (Tabela 1). Isso não quer dizer que Santa Maria seja uma metrópole de menor tamanho, mas que as dinâmicas que aparecem, primeiramente, nas metrópoles do país ocorrem, posteriormente, também na cidade média em questão, ainda que de maneira singular.

Tabela 1 – Fases do desenvolvimento de Santa Maria

Fase	1777-1930	1930-1960	1960-1980	1990 até hoje
Desenvolvimento urbano	Primeira fase: cidade compacta	Segunda fase: cidade setorial	Terceira fase: estruturação	Quarta fase: reestruturação
Principio da estruturação espacial	Centro-periferia	Linearidade/setorial	Polarização	Fragmentação
Símbolo	Praça	Avenida de ferrovia	Galerias, Rodovias e bairros de alta e baixa renda	Condomínios fechados, shoppings e calçada
Crescimento	Imigração europeia	Migração interna	Migração interna	Menor crescimento da metrópole aumenta o crescimento das cidades médias
Circulação	Carroças e ferrovia	Ferrovia e rodovia	Rodovias	Ampliação dos acessos rodoviários à cidade.

Fonte: Rocha, 2011.

A aproximação, realizada por Rocha (2011), entre o desenvolvimento urbano de Santa Maria e os modelos de Borsdorf (2003) e Janoschka (2002) permite trazer luz ao nosso objeto de estudo. Assim, a observação do atual modelo de organização sócio-espacial da cidade (Figura 2) revela alguns aspectos sobre a redefinição da centralidade na cidade:

- a. O Centro Principal reforçado pela presença de *shopping centers*;
- b. A expansão linear do Centro no sentido leste – direção principal também de expansão urbana de Santa Maria;

c. A relativa dispersão do comércio às margens das principais vias de circulação nas regiões leste, oeste e sul, com exceção da região norte;

d. A presença de duas aglomerações comerciais nas zonas leste e oeste da cidade classificadas pela autora como subcentros comerciais.

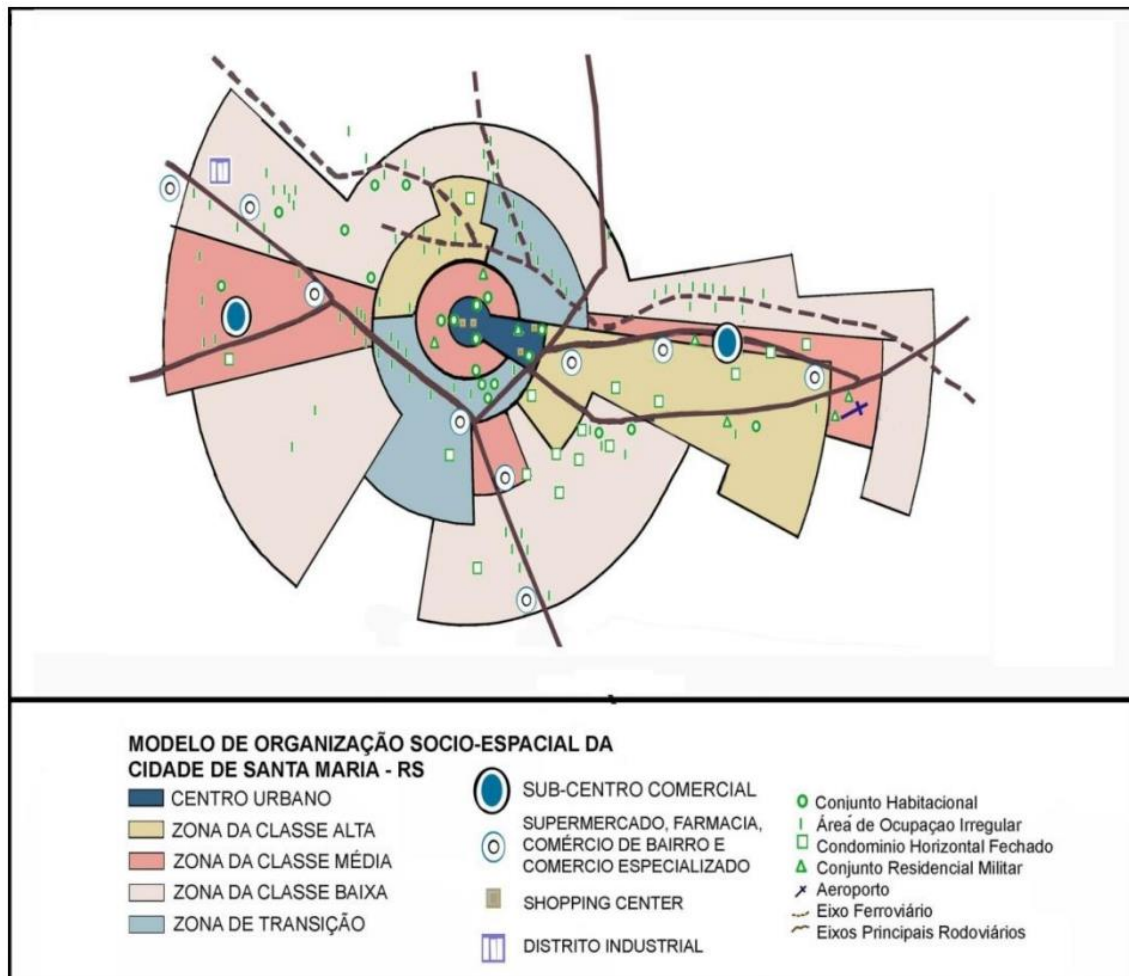


Figura 2 – Modelo de organização sócio-espacial da cidade de Santa Maria/RS

Fonte: Rocha, 2011.

Como considerações de síntese deste capítulo, através de discussões feitas até este momento, podemos levantar alguns questionamentos: Por que o processo de descentralização do setor terciário em Santa Maria é mais expressivo nas zonas leste e oeste e pouco significativo em outras áreas da cidade? As transformações na centralidade permitem qualificarmos o fenômeno como multicentralidade ou

policentralidade? Seriam essas aglomerações terciárias subcentros dessa cidade média? Como a presença dos dois novos centros afeta o cotidiano dos moradores dos respectivos bairros? Estaria alterando também a sua percepção de centro e de periferia?

Finalmente, reencontrando a problemática deste estudo, cabe ainda perguntarmo-nos: a descentralização em Santa Maria se apresenta como um fenômeno em estagnação ou em desenvolvimento? Seria Santa Maria um espaço em transição para o fim da centralidade única?¹⁰

¹⁰ O termo “espaços em transição” foi empregado por Roberto Lobato Corrêa, em 2006, referindo-se às cidades médias brasileiras, no *II Simpósio Internacional Cidades médias: dinâmicas econômicas e produção do espaço*, ocorrido em Uberlândia. Conforme Sposito (2007), para cunhar tal expressão, Corrêa se baseia no livro *Villes de Transition* de P. George e N. Commerçon, de 1999, que atentava às cidades médias francesas. Posteriormente, em 2007, o termo intitularia um livro organizado por Sposito: *Cidades médias: espaços em transição*.

2 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo se divide em dois momentos intitulados método e procedimentos operacionais. No primeiro, buscamos precisar o método de interpretação e o quadro teórico-metodológico que norteará a análise. Já no segundo, descreve-se as etapas da operacionalização da pesquisa.

2.1 Método

O estudo se utilizará de uma abordagem de cunho qualitativo com ancoragem no método de interpretação dialético, tendo como quadro de referência o materialismo histórico. Essa escolha se deve à capacidade desse método em explicar o objeto de estudo desta pesquisa – sem deixar de lado o fato de que a afinidade teórico-ideológica do pesquisador influenciou tal decisão. O materialismo histórico “estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências política, econômicas, culturais, etc.” (GIL, 1999, p. 32), sendo o método mais condizente com as ciências sociais (DEMO, 2008). Ressalta-se que a dialética que se pretende tratar aqui é aquela relacionada ao espaço geográfico.

Ao se buscar a origem de um pensamento dialético estreitamente relacionado ao espaço, parece importante remontar a Henri Lefebvre, uma vez que tal autor pode ser considerado como o primeiro a se ocupar com a produção do espaço (SANTOS, 1986). Lefebvre, no entanto, defende uma visão triádica da dialética, composta por práticas do espaço, representações do espaço e espaços de representação. O espaço social, assim, aparece como uma realidade tridimensional: 1) o *espaço concebido*, que se refere ao espaço planejado pelos tecnocratas e planejadores; 2) o *espaço percebido*, que é a materialidade experimentada pela experiência sensível e 3) o *espaço vivido*, que compreende a pluralidade do cotidiano (LEFEBVRE, 2013).

Milton Santos, ainda que evidentemente influenciado pelas proposições lefebvrianas, atenta para a produção do espaço geográfico. Santos (1985) considera o espaço geográfico como a soma entre a natureza (meio ecológico mais a artificialidade criada pelo homem) e a sociedade, ou seja, entre a paisagem e o homem, entre a materialidade e a ação, entre a forma e o conteúdo. A relação dialética, todavia, não se dá entre a sociedade e a paisagem, visto que esta última diz respeito apenas às formas e, logo, não possui uma dinâmica em si. Somente há dialética entre as formas preenchidas pela ação humana (formas-conteúdo) e novos conteúdos em busca de realização, isto é, uma dialética entre o espaço geográfico e a sociedade (SANTOS, 2002).

O espaço geográfico se apresenta, desse modo, como um híbrido, um misto de formas-conteúdo; definido, sobretudo, através da inseparabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2002). Adotando tal perspectiva, é possível afastar-se das dicotomias tradicionais da geografia, tais como meio físico e meio técnico, formas e conteúdo, espaço e tempo.

Essa integração entre espaço e tempo, discutida teoricamente, deve ser considerada também no âmbito analítico-metodológico¹¹. Santos (2002) destaca a periodização como metodologia analítica para realizar essa integração. Nessa abordagem, deve-se compreender a dinâmica do movimento dialético da realidade, revelada através do *regime* e da *rotura*: o primeiro se refere a um período de coesão do sistema espaço-temporal, enquanto a segunda compreende os momentos de crise e transição para outro período de coesão (SANTOS, 2011). Infere-se ainda que, além do reconhecimento das formas e da sucessão dos acontecimentos, a abordagem espaço-temporal busca a apreensão dos processos, ou seja, “das relações entre o que está fixo e o que está em movimento, no tempo e no espaço, em cada momento, em cada lugar, sempre e transitoriamente” (SPOSITO, 2006, p. 156).

Tendo em vista que a abordagem espaço-temporal desta pesquisa se refere a uma cidade, parece necessário, ainda, pontuar-se alguns aspectos referentes ao espaço urbano. É possível definir o espaço urbano como sendo fragmentado e articulado, reflexo e condição social, campo simbólico e de lutas (CORRÊA, 2014).

¹¹ Santos (2002) alerta sobre a existência de uma “frouxidão conceitual” acerca da consideração da categoria tempo nos estudos geográficos, sendo que a utilização de metodologias frágeis para integrar tempo e espaço é citada, pelo referido autor, como um dos aspectos desse problema.

Conforme diz Lefebvre (1999), a produção do espaço urbano é realizada pela “atividade de “agentes” ou “atores” sociais, de “sujeitos” coletivos, operando por meio de impulsos sucessivos, projetando e modelando de modo descontínuo (relativamente) extensões de espaço” (LEFEBVRE, 1999, p. 117, grifo do autor). Tais agentes sociais, que possuem às vezes interesses contraditórios, são os (a) proprietários dos meios de produção, (b) proprietários fundiários, (c) promotores imobiliários, (d) Estado e (e) grupos sociais excluídos (CAPEL, 1983; CORRÊA, 2014).

Até aqui se buscou realizar um breve alinhamento teórico-metodológico, que norteará a pesquisa. A partir das proposições acima pontuadas, pretende-se desenvolver uma análise espaço-temporal que leve em consideração o conjunto das variáveis e suas interinfluências paralelamente a uma perspectiva multiescalar. Nessa ótica, pode-se ter como enfoque a escala intraurbana, buscando atentar à sua especificidade, mas sem esquecer as influências provenientes de outras escalas.

2.2 Procedimentos operacionais

Com a finalidade de atingir os objetivos citados em seção anterior, o presente estudo consistiu de pesquisa teórica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Além dessas etapas, pode-se distinguir outras que são a sistematização de dados e a análise.

Na *pesquisa teórica*, visou-se a elaboração de um referencial que possibilitou a compreensão do fenômeno em análise. Isso foi realizado com base em livros, teses, dissertações, artigos e demais meios bibliográficos (virtuais e impressos). Tal etapa deste estudo aparece também como o eixo de sustentação para os demais momentos da pesquisa. Isso porque, a compreensão das diversas facetas do fenômeno levou ao reconhecimento da necessidade de se considerar determinados elementos e variáveis essenciais no processo investigatório.

Nesse sentido, a seguir, busca-se apontar os principais aspectos e referências do arcabouço teórico elaborado: a) a compreensão da redefinição da centralidade

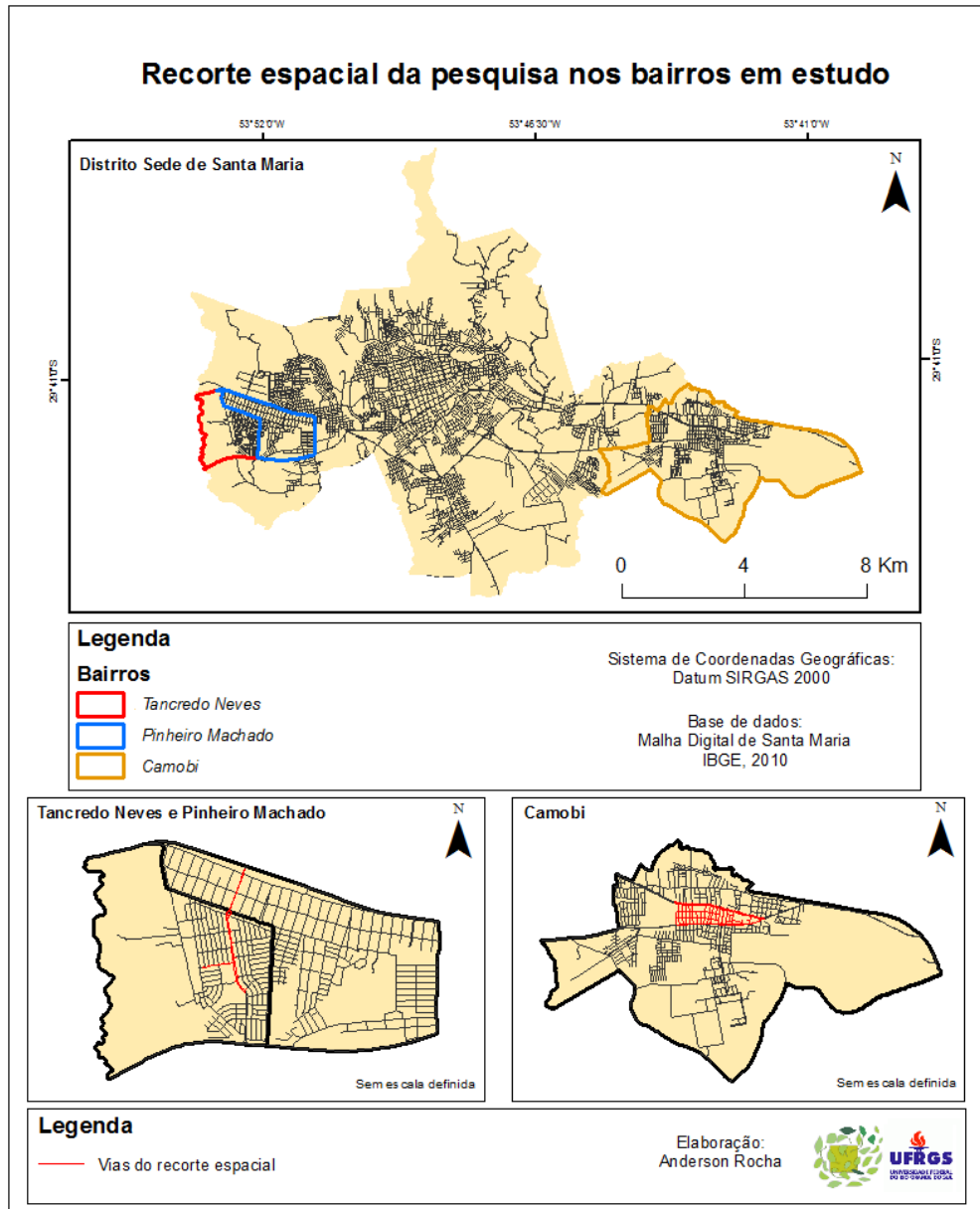
como uma tendência da urbanização e a ocorrência desse fenômeno em cidades de diferentes tamanhos (LEFEBVRE, 1999; SILVA, 2009; HENRIQUE, 2010; SPOSITO, 2001); b) o exame das singularidades das cidades médias na hierarquia urbana do país (CORRÊA, 2007; SANTOS, 2008; BRANCO, 2006; SPOSITO, 2007; SOARES; UEDA 2007); c) a caracterização do processo espacial de descentralização e da localização comercial (CORRÊA, 2014; REIS, 2009; MARASCHIN, 2013; VARGAS, 2001) e d) a aproximação entre a questão da redefinição da centralidade na metrópole latino-americana e na cidade média de Santa Maria/RS (JANOSCHKA, 2002; BORSDORF, 2003; MARASCHIN, 2013; ROCHA, 2011). Ainda nesse momento, buscou-se como referência diversos estudos de geografia urbana, urbanismo e história com ênfase na cidade de Santa Maria.

Antes de adentrar na discussão das pesquisas documental e de campo, cabe sublinhar que o recorte espacial inicial para a aquisição dos dados primários e secundários foi o dos bairros Camobi e Tancredo Neves, localizados nas regiões administrativas leste e oeste da cidade, respectivamente (Mapa 2). Embora as aglomerações comerciais e de serviços estejam concentradas em uma pequena área de cada uma dessas localidades, optou-se pelo bairro como recorte espacial não só pela escassez de delimitações espaciais dessas áreas de concentração do terciário em pesquisas anteriores sobre a cidade, como também pela possibilidade das centralidades terem mudado, com o passar do tempo, a sua localização no interior dos referidos bairros. Assim sendo, a seleção arbitrária de um recorte espacial mais aproximado dos novos centros – como, por exemplo, de determinadas ruas desses bairros –, apesar de aparentemente mais preciso, poderia prejudicar a apreensão do fenômeno em estudo.

Durante os primeiros contatos com o campo, pôde-se repensar esses recortes espaciais iniciais conforme a disposição do terciário pelas vias dos bairros¹². Em Camobi, precisou-se o recorte espacial para uma área entre a RS-509 e a BR-287 – estendendo-se a leste pela presença de importantes fixos. Com relação ao bairro Tancredo Neves, o recorte foi a área ao longo das vias Paulo Lauda e Armin Schvarcz.

¹² Alerta-se, desde já, que os estabelecimentos do setor terciário enfocados neste estudo (no levantamento e na sistematização) são os pertencentes à iniciativa privada.

Ademais, uma área do bairro Pinheiro Machado¹³ foi integrada ao recorte espacial, visto que a rua Maranhão, uma continuidade da Av. Paulo Lauda, aparenta ser uma extensão do centro do bairro Tancredo Neves (Mapa 2).



Mapa 2 – Delimitação das áreas de estudo no interior dos bairros

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹³ O bairro Pinheiro Machado faz divisa com o Tancredo Neves e possui 10.493 habitantes e 3,5924 km² de área (ADESM, 2012). Essa proximidade entre os dois bairros parece justificar o fato de diversos entrevistados, durante a pesquisa de campo, referirem-se a esses bairros como partes de um conjunto único.

Na *pesquisa documental*, segunda etapa desta metodologia, foi realizado o levantamento de dados secundários sobre os bairros em análise. Essa etapa existe numa relação de complementariedade com o momento da pesquisa teórica dedicado aos estudos anteriores sobre a cidade de Santa Maria, ou seja, busca-se aqui encontrar dados que contribuam para a análise espaço-temporal da pesquisa. O levantamento se refere aos bairros Camobi e Tancredo Neves, em momentos históricos precedentes, compreendendo três grupos de dados: oferta (natureza e quantidade de estabelecimentos terciários), demanda (dados demográficos, tais como renda e densidade populacional) e acessibilidade (condições de circulação às/nas áreas que concentram as atividades terciárias). O levantamento ocorreu por meio do exame de fontes hemerográficas (jornais, revistas, etc.)¹⁴, que tratavam direta ou indiretamente dos bairros em questão, bem como junto aos diversos setores da Prefeitura Municipal de Santa Maria, da Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria – CACISM, da Agência de Desenvolvimento de Santa Maria – ADESM, dentre outras instituições.

A terceira etapa correspondeu à *pesquisa de campo*. É nesse momento, de contato do pesquisador com o objeto/sujeitos em estudo, das teorizações com uma realidade sempre mais complexa, que os desafios de maior expressão em uma pesquisa afloram. O trabalho de campo é ainda, ao mesmo tempo, essencial para a pesquisa em ciências sociais, podendo ser visto como o contraponto dialético da teoria social (MINAYO, 1993). Neste estudo, o trabalho de campo realizado pode ser dividido em dois momentos distintos: observação de campo e aplicação de questionários.

A referida observação de campo abarcou algumas diretrizes específicas para a sua realização, podendo ser identificada como observação com um determinado grau de sistematização (RICHARDSON, 1999). Tais diretrizes dizem respeito ao levantamento de dados relacionados à oferta (natureza e categoria dos empreendimentos do bairro). Esses dados, por sua vez, foram a base para a elaboração gráfica e cartográfica, feita em momento posterior, objetivando revelar as funções de cada aglomeração de comércio e serviços em estudo e a sua configuração espacial. A relativização desse caráter sistemático da observação esteve em outros

¹⁴ Esses materiais foram consultados no Arquivo Histórico de Santa Maria – AHMSM e na Casa de Memória Edmundo Cardoso, localizados na cidade de Santa Maria.

aspectos que também fizeram parte desse momento do trabalho de campo: anotações, descrições e fotografias. Assim sendo, a observação da dinâmica dos fluxos e das mudanças na paisagem são fundamentais para a compreensão do fenômeno em análise.

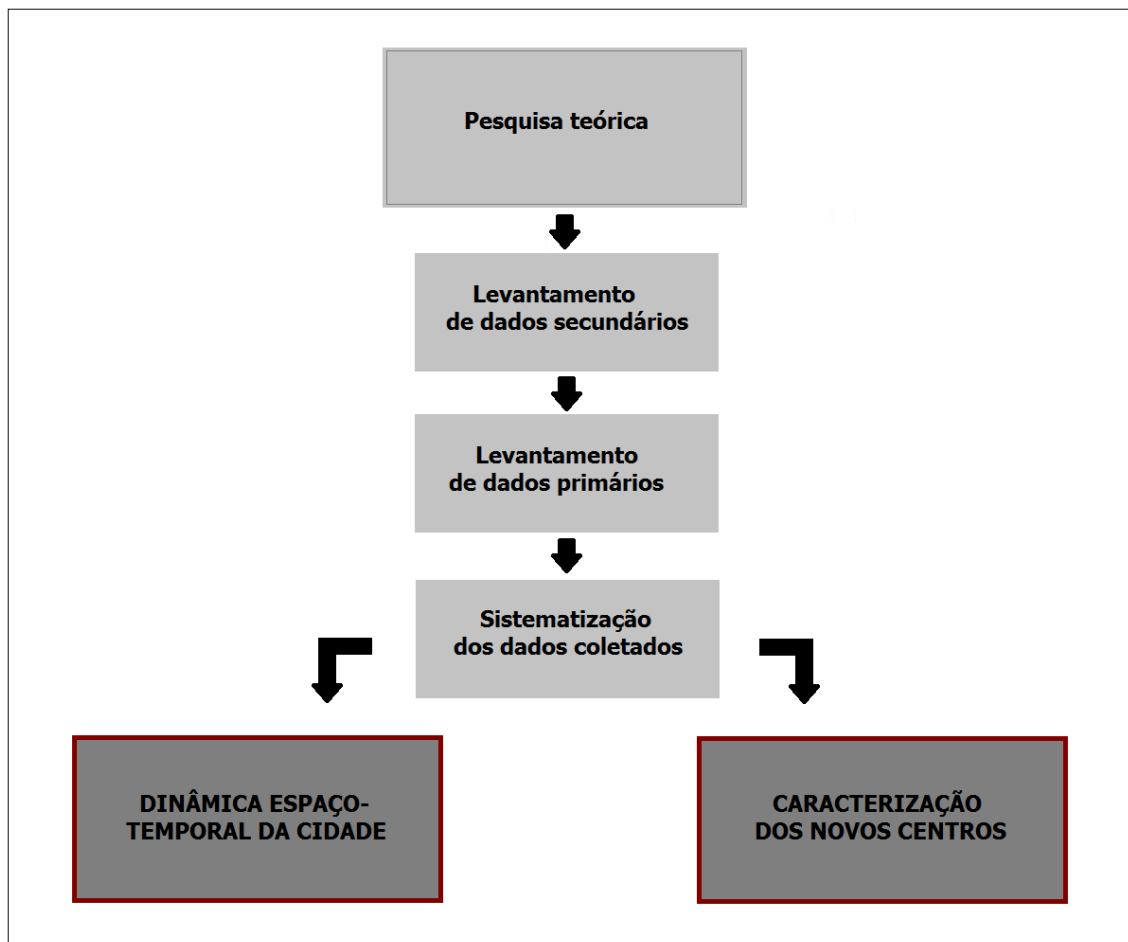
Com relação ao segundo momento da pesquisa de campo, que compreendeu a aplicação de questionários, parece necessário apontar que apesar desse instrumento de coleta de dados ser comumente apresentado como ferramenta da pesquisa quantitativa, também se pode utilizá-lo em abordagens qualitativas (TRIVIÑOS, 1987). Os dois tipos de questionários elaborados para este estudo possuem perguntas fechadas e abertas, com finalidades específicas (RICHARDSON, 1999), e são direcionados às pessoas que circulam por esses centros dos bairros e aos empresários lá estabelecidos (Apêndices 1 e 2). Em síntese, a partir dos questionários, pretendeu-se levantar dados que pudessem desvendar as relações entre os novos centros e os consumidores, bem como os fatores locais que levaram os empresários a estabelecerem seus empreendimentos nos referidos locais.

A aplicação de questionários pressupõe a utilização de técnicas de coleta e a definição da amostragem. Neste estudo, as técnicas e o tamanho da amostragem não foram definidos previamente, pois dependiam de critérios adotados após a realização da observação de campo. O tamanho da amostra, além disso, não foi dado como imutável na medida em que é importante que, nas pesquisas qualitativas, a escolha da amostra seja concebida como um processo em construção (PESSÔA; RAMIRES, 2013). Nessa perspectiva, durante o contato com o objeto de pesquisa, decidiu-se pela aplicação de 45 questionários assim divididos: 15 questionários aos empresários de Camobi e 10 aos do Tancredo Neves; além de 10 questionários às pessoas que circulavam pelas áreas de estudo em cada um dos dois centros. Enquanto para os transeuntes buscou-se aplicar os questionários nas áreas de maior fluxo dos subcentros, para os empresários tentou-se a aplicação em empresas de comércio ou serviços considerados ocasionais ou excepcionais¹⁵.

¹⁵ Ferrari (1986) classifica a atividade comercial de acordo com a frequência de uso da população. Divide-se, assim, o comércio em *cotidiano* (padarias, supermercados etc.), *ocasional* (lojas de confecção, de calçados, de bijuterias, etc.) e *excepcional* (lojas de móveis, por exemplo). Conforme o autor, a quantidade do comércio ocasional e excepcional em uma localidade revela a sua hierarquia entre as centralidades intraurbanas.

Na quarta etapa da pesquisa ocorreu a *sistematização* dos dados primários e secundários coletados. Tal sistematização foi feita a partir da elaboração de tabelas, gráficos e de diversas formas de representações cartográficas. Para isso, foram utilizados os softwares *ArcGIS*, *Excel* e *Corel Draw*. Com relação à produção cartográfica¹⁶, sublinha-se a utilização de fotografias aéreas de alta definição, do ano de 2012, obtidas junto ao Instituto de Planejamento de Santa Maria – IPLAN-SM.

O quadro 1 busca sintetizar os diferentes procedimentos operacionais até então discutidos e suas relações com a análise.



Quadro 1 – As etapas dos procedimentos operacionais da metodologia

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹⁶ A metodologia empregada na elaboração de cada um dos mapas, expostos no capítulo 4 desta dissertação, foi apresentada em um quadro localizado no apêndice 3.

Pode-se observar que a *análise* foi dividida em dois planos. O primeiro, denominado *Dinâmica espaço-temporal da cidade*, consistiu-se da construção de uma periodização da expansão urbana de Santa Maria. Para isso, utilizou-se a metodologia de Santos (2002), destacando-se os principais agentes e variáveis geradores do processo de descentralização que são responsáveis pela formação das centralidades nas áreas leste e oeste da cidade. Ressalta-se que é no interior de cada período, em relação às demais variáveis do sistema espaço-temporal, que os dados referentes à oferta, à demanda e à acessibilidade – coletados na pesquisa documental e já sistematizados – encontraram o seu significado. Por outro lado, o segundo plano de análise, intitulado *Caracterização dos novos centros*, possui o intuito de revelar as funções e a configuração espacial dos novos centros, bem como as relações entre tais centros e a população que o utiliza e os fatores locais que levaram os empresários a investirem nos referidos bairros. Tal caracterização foi realizada com os dados coletados em campo e já sistematizados.

Essas duas dimensões de análise, muito embora distintas, apresentam complementariedade. Enquanto uma delas desenvolve o estudo com ênfase no interior dos bairros, a outra integra tais bairros à cidade sob uma perspectiva histórica, com a finalidade de elucidar o presente. Esse exercício, ademais, permite o afastamento de reducionismos grosseiros, tais como a tentativa de compreensão de um bairro sem associá-lo à dinâmica da cidade e a análise locacional sem a consideração da categoria tempo. Por fim, discutiu-se se as centralidades estudadas podem ser consideradas, ou não, subcentros da cidade de Santa Maria.

3 ENTRE A REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE E A REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE EM SANTA MARIA/RS

*[...] E o povoado cresceu em graça,
na simplicidade.*

*O amor ao trabalho e à terra
Batizar as crianças. Chorar os finados,
Rezar por aqueles que foram para a guerra.*

*Depois no trem de ferro noite e dia
viajava o progresso de Santa Maria.*

*Santa Maria da Boca do Monte!
Cidade do Coração do Rio Grande!
Santa Maria de Todos os Trens...*

*Mas foi-se o trem de ferro,
seu ruído perdeu-se nas distâncias
da serra.*

*Além, no Campus da Universidade,
horizontes mais amplos,
um destino de novas dimensões.
A Ciência, a Arte e a Tecnologia.
Caminhos Abertos
descobrimos ideais [...]*

*Santa Maria, Cidade Cultura
cheia de vida e de calor humano.
Quem chega na terra
costuma ficar.*

(Santa Maria, Ignez Sofia de Vargas, 1997).

Os fragmentos acima pertencem ao poema *Santa Maria*, escrito por Ignez Sofia de Vargas e publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria - IHGSM*, no ano de 1997. Tal poema nos dá pistas de alguns dos principais elementos com capacidade de instaurar diferentes períodos para a economia do município. Ao referirmo-nos a períodos, tratamos de momentos em que as variáveis do sistema espaço-temporal mantêm determinada estabilidade, sendo a transição de um período a outro quando ocorre a chegada de elementos capazes de abalar e reorganizar o conjunto dessas variáveis. No seio dessa abordagem, parece possível referenciar a história econômica do município de Santa Maria em quatro grandes momentos.

O poema descreve um pequeno vilarejo do interior que possui a sua realidade transformada com a chegada da ferrovia. No final do século XIX, a cidade se torna um importante entroncamento ferroviário do sul do País, sendo também a sede da Viação Férrea Estadual (VFRGS). Com isso, as atividades econômicas (agropecuárias, industriais, comerciais e de serviços) recebem grande impulso na região de Santa Maria, ao mesmo tempo em que ocorre uma série de modernizações na cidade. Até a metade do século XX, Santa Maria emerge como um polo regional no estado, estando sua centralidade baseada nas funções comerciais, militares e educacionais, além das funções de entroncamento ferroviário e sede da viação férrea.

A partir da década de 1950, o modal ferroviário perde importância devido à implementação de uma política nacional de transportes baseada no sistema rodoviário e à decadência do sistema ferroviário brasileiro. Já na década de 1960, a primeira universidade federal pública localizada no interior do estado se estabelece no município, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O estabelecimento da UFSM consolida o setor terciário como a mais significativa função regional do município – realidade fortalecida também pela queda relativa e absoluta da participação da agropecuária e da indústria para a economia municipal, o que já vinha ocorrendo em Santa Maria.

Percebe-se, dessa maneira, que o poema de Ignez de Vargas revela três momentos da história econômica de Santa Maria: *a) período de formação da cidade*: do final do século XVIII até os fins do século XIX; *b) período ferroviário*: entre o final do século XIX até 1960 e *c) período terciário e institucional*: da década de 1960 até

1990. Esse poema fora escrito no final da década de 1990, justamente no momento em que estava emergindo um novo período econômico para o município. Durante a década de 1990, inserido em um contexto neoliberal, tem-se uma série de privatizações e o achatamento dos salários do funcionalismo público, cujo resultado é o fim do ciclo econômico instaurado pela chegada da UFSM (BOTEGA, 2012). No final dessa década, embora o caráter de centro terciário e institucional permaneça, o setor de comércio e serviços se moderniza e fortalece a centralidade regional de Santa Maria – o principal elemento dessa modernização é o *shopping center*. Assim sendo, é possível argumentar que o atual momento da economia do município corresponde a um (d) *período do terciário modernizado*.

Essa periodização se refere apenas, de um modo bastante geral, à economia do município de Santa Maria/RS. Nesta pesquisa, o enfoque está na questão da centralidade e, destarte, a periodização anteriormente utilizada não apresenta a capacidade explicativa necessária para tratar das mudanças na estrutura urbana. Ainda que as transformações na economia do município e na estrutura da cidade estejam relacionadas, não há uma correspondência direta, tendo em vista a singularidade do espaço intraurbano (VILLAÇA, 2001).

Assim sendo, neste capítulo, busca-se compreender os diferentes momentos da estrutura urbana de Santa Maria e, por meio disso, entender a questão da redefinição da centralidade na cidade em questão.

3.1 As fases da reestruturação da cidade

Rocha (2011), com base em Müller (1998), compreende o desenvolvimento urbano da cidade de Santa Maria por meio de cinco fases que se desdobram em oito períodos. No entanto, quando busca comparar as transformações no espaço urbano da cidade de Santa Maria com os modelos e períodos de desenvolvimento da metrópole latino-americana (rever item 4 do capítulo 1 deste texto), a autora ressalta quatro períodos: a) primeira fase: 1777-1930; b) segunda fase: 1930-1960; c) terceira fase: 1960-1980 e d) quarta fase: 1990 até os dias atuais. Tendo em vista que esses

quatro momentos tratam da estrutura urbana, respeitaremos esses recortes temporais na discussão que se pretende realizar, neste tópico, acerca das transformações no espaço urbano de Santa Maria. Ao longo de cada fase, busca-se aqui, ainda, trazer informações sobre o setor terciário (quantidade de empresas, principais áreas de concentração, etc.). Finalmente, no tópico seguinte, que intenta encerrar este capítulo, faz-se a elaboração de uma proposta de periodização com o enfoque na questão da centralidade na cidade em estudo.

3.1.1 A cidade compacta (1777-1930):

A origem de Santa Maria está relacionada com a chegada da Partida Portuguesa da Segunda Comissão Demarcatória de Limites na região, no final do século XVIII. Em 1801, são enviadas ordens para a cessão dos trabalhos da Comitiva. Esse reduto militar, todavia, acaba dando origem ao povoado que se desenvolveria de Curato (1814), passando por Distrito (1819), Freguesia (1837) e Vila (1857), até a categoria de Cidade (1876) (RECHIA, 2006).

A atividade comercial em Santa Maria esteve presente desde a sua origem, representada por pequenos bolichões¹⁷ que cobriam a demanda dos habitantes do acampamento militar – tais bolichões se localizavam, portanto, onde atualmente encontra-se a Rua do Acampamento. Com a chegada dos imigrantes alemães, em 1820, o comércio é fortalecido e se desloca para a Rua do Comércio (atual Dr. Bozano) (BEBER, 1998). Esses imigrantes alemães seriam, ainda, os responsáveis por manterem "viva" a atividade comercial de Santa Maria no período da Revolução Farroupilha, tendo em vista serem novos habitantes da região e não estarem relacionados com os conflitos.

A economia de Santa Maria, em meados do século XIX, caracterizava-se pelas seguintes atividades: a) agropecuária: praticada por grandes, médios e pequenos agricultores (FARINATTI, 2010); b) indústria: desenvolvida pelos imigrantes alemães

¹⁷ Termo regional utilizado para se referir a armazéns que não são especializados na comercialização de alguma mercadoria; mas atuam negociando mercadorias de utilidades diversas.

e restrita à "atividade das charqueadas, do processamento de couro e da fabricação de artigos do vestuário, de montaria, de transporte, de móveis de madeira, de utensílios domésticos e de tijolos e telhas" (BEBER, 1998, p. 236) e c) comércio: atividade que se localizava no povoado, geralmente praticada pelos imigrantes alemães, e com centralidade influente nas regiões próximas (BEBER, 1998; RECHIA, 2006).

No final do século XIX, esse cenário passa por mudanças significativas. O principal fator dessa transformação está na instalação da ferrovia, em 1885, que integra Santa Maria às redes de circulação estadual e nacional – embora o povoado já tivesse sido ainda antes da ferrovia, um local de passagem e acesso às regiões leste e oeste do estado (FLÔRES, 2007). Em momento posterior, devido à sua localização geográfica privilegiada, o município tornar-se-ia também a sede da Viação Férrea Estadual (VFRGS) possuindo ligações pelas linhas férreas com São Paulo, Porto Alegre, Uruguaiana e Rio Grande.

Esse novo momento econômico e cultural para Santa Maria, nascido no final do século XIX, pode ser observado pelo intenso fluxo de pessoas, ideias, mercadorias e matérias-primas entrando e saindo da cidade no período¹⁸. A ferrovia proporciona, desse modo, fatores locacionais que impulsionam a economia do município. Se para os comerciantes interessava o fluxos de pessoas, moradoras ou de passagem pela cidade, e seu poder aquisitivo, para os agricultores, pecuaristas e industriais importava a capacidade de escoamento da produção, sendo que para estes últimos era fundamental, também, a possibilidade de obter matérias-primas em locais distantes.

Ainda no final do século XIX, tem-se a chegada de imigrantes italianos, libaneses e judeus à região de Santa Maria. Tais imigrantes são também fator de dinamização de sua economia: imigrantes judeus, libaneses e italianos se dedicam ao desenvolvimento da atividade comercial¹⁹, sendo que estes últimos se dedicam também à agricultura e à atividade industrial (BEBER, 1998).

¹⁸ Padoin (2010) destaca que, quinze anos após a instalação dos trilhos, o município aumentou sua arrecadação em 523% em relação aos anos anteriores.

¹⁹ Assim como afirma Beber (1998), neste momento, os imigrantes libaneses e judeus dedicavam-se ao comércio de tecidos, roupas e miudezas, enquanto os italianos dedicavam-se ao comércio de alimentos, produtos coloniais, ferragens e utensílios domésticos.

Essa "Santa Maria feita de ferro e fumaça, com a vida girando em torno do apito do trem" (BIASOLI, 2010, p. 16), ganha projeção estadual, ou ainda nacional, e começa a levantar preocupações sobre as suas condições urbanas, tendo em vista o afluxo de pessoas que passavam pela cidade ou a buscavam como local de moradia (FLÔRES, 2007). Por isso, desde a transição entre os séculos XIX e XX, inicia-se uma série de modernizações na cidade, dentre as quais é possível destacar as redes de eletricidade, telefonia, água e esgoto, o sistema bancário, os telégrafos de alcance nacional, o calçamento e a arborização das principais vias, o transporte coletivo intraurbano etc. (BELTRÃO, 1979; FLÔRES, 2007; GRUNEWALDT, 2010).

A Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea (COOPFER), criada em 1913, torna-se um dos importantes agentes produtores do espaço da cidade nesse período. Muito além de promover a importação de mercadorias de todo país e até da Europa, a Cooperativa também realizou diversos investimentos em Santa Maria: criação de escolas, de uma farmácia, de hospitais, de infraestrutura industrial etc.

A Avenida Progresso (atual Av. Rio Branco), onde se localiza a Estação Ferroviária, passa a concentrar o comércio e os serviços em crescente expansão²⁰ em Santa Maria. Essa avenida torna-se o principal eixo comercial da cidade no período e sinaliza, ao mesmo tempo, a diminuição da participação dos alemães na atividade comercial, até então com estabelecimentos comerciais localizados na rua Dr. Bozano. Tal declínio da participação desses imigrantes alemães, em detrimento dos novos imigrantes envolvidos com o comércio (italianos, judeus e libaneses), dá-se a partir da declaração de guerra à Alemanha, feita pelo Brasil, durante a Primeira Guerra Mundial (CACISM, s/d.).

A disposição das linhas férreas é também um fator determinante no processo de ocupação do território da cidade. Conforme Figueiredo e Viero (2012, p. 137) "a expansão urbana acontece ao longo dos trilhos, dando origem a bairros que, em sua origem, são unidades constituídas essencialmente por trabalhadores ligados ao sistema ferroviário." Assim sendo, se por um lado a chegada do período ferroviário dinamiza a economia do município de Santa Maria, por outro, é a localização de seus

²⁰ Edmundo Cardoso, no livro *Uma loja, uma vida*, retrata o cenário comercial da cidade de Santa Maria em 1924.

elementos (a Estação, as oficinas, o traçado das linhas férreas, etc.) que trará impactos sobre a estrutura urbana.

Prado Veppo, poeta santamariense, assim descreveria o caminho entre a Avenida Rio Branco e a Rua do Acampamento:

Avenida mais central
 Por onde o povo chegava
 Depois que o trem parava
 Na gare da estação
 Era grande a emoção
 De subir pela Rio Branco
 Mala, sacola, aos trancos
 Hotel, catedral, a praça...
 Parecia haver mais graça
 E um sorriso sempre franco. (ZANATTA; ISAIA, 2009, p. 20).

A estação ferroviária, a catedral e a praça, descritos no poema de Veppo, compreendem os principais elementos da área central da cidade. Do final do século XIX até 1930, nesse cenário, tem-se a consolidação de uma cidade compacta, cuja estrutura se apresenta em círculos concêntricos e com padrão locacional centro-periferia (ROCHA, 2011). Essa cidade compacta tem sua estruturação conformada, principalmente, pela localização da Estação Ferroviária de Santa Maria, área dinâmica da cidade no período em questão.

3.1.2 A cidade setorial (1930-1960):

No período entre as décadas de 1930 e 1960, para além das funções comerciais, de prestação de serviços, de entroncamento ferroviário e de sede da Viação Férrea Estadual, Santa Maria se torna também centro militar e educacional. Isso reforça a centralidade da cidade e a emerge como polo de atração regional na porção central do território gaúcho.

A localização geográfica de Santa Maria, ao longo de sua história, revelou-se interessante no âmbito geopolítico, seja para Portugal ou, posteriormente, para o Brasil. Isso justifica a escolha da cidade para receber uma série de estabelecimentos militares, do início do século XX até a sua metade, dentre os quais estão a 3ª Brigada

Estratégica, o 7º Regimento de Infantaria, o Hospital Militar de Santa Maria, o Armazém Marechal Floriano, o 5º Regimento de Artilharia Montada, a 4ª Companhia Especial de Manutenção e o 3º Batalhão de Carros de Combate (MACHADO, 2012).

Na esfera educacional, acontece a instalação de escolas municipais, estaduais e unidades de ensino superior. Pode-se destacar nesse período a chegada de importantes unidades de ensino como o Colégio Centenário, o Colégio Sant'Anna, a Escola de Artes e Ofícios, além de unidades de ensino superior, tais como a Escola de Farmácia e Odontologia, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas (RECHIA, 2006).

Ressalta-se que a presença de unidades militares e educacionais já era conhecida em Santa Maria antes do período em questão. Todavia, a partir da década de 1930, o incremento institucional na cidade é significativo, aumentando a circulação de capitais e favorecendo a economia local, sobretudo o comércio e a prestação de serviços. O setor terciário é também favorecido pela renda da atividade agropecuária do município ou, ainda, através de proprietários rurais absenteístas que fixam moradia na cidade – muitas vezes, investindo na construção civil, prestação de serviços e no mercado imobiliário (ROCHA, 1998 apud ROCHA, 2011).

O crescimento populacional de Santa Maria é de apenas 9,8% entre 1940 e 1950, enquanto que entre 1950 e 1960 chega a 45,7%. Assim, a população que, em 1940, contabilizava 75.596 salta para 120.971 habitantes em 1960 (FIGUEIREDO; VIEIRO, 2012). Em termos de população urbana e rural acontece, nesse período, o aumento de ambas, não obstante o da primeira seja significativamente maior. Dentre os habitantes da cidade de Santa Maria, expressiva é a quantidade de estudantes, ferroviários e militares.

Esse crescimento da cidade se expressa, além disso, na quantidade de edificações construídas e loteamentos implantados nessa fase. Em 1937, o número de edificações construídas é aproximadamente 86; já dois anos após essa data, o número de construções atinge 435 (CARDOSO, 1940 apud SALAMONI, 2008). Com relação aos loteamentos, 10 foram criados na cidade de 1934 a 1944; já no período entre 1945 e 1956, 21 novos loteamentos são implantados (SALAMONI, 2008).

As revoluções de 1930 e 1932 no país, em conjunto com o cenário da crise econômica mundial de 1929, ocasionam uma instabilidade político-econômica que coloca em recessão as atividades econômicas em Santa Maria. Agravando tal situação, a cidade sofre ainda com alguns problemas infraestruturais entre as décadas de 1930 e 1940, dentre os quais pode-se destacar a péssima qualidade das estradas de rodagem, quedas constantes no fornecimento de energia e de água, dificuldades para a obtenção de linhas telefônicas, etc. (BEBER, 1998). Esse contexto é o de diminuição da participação do estado na produção industrial do país, ocasionado pela concentração dessa atividade no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, o que também contribui para o enfraquecimento do terciário em Santa Maria (PADOIN, 2010).

A Área Central da cidade possui nas ruas Avenida Rio Branco, Acampamento e Dr. Bozano os seus eixos principais. Essas ruas não são apenas locais de consumo, mas espaços onde se concentra a vida social da cidade. Mais detalhadamente, a Av. Rio Branco concentrava a maior parte dos fluxos da cidade, além de estabelecimentos comerciais e de serviços, a Acampamento despontava por ser a área mais edificada da cidade, enquanto a Dr. Bozano abrigava as lojas mais importantes da época, sendo também a primeira quadra asfaltada e o local do passeio da população da cidade. É nessa área e em suas proximidades que residiam as elites santa-marienses da época.

Com relação à estrutura espacial da cidade, ressalta-se que, a partir do final da década de 1930, ocorre a expansão urbana nos sentidos norte, oeste e sul, além do adensamento da malha urbana existente. Esse crescimento, para além do núcleo urbano principal, ocorre de maneira descontínua ao tecido urbano na zona oeste e em alguns loteamentos na zona sul da cidade (SALAMONI, 2008; ROCHA, 2011).

3.1.3 A cidade polarizada (1960-1980):

A partir da década de 1950, devido a uma política nacional de transportes fundamentada no sistema rodoviário, tem-se o fim de um ciclo econômico para a cidade. Não obstante, outro ciclo econômico e de urbanização se inicia com a instituição do ensino público superior na década de 1960, data da criação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (BOTEGA, 2012). Com isso, nesse período, a economia de Santa Maria se consolida enquanto “uma estrutura baseada majoritariamente no setor terciário (comércio e prestação de serviços) ancorado no poder aquisitivo dos funcionários públicos das mais variadas esferas (civis, militares, federal, estadual, municipal)” (BOTEGA, 2012, p. 86).

A UFSM é instalada no distrito de Camobi, o 3º Distrito de Santa Maria, localizado a leste do Distrito Sede. Conforme o *Guia Geral do Município de Santa Maria*, do ano de 1962, o distrito de Camobi possuía 8.454 habitantes e despontava como um dos mais prósperos distritos de Santa Maria. Tal distrito, que já possuía uma estação ferroviária própria, recebe um aeroporto em 1940, construído pelos EUA no período da Segunda Guerra Mundial. Ainda segundo o guia, o distrito de Camobi possuía poucos estabelecimentos comerciais, sendo a maioria armazéns que comercializavam mercadorias diversas. No final da década de 1960, o comércio presente nesse distrito, na Av. João Machado Soares, parecia ter certa relevância, visto que já apresentava uma área considerada como zona comercial média e mista dentro do zoneamento urbano do Plano Diretor de 1967 – o qual, como sublinha Rocha (2011), definia as áreas comerciais baseando-se na tendência de concentração de atividades comerciais.

Também na região leste de Santa Maria, no distrito de Camobi, estabelece-se a Base Aérea de Santa Maria (BASM) no ano de 1971, na área do antigo aeroporto. Com a instalação da UFSM e da BASM, o distrito se torna um local atrativo para o mercado imobiliário. Outrossim, nesse período, forja-se entre os habitantes do distrito uma identidade baseada na ideia de uma Camobi independente de Santa

Maria²¹. Essa identidade parece ter origem no fato de o distrito possuir, ao longo de sua história, importantes equipamentos urbanos (a estação ferroviária, o aeroporto, a universidade e a Base Aérea) e, mais recentemente, após a década de 1960, atividades comerciais e de serviços em crescente expansão aliadas a um forte crescimento urbano de maneira descontínua ao núcleo principal do município. A tentativa de emancipação de Camobi falha e, em 1980, parte do distrito se torna bairro da cidade de Santa Maria; recentemente, em 2006, o restante da área do distrito é incorporada ao bairro, também denominado Camobi (COMIN, 2013).

A partir da década de 1960 até 1980, conforme Botega (2012), tem-se o aumento significativo da população urbana de Santa Maria acompanhado da queda na população rural. Ainda segundo o autor, com relação à população total, o crescimento se refere a um aumento de 120.975 habitantes, em 1960, para 181.685 em 1980. Figueiredo e Vieiro (2012) demonstram que a partir de 1980 se consolida tendência de diminuição da participação de causas naturais (crescimento vegetativo) e aumento das causas não naturais (neste caso, as migrações) influenciando o crescimento populacional de Santa Maria. Dentre essa população migrante que se estabelece no município, a esmagadora maioria são gaúchos (FIGUEIREDO; VIERO, 2012); isso ocorre devido ao fato de que, segundo Strohaecker (2004), entre 1980 a 2000, tem-se uma fase da urbanização do Rio Grande do Sul caracterizada pela concentração da população nas cidades com mais de 100 mil habitantes.

O intenso crescimento da população urbana de Santa Maria, que de 1950 a 1990 atinge 410%, resulta em uma enorme quantidade de loteamentos e construções na cidade (BOTEGA, 2012). Entre 1957 a 1966, a cidade conhece a sua mais expressiva fase de expansão, manifesta pelo estabelecimento de 114 loteamentos (SALAMONI, 2008). É a partir desse momento que a direção leste começa a emergir como o principal vetor de expansão urbana da cidade.

²¹ Existem indícios da permanência dessa identidade entre os moradores do bairro. Como exemplos disso, citaremos dois casos. O primeiro é a empresa *Sou Mais Camobi* que comercializa camisetas, quadros e objetos diversos em que a temática é o bairro, a sua independência de Santa Maria, o orgulho de ser “camobiense”, etc. Essa empresa está localizada no Centro Comercial do bairro e faz bastante sucesso na cidade. O outro exemplo é o artigo *Camobi seria uma cidade de 1º mundo*, escrito por Carlos Costa Beber, e publicado na coluna do jornal *A Razão*, do dia 30 de março de 2015. Nesse artigo, o colunista defende, com evidente tom de lamentação, que Camobi seria atualmente uma cidade de Primeiro Mundo, caso tivesse conseguido a sua emancipação.

Nesse período, há o aumento da demanda por políticas urbanas no município, sobretudo políticas habitacionais. Dentre os investimentos da Companhia de Habitação do estado (COHAB-RS) a partir do Banco Nacional de Habitação (BNH) e do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), na década de 1960, ressalta-se os seguintes: Vila Kennedy (em 1967) e Salgado Filho (em 1968) – ambos instalados na zona norte da cidade e possuindo, respectivamente, 116 e 76 unidades habitacionais. Já na década de 1980, pela COHAB-RS, destaca-se na zona oeste, a Santa Marta (1981) com 872 unidades habitacionais e a Tancredo Neves (1986) que compreendia 3.116 unidades habitacionais; enquanto na zona leste, a Fernando Ferrari (1984) com 353 unidades habitacionais. Além disso, por meio do governo federal, ainda na década de 1980, sublinha-se a construção de mais 04 loteamentos na cidade (PINHEIRO, 2002; BOTEGA, 2012).

A COHAB Tancredo Neves aparece, evidentemente, como o maior investimento da política habitacional em Santa Maria. A área da COHAB é de 114,9 ha, com 2.804 lotes residenciais, 12 lotes do Centro Comercial e 01 lote destinado ao centro comunitário. O bairro contava com infraestrutura e equipamentos urbanos básicos (RUBIN, 2013). A localização da Tancredo Neves, assim como da COHAB Santa Marta, foi planejada para acompanhar o Distrito Industrial de Santa Maria (DISM), instalado na zona oeste da cidade no ano de 1977. Esse projeto de industrialização, em que as COHABs seriam a fonte da mão de obra para as empresas do distrito industrial, não atingiu o seu objetivo. Poucas indústrias se instalaram no DISM e, assim, a geração de empregos foi também baixa²². O resultado é a conformação, a oeste, de um núcleo urbano descontínuo ao núcleo principal da cidade de Santa Maria.

Esses investimentos do SFH/BNH e da COHAB-RS não foram capazes de dar conta do déficit habitacional existente na cidade. A consequência disso é uma intensa onda de ocupações irregulares no espaço urbano de Santa Maria. Entre 1960 e 1980, observa-se 11 ocupações irregulares na cidade; entre 1980 e 1991 acontecem mais

²² O DISM é estabelecido no município com a finalidade de retirar as indústrias poluentes das áreas inapropriadas e realocá-las em uma área adequada, distante do perímetro urbano da cidade. Além disso, por meio de incentivos fiscais, o DISM aparece também como forma de atrair indústrias ao município. Em 1989 o DISM possuía 11 empresas em funcionamento e 04 em construção; em 1998 abrigava 18 empresas; e em 2012 abrigava 25 empresas (KURTZ, 1989; GARZON; RIBEIRO, 1998; ADESM, 2012).

05; sendo a zona oeste um dos principais locais de ocorrência dessas ocupações (PINHEIRO, 2002).

Com relação ao setor terciário, nesse período, destaca-se a sua modernização, cuja manifestação se dá pela criação de edifícios clínicos, magazines, galerias e hipermercados na cidade. Também no período em questão, ocorre a chegada de capitais exteriores ao município, em sua maioria de outras regiões do estado, que investem no setor comercial e de serviços da cidade. Essas empresas são atraídas pelo potencial de consumo de Santa Maria, o que aumenta a concorrência no mercado e a disputa pelas melhores localizações na Área Central. Nesse cenário, tem-se a falência de muitas empresas locais (BEBER, 1998).

Em síntese, nesse período, a expansão urbana ao norte de Santa Maria encontra limites naturais no relevo da região – escarpas que indicam a passagem para os planaltos da Bacia do Paraná; restando as regiões sul, leste e oeste como possíveis direções de crescimento urbano. Contudo, entre as décadas de 1960 a 1980, alguns fatores contribuíram conjuntamente para destacar as direções leste e oeste como principais vetores de expansão urbana: a) o estabelecimento de importantes equipamentos nas extremidades leste e oeste – a UFSM (1960) e a BASM (1971), no extremo leste, e o DISM (1977), no extremo oeste (BOLFE, 1997); b) a criação de dois grandes conjuntos habitacionais na zona oeste, a COHAB Santa Marta (1981) e a COHAB Tancredo Neves (1986) (RUBIN, 2013) e c) o asfaltamento das principais rodovias que ligam Santa Maria às diversas regiões do estado, sendo as rodovias RS-509 (1968) e a BR-287 (1978) os eixos que cortam a cidade nos sentidos leste e oeste, respectivamente (BEBER, 1998; ROCHA, 2011).

Desse modo, no contexto até aqui exposto, tem-se o crescimento urbano em novas áreas da cidade e a intensificação da ocupação dos setores leste e oeste (ROCHA, 2011). Assim sendo, conforme a análise de Bolfe (1997), somente no período de 1956 a 1997, a mancha urbana se expandiu 48% no sentido Leste e 35% no sentido oeste, enquanto nos sentidos norte e sul a expansão foi de 11,7% e 24,3%, respectivamente.

3.1.4 A cidade fragmentada (1990 até hoje):

A crise inflacionária ocorrida na década de 1980, o achatamento dos salários do funcionalismo público e o emergir do Estado neoliberal, durante a década de 1990, acarretam o fim do ciclo econômico que havia se iniciado com o estabelecimento da UFSM (BOTEGA, 2012). Deve-se ainda sublinhar que esse Estado neoliberal, além de trazer uma série de mudanças macroeconômicas, aparece também na forma de uma gestão neoliberal da cidade, cujos impactos sobre o espaço urbano são significativos.

Em 1986, tem-se a extinção do SFH/BNH e o início do processo de sucumbência da COHAB-RS, o que se manifesta como uma crise na política habitacional brasileira. Em Santa Maria, nesse contexto, apenas parte do déficit habitacional da cidade consegue ser suprida com habitações populares realizadas através do Programa de Arrendamento Residencial (PAR) e do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC); por outro lado, o problema da habitação resulta em ocupações irregulares na cidade (ROCHA, 2011).

A estrutura urbana de Santa Maria ganha maior complexidade, visto que o fenômeno da periferização, até então uma das facetas da expansão urbana nessa cidade, dá lugar a situações de maior complexidade. Consolida-se nesse período a tendência de deslocamento das classes de média e alta renda em direção à periferia, cujo resultado é uma proximidade espacial com enorme distanciamento social (ROCHA, 2011). Tal cenário impulsiona a difusão de muros cada vez mais altos e sistemas de segurança mais sofisticados pela paisagem urbana da cidade. Os condomínios fechados surgem, desse modo, enquanto os novos e mais demandados produtos do mercado imobiliário.

Desde o final da década de 1990, o setor terciário passar por uma outra modernização na cidade, representada pela chegada dos *shopping centers*. No Centro, tem-se o *Santa Maria Shopping* em 1998 – estabelecidos no “coração” da Área Central, estando localizado no Calçadão Salvador Isaia. Já nos arredores da Área Central, foram estabelecidos o *Monet Plaza Shopping*, em 1997, no bairro Nossa Senhora de Lourdes e o *Royal Plaza Shopping*, em 2009, no bairro Dores. Nesse

sentido, a capacidade de utilização dos *shoppings* como equipamentos geradores de centralidades, distantes do Centro Principal, não é completamente utilizada até então na cidade; o que ocorre é o reforço da polarização da Área Central e a sua expansão, ocasionada pelo redirecionamento dos fluxos trazidos por tais equipamentos, ao se localizarem nos arredores do Centro²³.

No entanto, está em fase de construção na cidade um novo *shopping center*, o *Shopping Praça Nova – Santa Maria*, que irá se estabelecer na zona sul. Com prazo de finalização de obras para abril de 2017, esse empreendimento possuirá 2 andares, 31.000 m² de área construída, em um terreno de 84.450 m², com o total de 200 espaços locáveis para lojas, além de um estacionamento com 1500 vagas externas. A instalação do maior *shopping* de Santa Maria distante do Centro Principal poderá ocasionar o redesenho dos fluxos (intra e interurbanos) em busca de lazer e consumo na cidade, bem como direcionar a atenção do mercado imobiliário para a zona sul da cidade.

O Centro Principal da cidade demonstra feições que parecem indicar a atuação do processo espacial de coesão em seu interior. Tais feições dizem respeito à concentração de atividades comerciais ou de serviços semelhantes e complementares em determinadas vias do centro. Dentre essas especializações, pode-se destacar como exemplos: a) Rua do Acampamento: comércio de eletroeletrônicos e móveis; b) Rua Dr. Bozano: comércio de confecções e calçados; c) Av. Rio Branco: comércio e serviços pertencentes ao circuito inferior formal da economia, principalmente lojas de roupas e móveis usados; d) Av. Presidente Vargas: serviços de saúde e lojas de autopeças, etc.

Esse processo de coesão aparenta impulsionar a formação também de áreas especializadas distantes da Área Central. Cabe ressaltar que se trata de especializações sempre relativas, seja porque há a presença de outros tipos comerciais ou de serviços nesses locais, além daqueles que predominam em tais

²³ Sublinha-se que alguns equipamentos comerciais denominados como *shopping center*, na cidade em questão, não podem ser considerados dentro dessa categoria. A exemplo disso, tem-se o *Elegância Center Shop* que, apesar de ser muitas vezes apresentado na literatura científica enquanto um dos *shoppings centers* da cidade, possui características que o aproximam de uma galeria comercial. Ressalta-se, portanto, a necessidade de uma discussão acerca de quais desses grandes equipamentos comerciais da cidade podem ser classificados como *shopping centers*.

áreas, ou devido ao fato da especialização ocorrer somente em determinados trechos dessas vias da cidade.

Nesse período, a concentração e a diversificação das empresas comerciais e de prestação de serviços nos bairros Camobi e Tancredo Neves levou Rocha (2011) a considerá-los como subcentros comerciais da cidade. Apontaremos aqui alguns aspectos referentes ao bairro Camobi – sobre o qual obtivemos maiores informações na pesquisa documental²⁴ – acreditando que possa revelar também contornos do subcentro da Tancredo Neves. No bairro Camobi, o comércio e os serviços abandonam, progressivamente, a Av. João Machado Soares e se estabelecem na RS-509, pois esta assume maior importância ao concentrar expressiva quantidade de fluxos intra e interurbanos. A existência de empreendimentos em ambos os lados dessa via pode ser constatada em matéria do Jornal Gazeta de Camobi²⁵, de outubro de 1999, onde empresários do bairro reclamam que a demora na finalização da obra de duplicação da rodovia está prejudicando os negócios e, em alguns casos, ocasionando a falência de empresas estabelecidas em um dos lados da via.

Ainda no final década de 1990, percebe-se também as tentativas de fortalecimento do comércio do bairro através de um *marketing* conjunto entre empresários locais, em que a ancoragem estava na defesa do “valor do chão de Camobi”²⁶. Discussões acerca da relativa independência de Camobi com relação ao núcleo urbano principal de Santa Maria, dada a presença do setor terciário e de equipamentos que o bairro possuía, já permeavam a opinião pública e a mídia desde década de 1980²⁷. No artigo *Será que Camobi tem de tudo mesmo?*, publicado no *Jornal Camobi* de outubro do ano 2000, realiza-se ainda uma breve caracterização do bairro:

²⁴ Acredita-se que a escassez de informações sobre o bairro Tancredo Neves, deve-se ao peso da história ser significativamente menor nesse bairro do que em Camobi, isto é, ao fato do bairro ser mais recente. Além disso, historicamente Camobi concentrou importantes fixos que o destacaram como uma localidade importante do município e da cidade.

²⁵ O jornal *Gazeta de Camobi* e o *Jornal Camobi* possuíam circulação no bairro, em alguns distritos e até em pequenos municípios próximos, tais como o distrito de Arroio Grande e o município de Silveira Martins.

²⁶ Matéria publicada no jornal *Gazeta de Camobi*, outubro de 1999.

²⁷ A exemplo disso, tem-se os artigos *Camobi é “quase” autossuficiente* e *Camobi ainda é dependente de Santa Maria, diz Cirilo*, publicados respectivamente em 1987 e 1988, no jornal *A Razão*.

Há uma quase completa rede bancária no bairro. Várias farmácias que [...] servem bem à comunidade. Alguns consultórios médicos e odontológicos particulares. Uma invejável rede de atendimento à saúde, representada pelo Hospital Universitário, Hospital da BASM e um posto de saúde situado na Cohab Fernando Ferrari [...]. Uma rede municipal, estadual e particular de boa qualidade. *Um amplo e diversificado comércio cuja expansão tem sido contínua. Uma grande rede de mercados e supermercados, inclusive um Centro de Convivência* que tem se caracterizado como uma das poucas opções de lazer para a comunidade. Um pequeno Posto Policial que, diante dos crescentes índices de violência, torna-se cada vez mais deficitário. Até mesmo um Aeroporto Civil e uma Base Aérea existem em nosso bairro. Além disso, uma das maiores Universidades Federais do país que [...] é motivo de orgulho para todos nós camobienses. (JORNAL CAMOBI, 2000, p. 5, grifo nosso).

Desse modo, constata-se um significativo crescimento demográfico e econômico em Camobi desde a instalação da UFSM e da BASM. Já no final da década de 1980, a renda média familiar no bairro só era menor do que a do bairro Nossa Senhora de Lourdes, localizado na Área Central da cidade²⁸. Percebe-se, ainda, a relação entre a localização das empresas e as vias de maior fluxo no bairro Camobi, bem como o engajamento do empresariado local (do bairro) no desenvolvimento da atividade comercial em Camobi.

Sobre o comércio e os serviços no bairro Tancredo Neves, Rubin (2013) sustenta que o Centro Comercial, desde o início, recebeu lojas do Centro Principal e de outros bairros, além de empreendimentos de moradores da Tancredo Neves; o Centro Comercial também contribuiu para a setorização do terciário no bairro, localizado principalmente na Av. Paulo Lauda. Ao longo dessa avenida, estão dispostos os principais equipamentos do bairro (o colégio, o posto de saúde, o centro comercial, a associação comunitária, etc.), o que justifica a intensidade dos fluxos de pedestres e automóveis nessa via e, conseqüentemente, impulsiona o setor terciário a se estabelecer no local.

Na atualidade, Santa Maria possui aproximadamente de 276 mil habitantes, 1.781,757 km² de área e está dividida, administrativamente, em 10 distritos. O distrito Sede compreende uma área densamente urbanizada, enquanto os outros distritos apresentam características predominantemente rurais. Esse distrito Sede, por sua vez, divide-se em 40 bairros e 08 Regiões Administrativas.

²⁸ A Razão, 1987, Caderno dos Bairros.

O município de Santa Maria é integrante do COREDE Central (Conselho Regional de Desenvolvimento), que compreende dezenove municípios e se insere na chamada “Metade Sul” do estado – área considerada em estagnação econômica. A região do COREDE Central possui estas características com relação à agropecuária: a Norte, a exploração da pecuária e da agricultura de extensão baseadas na grande propriedade; a Leste, o cultivo de subsistência com pequenas propriedades e cultivo de arroz com médias propriedades; a Oeste, a diversidade de cultivos realizados em minifúndios e a Sul, a pecuária e produção de arroz realizadas em grandes propriedades, assim como minifúndios com cultivos diversos (FARIAS, 2011). Nesse contexto, o município de Santa Maria aparece como o principal centro de consumo para os pequenos municípios dessa região, dada à pujança de seu setor terciário.

No âmbito da rede urbana gaúcha, Santa Maria é considerada uma das mais importantes cidades médias do estado, juntamente com Passo Fundo e Pelotas. Sua centralidade é influente sobre as regiões centro e oeste do estado do Rio Grande do Sul. Tal centralidade regional da cidade se revela multiforme ao ser analisada no âmbito intraurbano. Percebe-se, nesse sentido, a formação de áreas especializadas, possíveis subcentros, além da difusão de hipermercados e *shopping centers* pela cidade. Essa metamorfose da centralidade intraurbana acompanha transformações mais amplas na cidade, ou seja, a formação de uma estrutura urbana fragmentada, desde a década de 1990, que possui como expressão a difusão pela paisagem de sistema de segurança, condomínios fechados, etc. Ademais, nesse período, tem-se o adensamento e a verticalização na Área Central, com tendências de expansão para a direção leste – vetor de crescimento que concentra grande parte dos que pertencem às classes de média e alta renda na cidade.

3.2 Considerações sobre a redefinição da centralidade em Santa Maria

A redefinição da centralidade na cidade de Santa Maria ocorre de maneira diferente das metrópoles, isto é, em momentos diferentes e com características singulares. Essas particularidades se devem tanto ao fato dela ser uma cidade média,

quanto a peculiaridades da produção do espaço urbano nessa cidade. Acreditamos que a redefinição da centralidade em Santa Maria pode ser compreendida em três fases: a) *cidade monocêntrica*: da origem da cidade até 1950; b) *cidade média multicêntrica*: de 1960 até 1990 e, finalmente, c) *cidade média poli(multi)cêntrica*: de 1990 até a atualidade (Quadro 2).

Quadro 2 – As fases da redefinição da centralidade na cidade de Santa Maria

Fase	Período	Expressões de centralidade
<i>Cidade Monocêntrica</i>	1777 até 1950	Centro único, tendo as vias Rua do Acampamento, Av. Rio Branco e Dr. Bozano como eixos principais.
<i>Cidade média Multicêntrica</i>	1960 a 1990	Galerias e centros comerciais, vias especializadas, edifícios para fins clínicos ou comerciais, possíveis subcentros, etc.
<i>Cidade média Policêntrica</i>	do final de 1990 até hoje	<i>Shopping centers</i> e expansão dos hipermercados e lojas de atacado no interior da cidade.

Fonte: elaborado pelo autor.

A localização inicial do setor terciário em Santa Maria foi a rua Acampamento, ainda no final do século XVIII. Com a chegada dos imigrantes alemães, em 1820, a Rua do Comércio (Dr. Bozano) se torna o principal local dessas atividades na cidade. No final do século XIX, início do período ferroviário, a Avenida Progresso (Av. Rio Branco) passa a concentrar as empresas comerciais e de prestação de serviços – empreendimentos, em sua maioria, de imigrantes italianos, judeus e libaneses. Essas três vias, até a metade do século XX, mantêm-se como os eixos principais da Área Central, apesar da expansão das atividades comerciais em outras vias do Centro.

Desde a segunda metade do século XX, essa estrutura urbana monocêntrica começa a dar indícios de uma transição à multicentralidade. Tais indícios podem ser sintetizados nos seguintes aspectos: a modernização do setor terciário expressa na

materialização de edifícios para fins clínicos e comerciais, galerias, magazines e hipermercados; a disputa entre capitais locais e extra-locais pelas melhores localizações no interior da Área Central, empurrando empresas com menor capital para outras localizações; o aumento no preço do solo urbano nas vias principais do Centro, impulsionando empresas que demandam maior espaço a preferir locais distantes dessa área e, por fim, a conformação de duas aglomerações comerciais e de serviços nos bairros Camobi e Tancredo Neves, nos extremos leste e oeste da cidade.

A partir da década de 1990, tem-se a chegada dos *shopping centers* na cidade e, com isso, instala-se a policentralidade em Santa Maria. Esses equipamentos se localizam no Centro e em seus arredores, não redirecionando os fluxos para áreas tão distantes da Área Central, mas já representando uma redefinição da centralidade relevante. Isso porque se tornam importantes locais de lazer e consumo tanto para moradores de Santa Maria quanto para habitantes de municípios próximos (centralidade complexa); representam espaços de exclusividade hierarquizados entre si com relação ao padrão de bens e serviços oferecidos (centralidade polinucleada) e, ainda, emergem como as centralidades mais atrativas durante o período da noite em Santa Maria, seja pelo fechamento da maioria das empresas do Centro ou pela segurança que os *shoppings* proporcionam (centralidade cambiante)²⁹.

O *Shopping Praça Nova – Santa Maria*, o maior *shopping* da cidade, será o primeiro empreendimento desse tipo disposto de modo descentralizado em Santa Maria. Com o seu estabelecimento, a policentralidade poderá alcançar um outro estágio na cidade, visto que uma área distante do Centro (a zona sul) será dotada de uma centralidade com capacidade de competir com as demais, mesmo com a Área Central. Acreditamos que a consequência será o redesenho dos fluxos intra e interurbanos em busca de lazer e consumo nessa cidade média; o aumento da segregação socioespacial pelo fato de a acessibilidade a esse *shopping* ser dificultada para as classes com menor mobilidade espacial – dada a sua localização distante do

²⁹ Os termos centralidade cambiante, polinucleada e complexa, além das noções de policentralidade e multicentralidade, utilizadas aqui para caracterizar a centralidade na cidade em estudo, pertencem a Sposito (2001; 2013). Essas noções foram discutidas ao longo do capítulo 1 da presente dissertação, mais especificamente nas páginas 18 e 19.

Centro e, por fim, o direcionamento da atenção do mercado imobiliário para a zona sul da cidade.

Finalmente, destaca-se que a multicentralidade e a policentralidade não compreendem fenômenos excludentes, mas se referem à coexistência de “cidades” diferentes. Resultam, também, de processos de descentralização singulares. Por um lado, o conjunto de decisões individuais (de empresários ou de redes de lojas) por novas estratégias de localização ocasionam a conformação de áreas especializadas, subcentros, etc. na cidade. De outro lado, grandes projetos imobiliários (*shoppings*) são capazes de subjugar o setor terciário e instaurar uma centralidade em qualquer área de uma cidade. Nessa perspectiva, atentando às transformações na questão centralidade em Santa Maria, parece possível considerá-la como uma cidade média poli(multi)cêntrica.

4 AS CENTRALIDADES NOS BAIROS CAMOBI E TANCREDO NEVES

Neste capítulo, busca-se a caracterização das aglomerações comerciais e de prestação de serviços localizadas nos bairros Camobi e Tancredo Neves. Em um primeiro momento, empreende-se a análise em cada um desses bairros norteada por um (a) exame geral dos empreendimentos comerciais e de prestação de serviços encontrados nos recortes espaciais e através da (b) discussão locacional acerca do setor terciário nessas áreas. Após, aprofunda-se as reflexões a partir de (c) inferências com base nos resultados dos questionários aplicados junto aos empresários do bairro, os quais permitem revelar as características desses empreendimentos e a trama que envolve as decisões locacionais dos empresários. De maneira semelhante, ancorando-se nos questionários aplicados junto aos transeuntes em tais áreas, procura-se (d) investigar a diversidade das temporalidades e espacialidades dos sujeitos relacionadas com os centros do bairro e as demais centralidades da cidade. Finalmente, faz-se a (e) comparação entre esses dois centros em estudo na busca de revelar as suas similaridades, bem como as suas particularidades.

4.1 Caracterização do centro do bairro Camobi

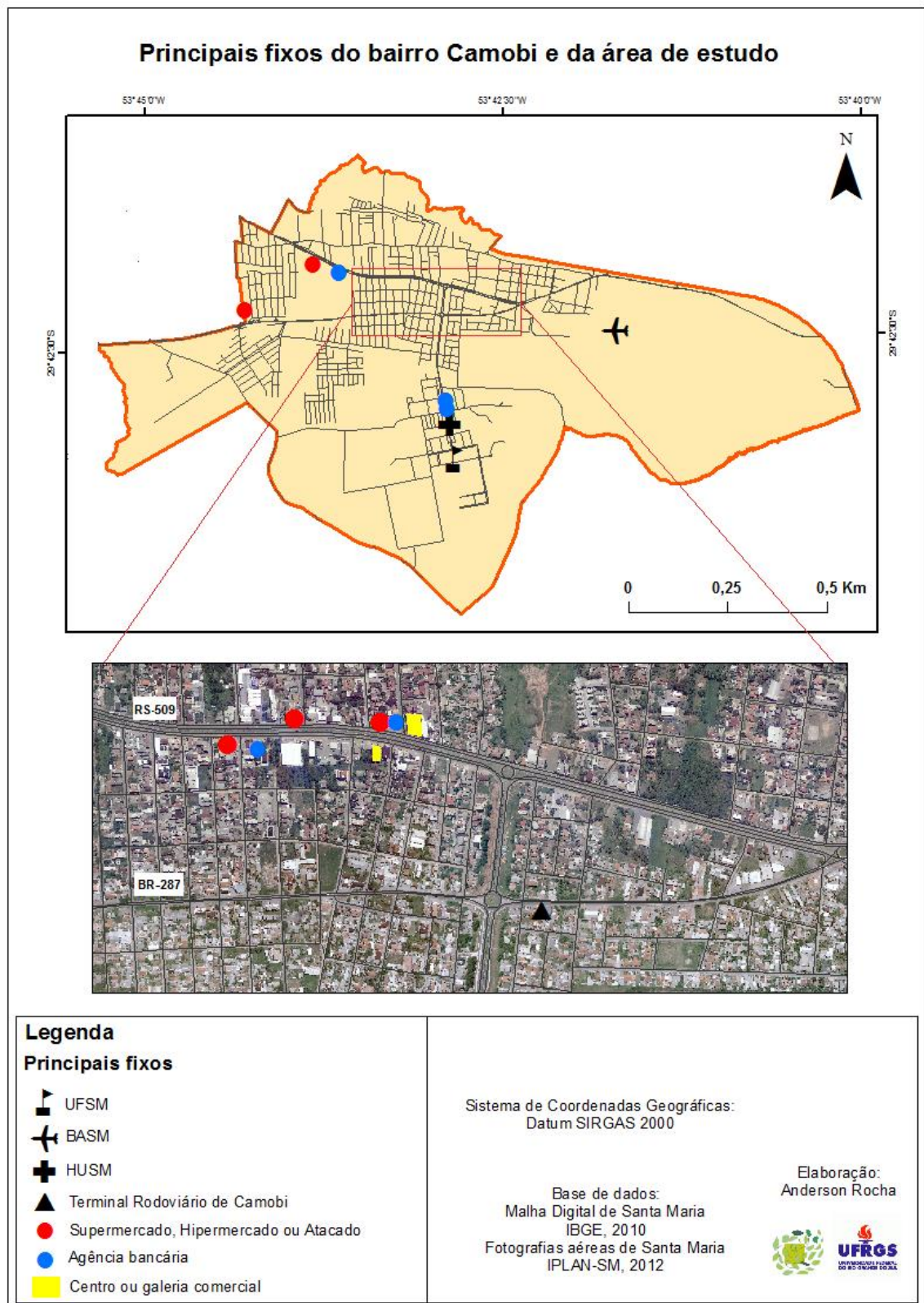
O bairro Camobi possui 21.822 habitantes, 20,3463 km² de área e está localizado na Região Administrativa Leste da cidade (ADESM, 2012). Antes de se tornar um bairro, processo iniciado na década de 1980, Camobi foi um importante distrito do município de Santa Maria. No período em que o sistema ferroviário foi prioritário para o desenvolvimento das interações interurbanas e intrarregionais, o setor terciário localizava-se na Av. João Machado Soares, transferindo-se para a RS-509, na década de 1960, e difundindo-se também para a BR-287, após 1990. Faz-se importante ressaltar que não se tratou apenas de uma mudança na localização de atividades econômicas, mas de sua multiplicação e diversificação, visto que de alguns

poucos armazéns passa-se, recentemente, a centenas de empresas que comercializam mercadorias e serviços diversos no bairro.

Na atualidade, somente dentro do recorte espacial deste estudo, Camobi apresenta 289 estabelecimentos comerciais e de serviços, conforme levantamento realizado em campo. Evidentemente, inúmeros outros empreendimentos foram desconsiderados por situarem-se além do recorte espacial selecionado. Tem-se uma série de estabelecimentos comerciais e de serviços, bem como algumas indústrias, ao longo de toda a extensão das rodovias RS-509 e BR-287, que cortam longitudinalmente o bairro. Pode-se questionar, assim, sobre quais são as diferenças entre as empresas localizadas dentro e fora do recorte espacial da pesquisa. Destaca-se, nesse sentido, que a quantidade, a concentração e a diversidade das empresas são significativamente maiores na área delimitada para este estudo. Por outro lado, é possível observar-se que os empreendimentos localizados fora do recorte espacial selecionado são, em geral, os que necessitam de maior espaço para a sua realização e não tanto das melhores localizações e da proximidade com outras empresas, tais como: lojas de atacado, de materiais de construção, revendas de automóveis, etc.

A zona de concentração das empresas do setor terciário em Camobi possui em seus arredores importantes fixos que trazem considerável intensidade de fluxos às principais rodovias que seccionam o bairro (Mapa 3). Esses equipamentos são a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), a Base Aérea de Santa Maria (BASM), o Aeroporto Civil de Santa Maria, a empresa atacadista *Atacadão*, o Hipermercado Peruzzo e Centro Comercial Dois Irmãos³⁰ e agências bancárias. No interior da área do recorte espacial, tem-se também fixos com a capacidade de atrair fluxos, tais como a Estação Rodoviária de Camobi, alguns terminais intermunicipais, a agência dos Correios, agências bancárias, a lotérica, bem como três importantes redes de supermercados da cidade.

³⁰ O centro comercial em questão funciona na mesma edificação do referido hipermercado.



Mapa 3 – Os fixos mais importantes no bairro Camobi e no recorte da pesquisa

Fonte: Elaborado pelo autor.

As atividades do setor terciário presentes na área do bairro Camobi correspondem a 39,4% de empresas comerciais e 60,5% de estabelecimentos de prestadores de serviços (Tabela 2). Os empreendimentos comerciais e de serviços foram classificados em 10 grupos, cada um conforme o tipo de bem ou serviço que oferece. Os critérios utilizados para elencar cada uma dessas classes foram o número de estabelecimentos da mesma tipologia e, em segundo lugar, o grau de especialização da atividade. As empresas que não se enquadraram nesses grupos foram reunidas em uma outra classe denominada “outros”.

Em Camobi, as atividades comerciais estão consubstanciadas em 114 empresas. Os grupos mais representativos são a comercialização de vestimentas e acessórios, de mercadorias em geral e de produtos farmacêuticos que, em conjunto, compreendem metade da atividade comercial do centro do bairro. Por outro lado, a diversidade da natureza dos estabelecimentos comerciais fica evidente pela expressão do grupo denominado “outros”, que compreende 15% das empresas que não se enquadraram nas 10 categorias restantes.

Tabela 2 – Grupos de atividades comerciais no centro de Camobi³¹

Grupo de atividades	Nº	%
Vestimentas e acessórios	20	17,5
Mercadorias em geral	19	16,6
Produtos farmacêuticos e similares	17	15
Automóveis e peças automotivas (novos e usados)	9	7,8
Construção em geral	9	7,8
Presentes, artigos de decoração e afins	7	6,1
Informática	6	5,2
Calçados	4	3,5
Produtos agropecuários e para animais	3	2,6

³¹ Os dados desta tabela, bem como das tabelas e mapas a seguir, referentes ao setor terciário nos bairros Camobi e Tancredo Neves, foram coletados durante a pesquisa de campo realizada entre setembro e novembro do ano de 2015.

Móveis e eletrodomésticos	3	2,6
Outros	17	15
TOTAL	114	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

A prestação de serviços compreende 175 estabelecimentos, dentre os quais os serviços de estética, alimentação, médicos e clínicos em geral foram os mais representativos. Excetuando-se os serviços de alimentação, manutenção e estética, comuns em diversos bairros da cidade, embora não nessa proporção, chama a atenção a presença de serviços mais especializados em Camobi, tais como escolas de línguas estrangeiras, escritórios de contabilidade, engenharia, advocacia e arquitetura, além de clínicas de odontologia, psicologia, fisioterapia, etc. Destacam-se também as imobiliárias, que são um indicativo da dinâmica do mercado imobiliário na zona leste da cidade – realidade que pode ser confirmada pela forte presença de edifícios e condomínios em construção no bairro Camobi (Tabela 3).

Tabela 3 – Grupos de atividades de prestação de serviços no centro de Camobi

Grupos de atividades	Nº	%
Estética	25	14,2
Restaurante, lancheria e similares	25	14,2
Serviço médico e clínico em geral	21	12
Manutenção em geral	20	11,4
Assessorias	16	9,1
Ensino	13	7,4
Serviços imobiliários	13	7,4
Saúde corporal	10	5,7
Bancários ou de crédito	4	2,2
Veterinários ou cuidado animal	3	1,7
Outros	25	14,2
TOTAL	175	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para fins analíticos, torna-se importante dividir o centro do bairro Camobi em setor leste e setor oeste – grandes áreas separadas pela via que corta as rodovias RS-509 e BR-287, no sentido norte-sul, ligando as duas rótulas (Mapa 3). É possível, ainda, distinguir entre as rodovias e as demais vias dessas áreas. A análise da localização do setor terciário, exposta a seguir, faz uso desses recortes.

O setor oeste se destaca pela quantidade de atividades comerciais e de prestação de serviços, tanto nas margens das rodovias quanto nas demais vias (Mapa 4). Esse setor compreende cerca de 76% das empresas instaladas em andares térreos na área de estudo – excluindo-se os empreendimentos situados em galeria e no centro comercial. Tratando-se especificamente sobre o setor oeste, sublinha-se que mais da metade dessas empresas estão localizadas longitudinalmente ao eixo das rodovias. Já entre esses dois trechos das rodovias, pertencentes ao setor oeste, observa-se que a RS-509 concentra a significativa maioria dos empreendimentos. Ao se considerar também as empresas do centro comercial e da galeria, o trecho oeste da rodovia em questão chega a contabilizar aproximadamente 40% da totalidade dos empreendimentos situados em andar térreo no recorte espacial da pesquisa.

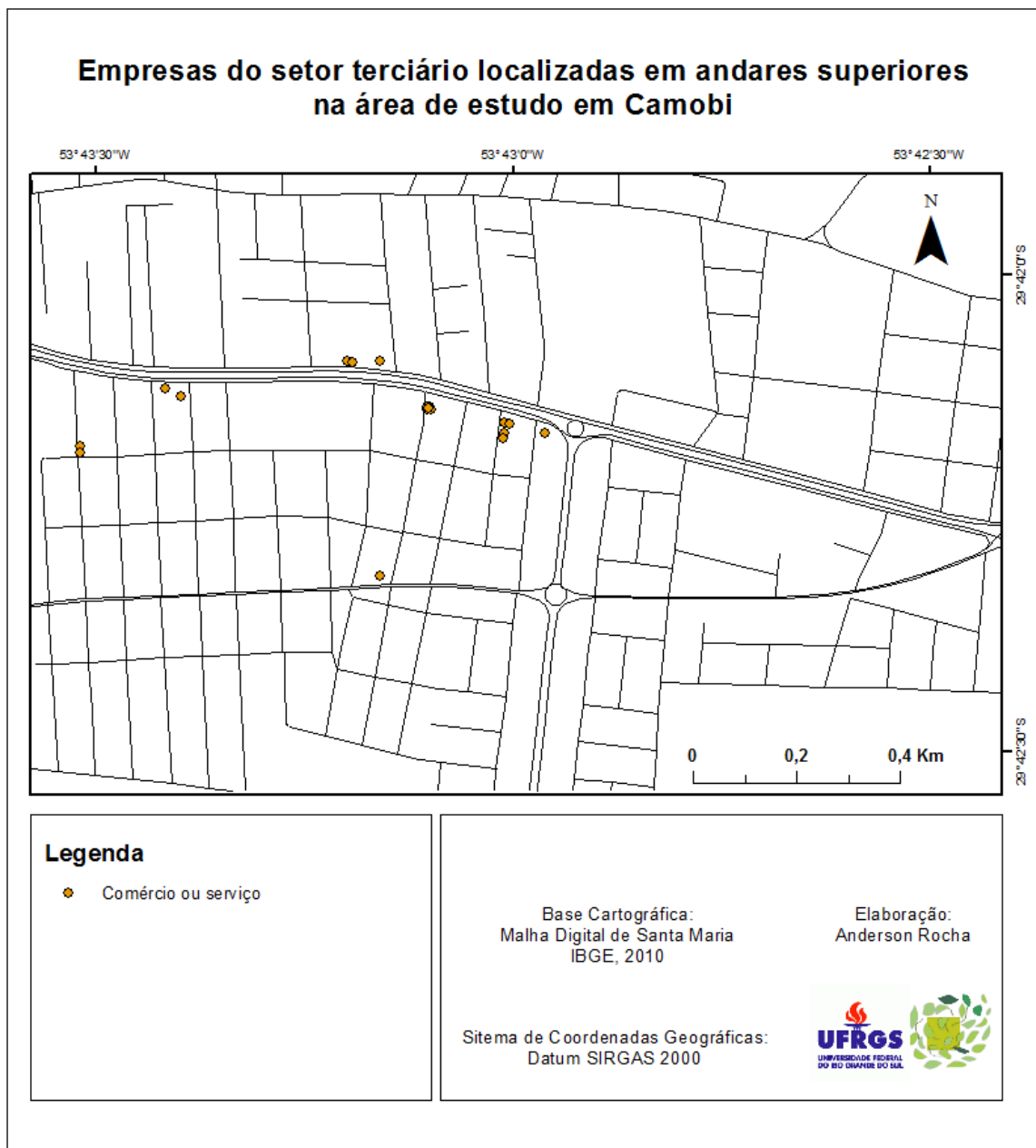


Mapa 4 – Comércio ou serviços localizados no andar térreo na área de estudo

Fonte: Elaborado pelo autor.

A maioria das atividades terciárias do centro de Camobi ocorre em andares térreos. Todos os empreendimentos situados em andares superiores se localizam no setor oeste, sendo que a quase totalidade desses está localizado longitudinalmente ao eixo da RS-509 (Mapa 4). Isso permite afirmar que é no setor oeste da rodovia em questão que se tem uma menor disponibilidade de espaço para fins comerciais e, portanto, uma disputa locacional mais expressiva. Deve-se sublinhar também que, apesar de haver poucas atividades comerciais em andares superiores, a verticalização no bairro é significativa, visto que se observa uma série de prédios já

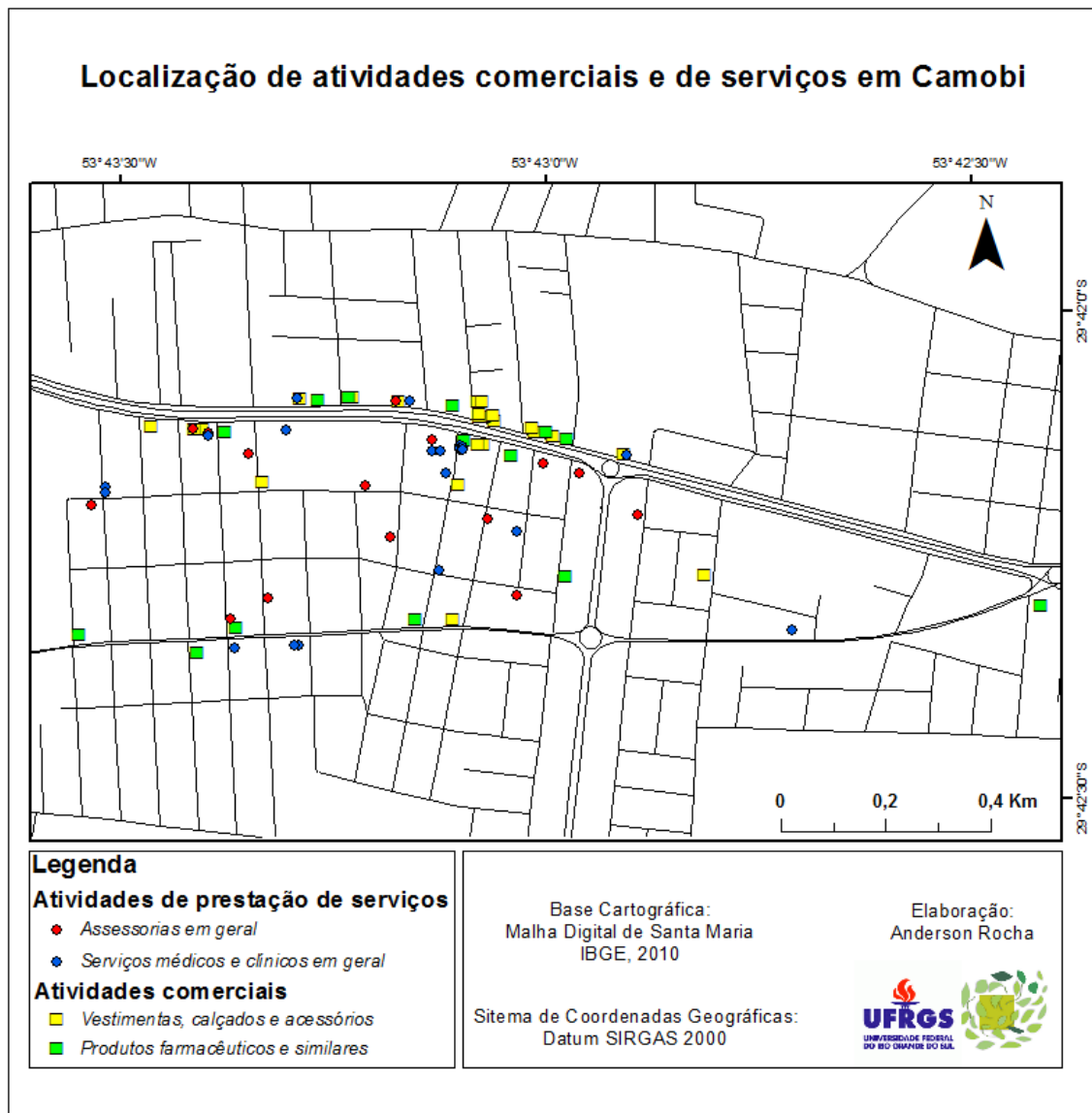
habitados ou em construção, com até cinco pavimentos nessas áreas do bairro. Tais edifícios, predominantemente residenciais, muitas vezes, possuem o andar térreo planejado como sala comercial, o que revela a atuação do mercado imobiliário na criação de instalações que poderão abrigar empreendimentos comerciais e de serviços, acoplados ao uso residencial.



Mapa 5 – Comércio ou serviços localizados em pavimentos superiores

Fonte: Elaborado pelo autor.

As empresas consideradas no levantamento realizado não estão dispostas de forma anárquica sobre o território, ao contrário, parecem apresentar lógicas de localização diferenciadas que variam conforme a tipologia do empreendimento. O mapa 6 elucida essa questão ao demonstrar a diferença no padrão de localização de dois grupos de atividades comerciais e dois grupos de prestação de serviços. As lojas de vestimentas, acessórios e calçados se concentram, sobretudo, no trecho oeste da RS-509 e, dentro desta, na área de maior circulação de pessoas. Já o comércio de produtos farmacêuticos e similares se distribui, principalmente, ao longo das rodovias no setor oeste. Dessa maneira, constata-se que, se o primeiro grupo disputa as localizações mais centrais, com as empresas se estabelecendo próximas umas às outras, o outro grupo de empresas possui maior flexibilidade em sua localização, ainda que fortemente atraídas pelas rodovias, isto é, pelos fluxos de veículos. Quanto aos grupos de prestação de serviços, tanto as assessorias como os serviços médicos e clínicos não parecem tão dependentes da proximidade de fluxos de pedestres ou automóveis, visto que uma parte considerável das empresas se localiza nas vias locais do bairro.

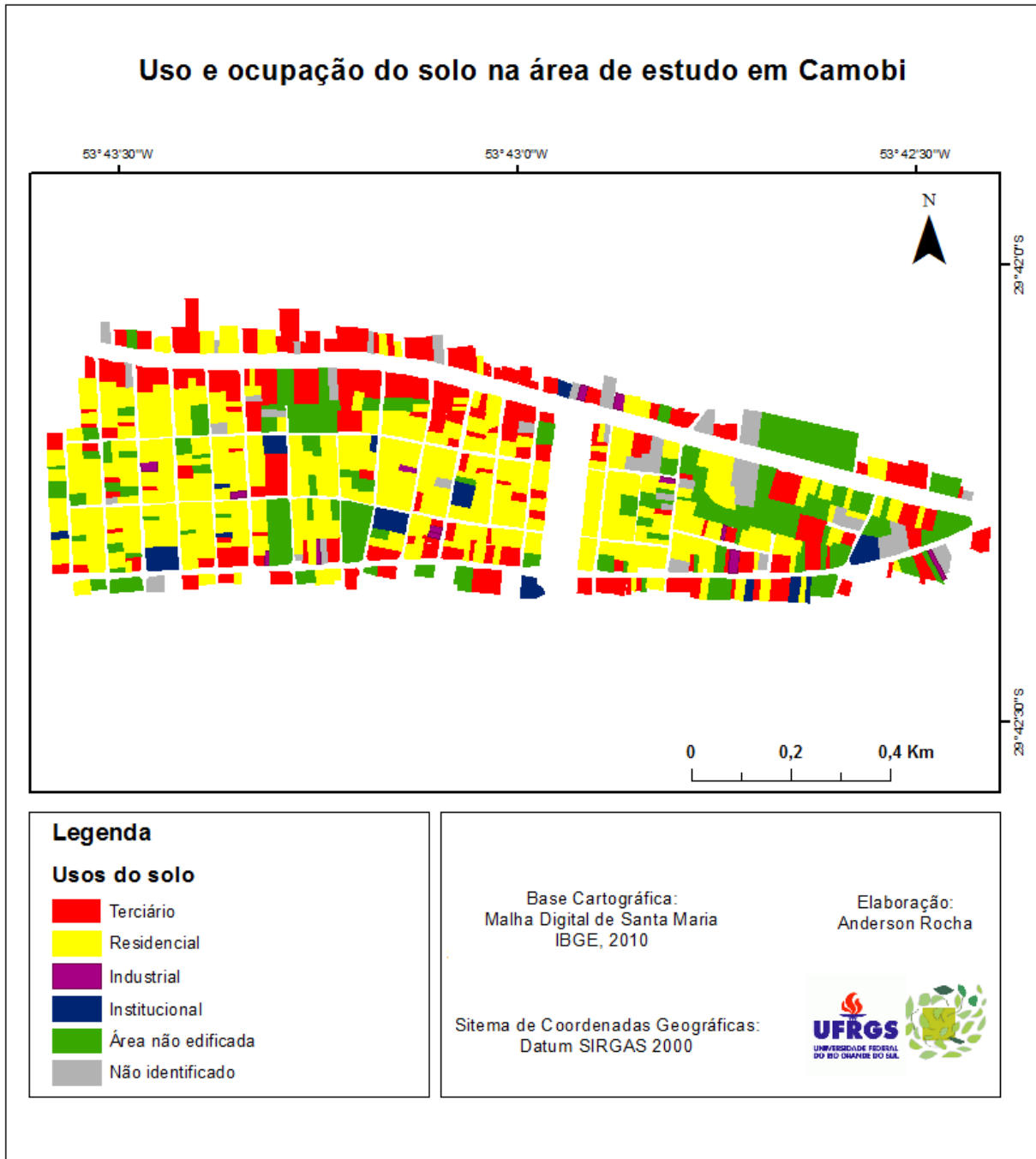


Mapa 6 – Padrão locacional dos grupos de atividades terciárias em Camobi

Fonte: Elaborado pelo autor.

O mapa 7 indica os diversos usos do solo presentes na área de estudo, a partir de levantamento em campo e possibilita, assim, uma compreensão mais ampla das características do local. Percebe-se, com isso, os seguintes aspectos: predomínio dos usos residencial e terciário; baixa presença do uso industrial; uso institucional ocorrendo com maior intensidade no setor oeste, onde pode-se destacar a subprefeitura, o corpo de bombeiros, postos policiais, escolas, etc. Mais especificamente sobre o uso do solo pelo setor terciário, através do mapa, fica

evidente o destaque do trecho oeste da RS-509, uma vez que nessa área restam poucos lotes que não possuem uso pelo setor terciário.



Mapa 7 – Diferentes usos do solo na área de estudo no bairro Camobi

Fonte: Elaborado pelo autor.

As empresas do bairro possuem diferenças com relação às suas origens e às edificações ocupadas (Figura 3). Com relação às origens dos empreendimentos, existem os que foram criados no bairro, os que saíram do Centro Principal e reabriram no bairro, filiais de empresas já presentes no Centro e filiais que não possuem estabelecimentos no Centro. Revela-se, destarte, a atuação de diversos capitais no bairro Camobi, a saber, capitais locais (do bairro), da cidade ou até externos ao município. Com relação às edificações ocupadas, há empresas que têm suas atividades no mesmo lote da residência do dono do empreendimento, mais comuns nas vias locais do que nas rodovias, seja no primeiro andar de casas de dois andares ou em edificação anexa à residência; empresas que ocupam salas comerciais, geralmente o andar térreo, de edifícios residenciais e, por fim, empresas que ocorrem em estabelecimento próprio (alugado ou não) em lote somente utilizado para tal função.



Figura 3 – Padrões variados de empresas no trecho oeste da RS-509

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O horário comercial no bairro compreende o período das 9h da manhã às 19h da noite. Apenas algumas farmácias e lancherias funcionam à noite. Deve-se ressaltar, ainda, as lancherias móveis³² que ocupam determinados pontos do centro do bairro no horário noturno. Durante esse período, ademais, é reforçada a centralidade do *Hipermercado Peruzzo e Centro Comercial Dois Irmãos*, localizado nas proximidades da área de estudo, com o mercado, as lojas e a praça de alimentação em funcionamento até 22h.

No interior da área considerada central do bairro Camobi, tem-se um centro e uma galeria comercial. O *Centro Comercial Camobi*, localizado no trecho oeste da RS-509, possui 17 estabelecimentos comerciais e de serviços, dentre os quais estão lojas de confecções, calçados, bijuterias, restaurantes, uma livraria, uma escola de línguas, etc. A *Galeria Mainardi*, também situada na parte oeste da RS-509, possui 06 empreendimentos e algumas salas não alugadas. Essa galeria abriga duas clínicas odontológicas, um escritório de advocacia, um curso preparatório para concursos públicos e do Exército, uma barbearia e uma agência dos Correios, conforme ilustra a figura 4.

³² Esse tipo de atividade não foi contabilizado no levantamento dos dados da pesquisa. Isso porque se considerou apenas os empreendimentos com localização fixa.



Figura 4 – Galeria Mainardi e Centro Comercial Camobi

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As principais filiais de empresas varejistas também se localizam ao longo do trecho oeste da RS-509. São elas: *Becker*: empresa de móveis localizada em dois outros pontos da cidade; *Quero-Quero*: empresa de casa e construção situada em três outros locais da cidade; *Por Menos*: loja de confecções com a matriz no Centro; *taQi*: empresa que possui a sua a matriz na Área Central; *Lebes*: trabalha com diversos tipos de mercadorias, tais como confecções, calçados, eletrodomésticos, móveis, etc. e possui outra filial na cidade, estabelecida no *Royal Plaza Shopping*; *Grazziotin*: varejo de vestuário e decoração para casa, com a matriz de Santa Maria localizada no Centro; *Fenix Calçados*: loja de calçados que apresenta dois outros estabelecimentos na cidade, um no Centro e outro no Tancredo Neves; *Eletropeças*: lojas de comércio de peças automotivas com duas outras empresas na cidade.

Assim sendo, percebe-se que a centralidade do trecho oeste da RS-509 é evidentemente mais significativa do que a das demais vias do recorte espacial da pesquisa. Isso porque é nessa área que se concentra o maior número de empresas, a maior parte das filiais e dos empreendimentos situados em andares superiores, além de um centro comercial e uma galeria comercial.

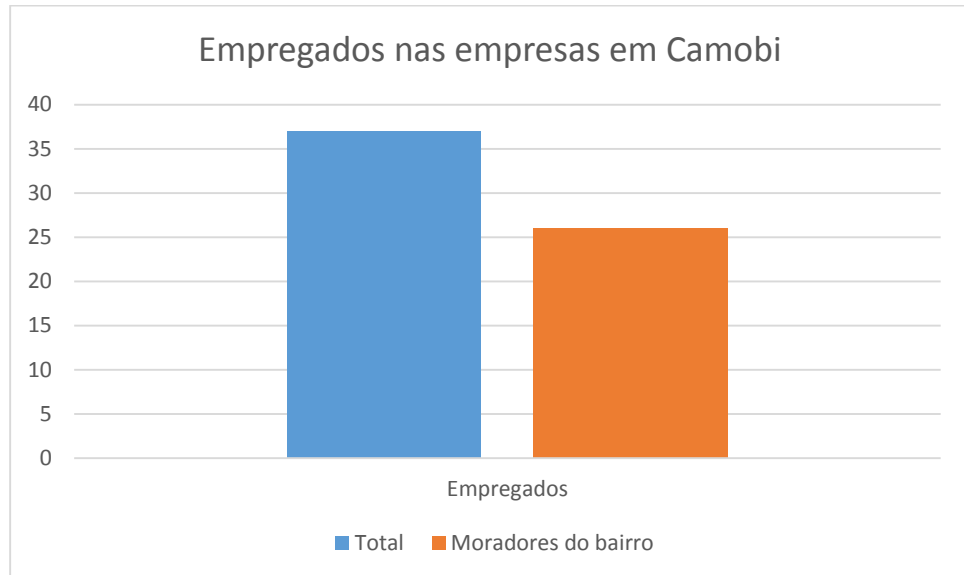
Até então, buscou-se caracterizar a aglomeração comercial e de serviços do bairro a partir de dados levantados e sistematizados acerca do setor terciário (natureza e localização das empresas) e das observações realizadas na pesquisa de campo. Tenta-se, agora, aprofundar a análise com base nos questionários aplicados junto aos empresários e aos transeuntes pela área do recorte espacial da pesquisa.

Dentre as 15 empresas em que se aplicou os questionários, apenas 03 são filiais³³. Das 12 lojas-matriz, somente 02 possuem filiais na cidade. Ainda ao que tange essas empresas-matriz, 08 delas foram criadas no atual local em que estão no bairro e 03 mudaram sua localização no interior dele: saíram do centro comercial, mudaram-se para outra via e ou ainda mudaram de localização na mesma via. Tem-se ainda o caso de uma empresa que saiu do Centro Principal, mais especificamente do *Santa Maria Shopping*, e reabriu o seu empreendimento no bairro. Cabe ressaltar que, dentre as 15 empresas, os donos de 10 são moradores do bairro, 02 são moradores de outro bairro da cidade e 03 não pertencem ao município – o que sustenta a hipótese de atuação de capitais de origens diversas atuando no bairro.

Esses estabelecimentos comerciais e de serviços geram 37 empregos diretos, em sendo que a maioria dessas vagas é ocupada por moradores de Camobi (Gráfico 1). Acredita-se, de acordo com o observado em campo, que essa preferência por moradores do bairro esteja ligada a uma série de fatores, mas principalmente à distância de Camobi dos demais bairros da cidade (custo considerável de tempo nos deslocamentos trabalho-residência, tanto pela distância quanto pelos congestionamentos), às relações interpessoais (empregar pessoas conhecidas, por indicação ou até mesmo familiares) e a um certo grau de bairrismo (preferência por moradores do bairro).

³³ Os empreendimentos pesquisados são os seguintes: seis lojas de confecções (roupas infantis, vestimentas sociais, confecções de baixo custo, etc.), duas empresas de calçados, uma bijuteria/loja de artigos femininos, uma livraria, uma escola de idiomas, uma loja de móveis, uma ótica, uma loja de presentes e uma empresa comercial de *games* e informática.

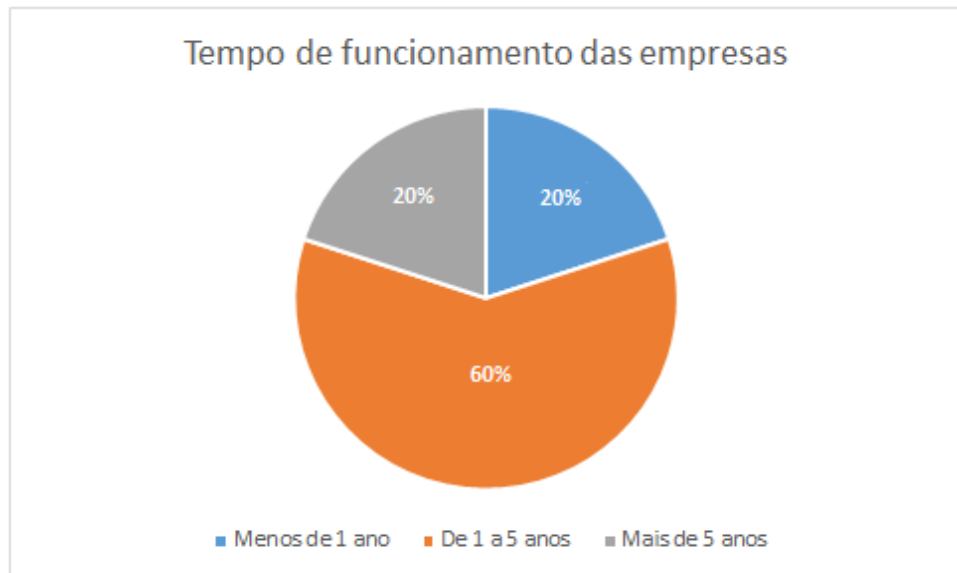
Gráfico 1 – Empregos nos estabelecimentos pesquisados em Camobi



Fonte: Elaborado pelo autor.

A maioria dessas empresas analisadas pelos questionários possui entre 1 a 5 anos de funcionamento (Gráfico 2). Isso indica duas possibilidades: a) o tempo de vida de parte das pequenas empresas no bairro é baixo, acompanhando as tendências nacionais para esse porte de empresa no país e apontando uma “rotatividade” dos estabelecimentos terciários no bairro – um ciclo de surgimento-fechamento-reaparecimento de empreendimentos que revezam a utilização das mesmas localizações – e b) a intensificação da atividade comercial no bairro, sobretudo nos últimos cinco anos, o que remete a uma tendência de fortalecimento desses novos centros. Esses dois movimentos não são excludentes entre si, podendo atuar conjuntamente. A ocorrência de ambas essas dinâmicas, em intensidades diferentes, pode ser percebida no bairro ao se observar a reabertura de empreendimentos em instalações de empresas inativas e, com maior força, o aparecimento de empresas em edificações até o momento não utilizadas ou recém-construídas.

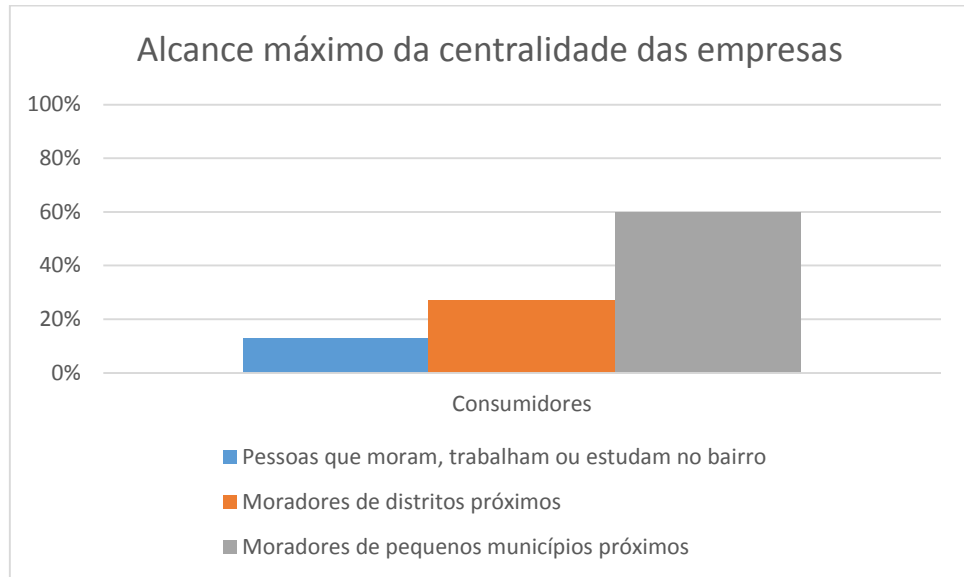
Gráfico 2 – Tempo de atividade das empresas pesquisadas em Camobi



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os principais consumidores para as empresas em questão são os moradores do bairro Camobi, segundo os empresários. Entretanto, no que se refere ao alcance máximo, isto é, a maior distância em que os indivíduos se deslocam com relativa frequência para consumir nas empresas do bairro, a maioria dos empresários reconhece que são os habitantes de distritos do município e de pequenos municípios dos arredores de Santa Maria (Gráfico 3). Essa centralidade com influência para além do município parece ser explicada, em parte, pela posição das rodovias RS-509 e BR-287 no sistema de circulação intra e interurbano.

Gráfico 3 – Raio de influência dos estabelecimentos pesquisados em Camobi



Fonte: Elaborado pelo autor.

A satisfação acerca da localização dos empreendimentos no bairro é quase unânime entre os empresários pesquisados³⁴. Cerca de 46,6% desses sujeitos afirmam não haver nenhum aspecto negativo em possuir uma empresa no bairro, 33,3% consideram a preferência pelo Centro Principal como algo negativo (primazia dada pela oferta de bens e opções de lazer) e os demais citaram apenas elementos muito diversos e, assim, não sistematizáveis.

Com relação aos fatores locais que influenciaram na escolha dos empresários de investirem no bairro, são os de natureza espacial e econômica que apresentam maior peso nos questionários (Quadro 3). Mais detalhadamente, os dois fatores locais com maior incidência foram a baixa concorrência existente no local e a intensidade dos fluxos. No primeiro caso, os empresários afirmam perceber uma demanda por determinado bem ou serviço e, além disso, uma escassa ou inexistente oferta desses; por outro lado, o segundo fator se refere aos fluxos de pedestres e veículos que cruzam próximos ao ponto em que está localizado o empreendimento.

³⁴ A exceção foi a proprietária de uma livraria que não estava satisfeita com a localização do empreendimento. No entanto, ela acredita ser um problema mais cultural do que locacional. Conforme indica a empresária, poucas pessoas no bairro (seu maior público) veem o livro como um presente.

Quadro 3 – Fatores locacionais influentes sobre a localização das empresas

Natureza das variáveis	Fatores locacionais	Incidência³⁵
<i>Espacial</i>	Proximidade da residência	03
	Intensidade dos fluxos	06
	Crescimento do bairro (econômico e demográfico)	04
<i>Econômica</i>	Baixo capital investido (alugueis, preço dos imóveis, possuir área própria, etc.)	04
	Menor concorrência	06
	Renda da população do bairro	01
<i>Subjetiva</i>	Bairrismo dos moradores	02
	Bairrismo do empresário	02

Fonte: Elaborado pelo autor.

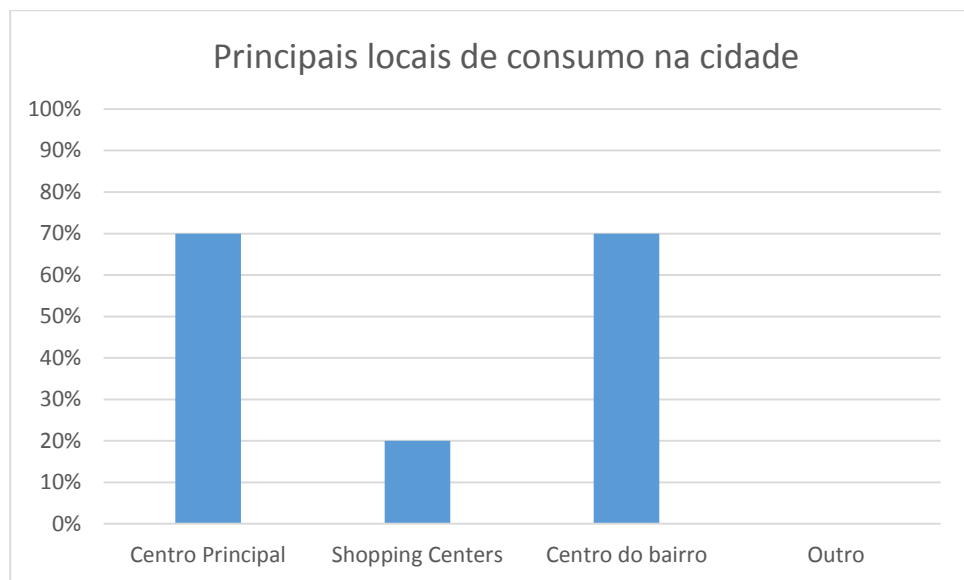
Finalmente, após a discussão das características dos empreendimentos e do âmbito das decisões locacionais dos empresários, pretende-se realizar apontamentos acerca dos consumidores, com base nos questionários realizados junto aos transeuntes encontrados na área de estudo. Passa-se, dessa maneira, da análise das formas e de seus conteúdos para a análise dos fluxos. Diferentemente das inferências feitas por meio dos questionários aplicados com os empresários, passíveis de verificação ou de contestação através da observação da paisagem na pesquisa de campo, a apreensão dos fluxos apresenta maiores dificuldades, pois não se revela com clareza pelas formas ao se tratar daquilo que se movimenta no território.

Os dados levantados pelos questionários não permitem um tratamento quantitativo; o que se busca, nesse sentido, é uma análise qualitativa desses consumidores, que revele a complexidade da questão da centralidade do centro do bairro. Embora alguns dados, expostos a seguir, tenham sido transformados em gráficos e tabelas, tratou-se apenas de sua sistematização.

³⁵ A variável *incidência* se refere aos fatores citados nas questões 4-a e 4-d (neste caso, apenas acerca dos aspectos positivos) do questionário aplicado junto aos empresários (Apêndice 1). No caso de cada sujeito, os fatores que se repetem nas duas questões não foram contabilizados duas vezes; nesse sentido, analisa-se as respostas dessas questões e o valor de 01 é atribuído a cada fator diferente citado.

Em um primeiro momento, sublinha-se que dentre os transeuntes pesquisados, sete são moradores do bairro, um de um distrito próximo e dois de outros municípios – apenas um deles não se considera consumidor do centro do bairro. Os principais locais de consumo na cidade, para esses sujeitos, são o Centro Principal e o centro do bairro (Gráfico 4). Chama a atenção o fato de a centralidade do bairro aparecer aqui com mais expressão até do que a dos *shopping centers* de Santa Maria.

Gráfico 4 – Principais locais de consumo para os transeuntes em Camobi³⁶

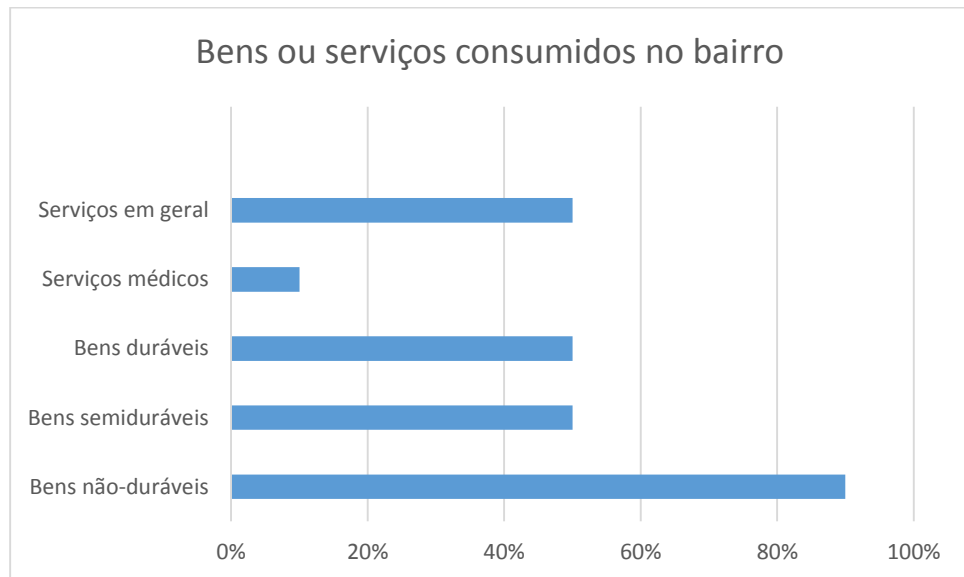


Fonte: Elaborado pelo autor.

Com relação aos bens e serviços mais consumidos no centro do bairro, os bens não duráveis se sobressaem (Gráfico 5). Logo em seguida, tem-se os bens semiduráveis e duráveis. Por outro lado, quanto à prestação de serviços, os serviços médicos aparecem inexpressivos diante dos demais. O gráfico em questão demonstra uma utilização bastante integral do centro do bairro pelos sujeitos pesquisa, apesar da fraca representatividade dos serviços médicos.

³⁶ O presente gráfico foi elaborado a partir dos resultados obtidos com a questão 2-b do questionário aplicado junto aos transeuntes em Camobi (Apêndice 2). Deve-se sublinhar que os sujeitos poderiam marcar apenas duas dentre as quatro opções de locais de consumo disponíveis na referida questão. Isso para que fossem destacados apenas os principais locais de consumo para esses sujeitos.

Gráfico 5 – Perfil do consumo no centro do bairro Camobi



Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o que se analisou, parece importante destacar o simplismo do entendimento da centralidade enquanto um polígono, uma área de influência com certa extensão contínua, visto que esta possui uma expressão de maior complexidade que varia, principalmente, conforme a temporalidade e os deslocamentos dos sujeitos no espaço. Isso porque, dentre os consumidores pesquisados, a mobilidade espacial teve mais peso do que a distância física em suas escolhas dos locais de consumo na cidade. Em outras palavras, os consumidores do centro do bairro não foram, necessariamente, os moradores de Camobi; mas aqueles, mesmo de distritos ou municípios próximos, que possuem menor mobilidade espacial para se deslocar até o Centro Principal. No entanto, há também aqueles que, mesmo com maior mobilidade, preferem consumir no bairro para evitar os transtornos de se deslocar até outros espaços de consumo localizados mais distantes.

4.2 Caracterização do centro do bairro Tancredo Neves

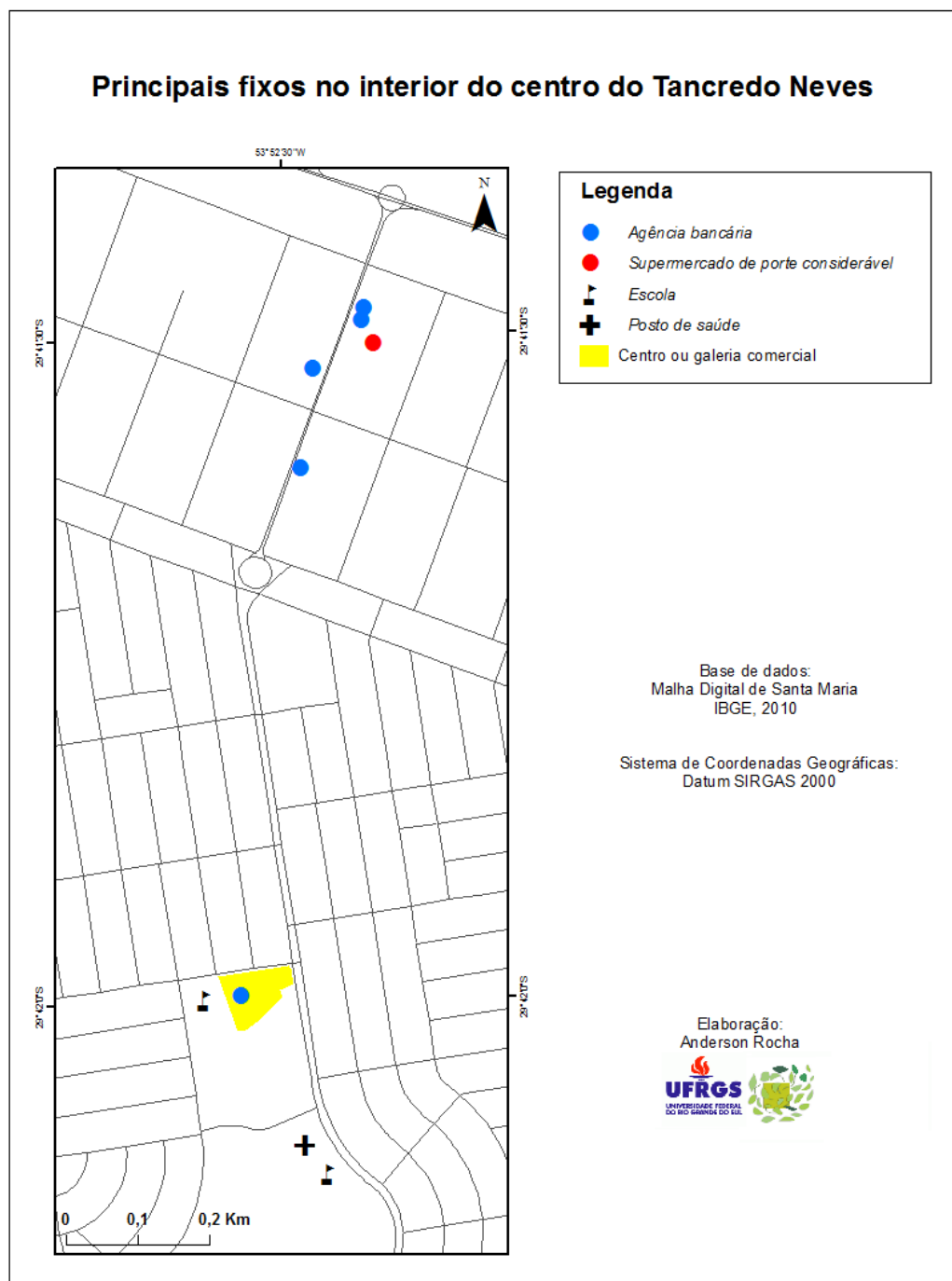
O bairro Tancredo Neves, situado na zona oeste da cidade, foi originado através da COHAB-RS, em 1986. O setor terciário, desde o projeto desse conjunto habitacional, já possuía lotes específicos para o seu estabelecimento: a área do centro comercial do bairro, localizado na Av. Paulo Lauda. É também nessa avenida que outros importantes fixos iriam se estabelecer (a escola, o ginásio do bairro, o posto de saúde, etc.) e intensificariam os fluxos na área (Mapa 8). Nesse cenário, progressivamente, o comércio e os serviços passam a se instalar ao longo dessa via, ocupando lotes destinados ao uso residencial.

Atualmente, o bairro possui 11.456 habitantes e 3,4151 km² de área (ADESM, 2012). As atividades concernentes ao setor terciário estão dispostas em diversas vias do bairro, mas é nas vias Paulo Lauda e Armin Schvarcz que sua presença se faz mais significativa. Essas atividades têm se estabelecido, ainda, ao longo da Rua Maranhão – onde apenas uma rótula a separaria da avenida – em área pertencente ao bairro Pinheiro Machado³⁷. Dentro dos limites do recorte espacial desta pesquisa contabilizou-se 147 empreendimentos, sendo 78 comerciais e 69 de prestação de serviços.

O primeiro passo, antes da análise da centralidade em questão, deve ser a distinção entre o comércio e os serviços do trecho oeste da BR-287 e o das vias localizadas na área de estudo. Essa rodovia, que secciona a zona oeste da cidade e dá acesso aos bairros Pinheiro Machado e Tancredo Neves, apresenta atividades econômicas em sua extensão. Mais detalhadamente, esse trecho manifesta uma especialização em revendas de automóveis, lojas de peças e acessórios automotivos e, ainda, oficinas mecânicas e de chapeamento, dentre outros serviços automotivos em geral. Ao adentrar-se no bairro Pinheiro Machado, através da Rua Maranhão, já se observa uma mudança significativa na paisagem comercial: agências bancárias, lojas de utilidades, etc. As atividades terciárias se intensificam e diversificam ao

³⁷ Procuramos referir a aglomeração comercial em estudo, nesta seção, como “Centro do Tancredo Neves” ainda que o recorte espacial integre parte do bairro Pinheiro Machado. Isso objetiva facilitar seu tratamento ao longo deste subcapítulo e, ainda, deixar claro que as atividades presentes na Rua Maranhão compreendem uma expansão da centralidade da Av. Paulo Lauda.

seguir-se pela Av. Paulo Lauda em direção ao centro comercial: lojas de confecções, presentes, calçados, acessórios, além de clínicas odontológicas, restaurantes, etc. É nesse sentido, atentando à concentração e à diversidade das empresas, que podemos distinguir a atividade comercial da área de estudo da que pertence ao trecho oeste da BR-287.



Mapa 8 – Fixos no interior do centro do Tancredo Neves

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito ao comércio estabelecido na área de estudo, o grupo de atividades mais expressivo foi o varejo de vestimentas e acessórios, compreendendo 24,3% das empresas comerciais localizadas nas vias centrais, conforme indica a tabela 4. Logo em seguida, aparecem os grupos de mercadorias em geral, de presentes, decoração e similares e o de produtos farmacêuticos. Ressalta-se que essa maior representatividade do grupo de vestimentas e acessórios demonstra que a aglomeração terciária em análise está além da comercialização de produtos não duráveis.

Tabela 4 – Grupos de atividades comerciais no centro do bairro Tancredo Neves

Grupos de atividades	Nº	%
Vestimentas e acessórios	19	24,3
Mercadorias em geral	18	23
Produtos farmacêuticos	6	7,6
Presentes, decoração, etc.	6	7,6
Móveis, vestimentas e artefatos usados	5	6,4
Calçados	3	3,8
Automóveis ou autopeças	2	2,5
Construção em geral	2	2,5
Produtos agropecuários e para animais	2	2,5
Informática	1	1,2
Outros	14	18
TOTAL	78	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com relação à prestação de serviços, os grupos de atividades com maior presença são os de estética, de serviços médicos e clínicos e o de alimentação, os quais contabilizam 52% das atividades do centro do bairro. Desconsiderando-se os serviços de estética e de alimentação, comuns em diversos bairros da cidade, destaca-se a presença dos serviços médicos no bairro que compreendem 14,4% da

prestação de serviços do local. Ademais, argumenta-se que a relevância do grupo “outros”, seja nas atividades comerciais ou nas de serviços, expõe a diversidade dos empreendimentos do bairro, conforme indica a tabela 5.

Tabela 5 – Grupos de atividades de prestação de serviços no centro do bairro Tancredo Neves

Grupos de atividades	Nº	%
Estética	13	18,8
Restaurante, lancheria e similares	13	18,8
Serviços médicos e clínicos	10	14,4
Manutenção em geral	8	11,5
Agências bancárias e de crédito	3	4,3
Veterinário e cuidado animal	3	4,3
Assessorias	2	2,8
Ensino	2	2,8
Saúde corporal	2	2,8
Serviços imobiliários	2	2,8
Outros	11	16
TOTAL	69	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

O *Centro Comercial Tancredo Neves* possui dois andares e, atualmente, vinte e oito empresas em funcionamento; restam poucas salas não alugadas no local, quase todas situadas no andar superior. Essa área é a de maior circulação de pessoas e automóveis no bairro; é também aí que se situam importantes locais de embarque e desembarque para as linhas de ônibus que passam pelo bairro. O centro comercial, muito além de uma área de consumo, é um espaço de lazer para os moradores da Tancredo Neves. Embora não ofereça opções para a realização dessa atividade, observa-se que pessoas de diversas faixas etárias se utilizam do centro comercial como ponto de encontro (Figura 5).



Figura 5 – Centro Comercial Tancredo Neves

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O padrão das edificações é bastante diverso na área de estudo dentro dos bairros (Figura 6). Primeiramente, destaca-se que se trata de um centro predominantemente horizontalizado, visto que são poucos os empreendimentos situados em pavimentos superiores – com exceção de algumas empresas localizadas no andar superior do centro comercial e de um edifício de dois andares nas proximidades deste. De modo geral, a área do recorte espacial não demonstra uma verticalização significativa, ao contrário, apresenta poucas edificações residenciais com mais de dois pavimentos.

Além disso, alerta-se sobre a forte presença de edificações de uso misto na área de estudo, ou seja, de atividades comerciais ou de serviços ocorrendo junto a residências, em construções anexas a estas ou, ainda, no andar térreo de residências

de dois pavimentos. A paisagem da área de estudo revela também um uso intensivo do solo manifesto pela existência de edificações subdivididas entre diversos pequenos empreendimentos e, igualmente, uma baixa presença de grandes empresas ou filiais de redes de lojas varejistas. Esses fatores permitem levantar a hipótese de que os empreendedores que atuam no bairro são, geralmente, de origem local.



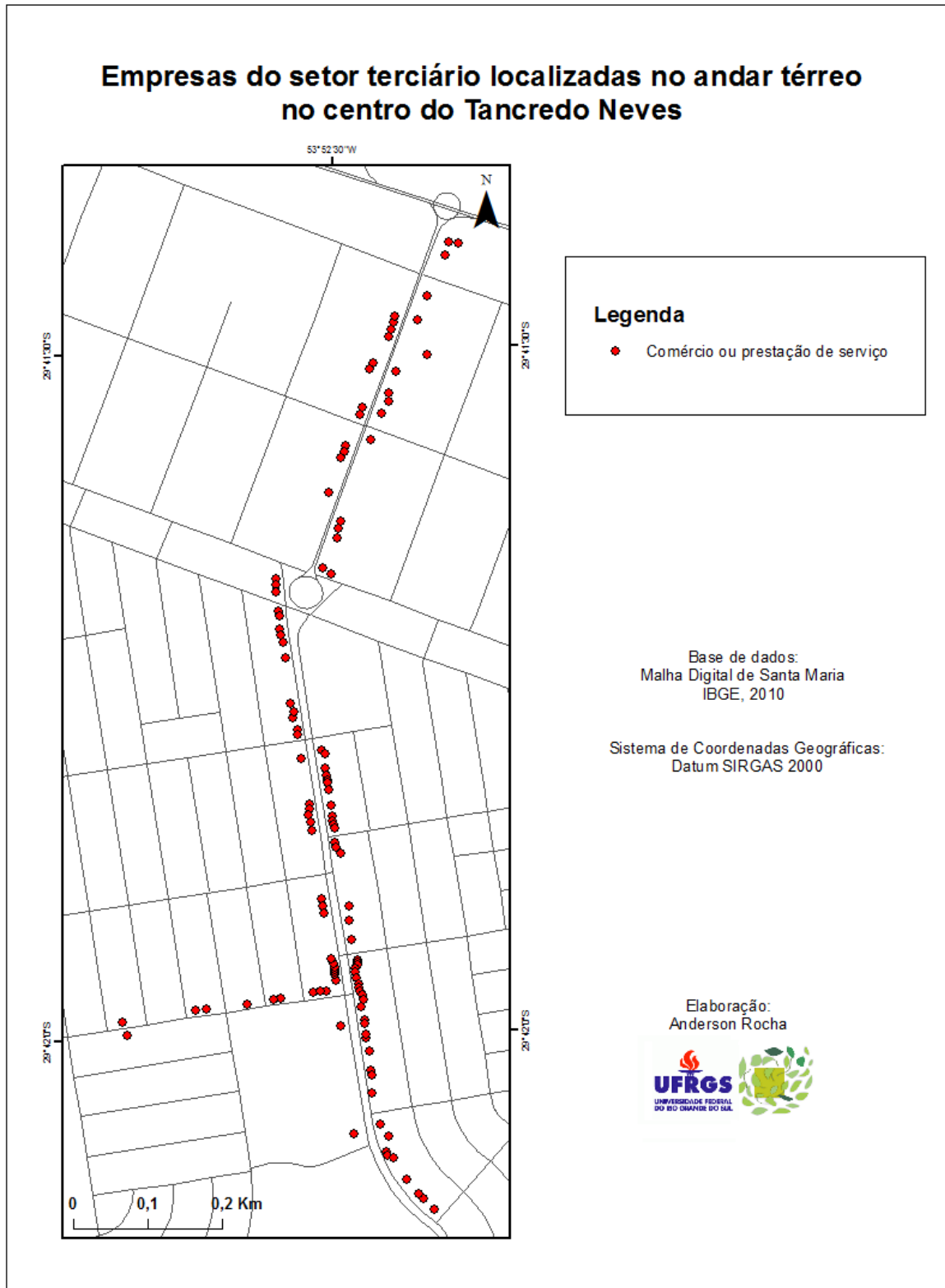
Figura 6 – Empresas com padrões diversos na Av. Paulo Lauda

Fonte: Pesquisa de campo, arquivo pessoal.

O comércio no bairro funciona das 9h às 19h. Com relação ao horário noturno, tem-se apenas algumas lancherias, farmácias, um supermercado de grande porte e

outras poucas exceções que funcionam à noite no centro em questão. Nesse sentido, a centralidade no bairro é consideravelmente reduzida no período noturno por não oferecer muitas opções de consumo ou lazer.

A maioria dos empreendimentos pertencentes ao setor terciário se concentra na Avenida Paulo Lauda, que abriga aproximadamente 65% das atividades do recorte espacial da pesquisa – excetuando-se as empresas do centro comercial e as localizadas em andares superiores. A rua Armin Schvarcz apresenta, assim, 8,5% dessas atividades comerciais e de serviços; enquanto a rua Maranhão, contando juntamente com as empresas localizadas na área da rótula que a separa da avenida, congrega 26,4% desses estabelecimentos (Mapa 9). Se forem consideradas as empresas do centro comercial, a Av. Paulo Lauda contabiliza, então, a significativa maioria dos empreendimentos da área de estudo.

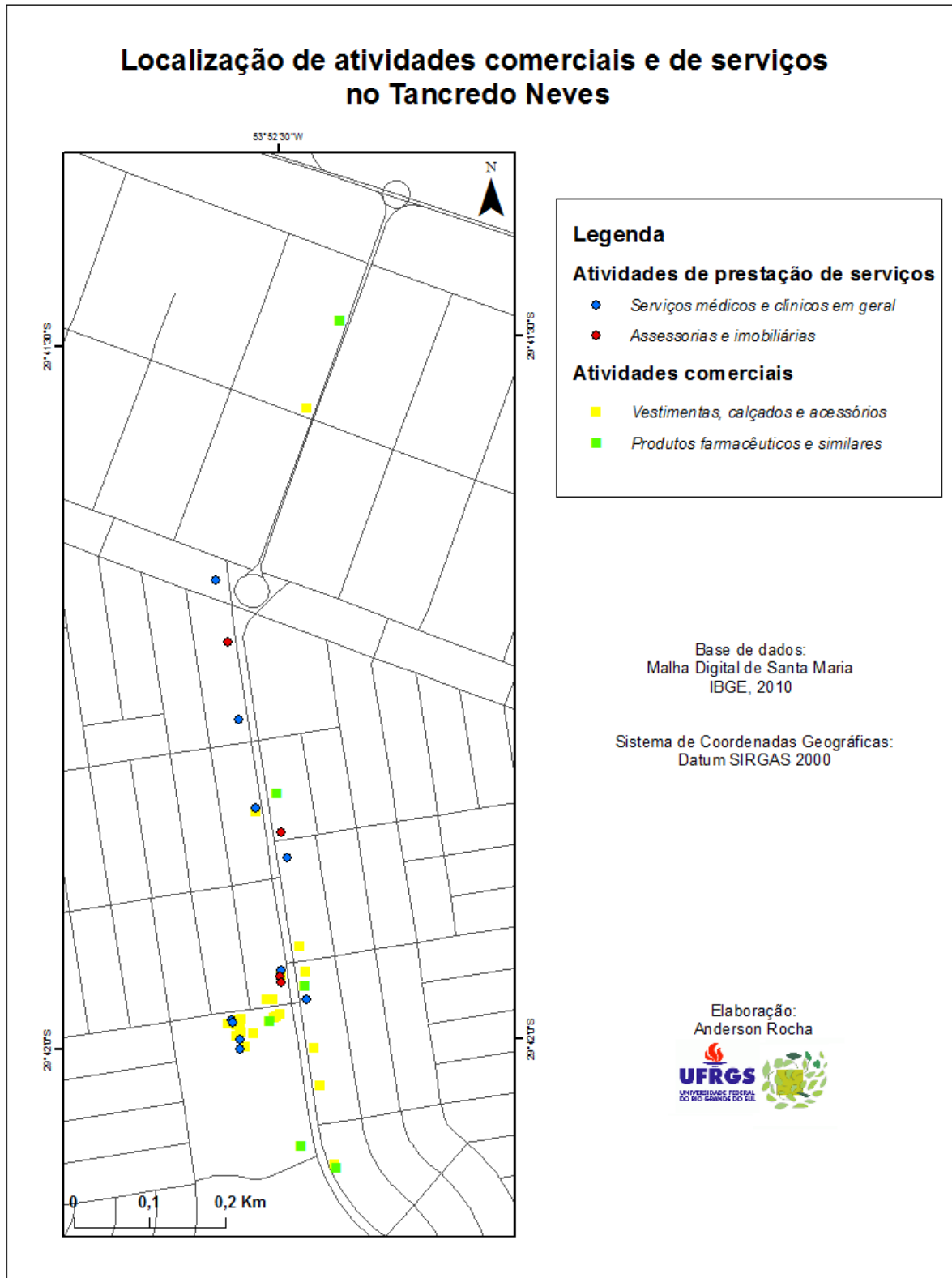


Mapa 9 – Empresas do setor terciário localizadas no andar térreo no centro do Tancredo Neves

Fonte: Elaborado pelo autor.

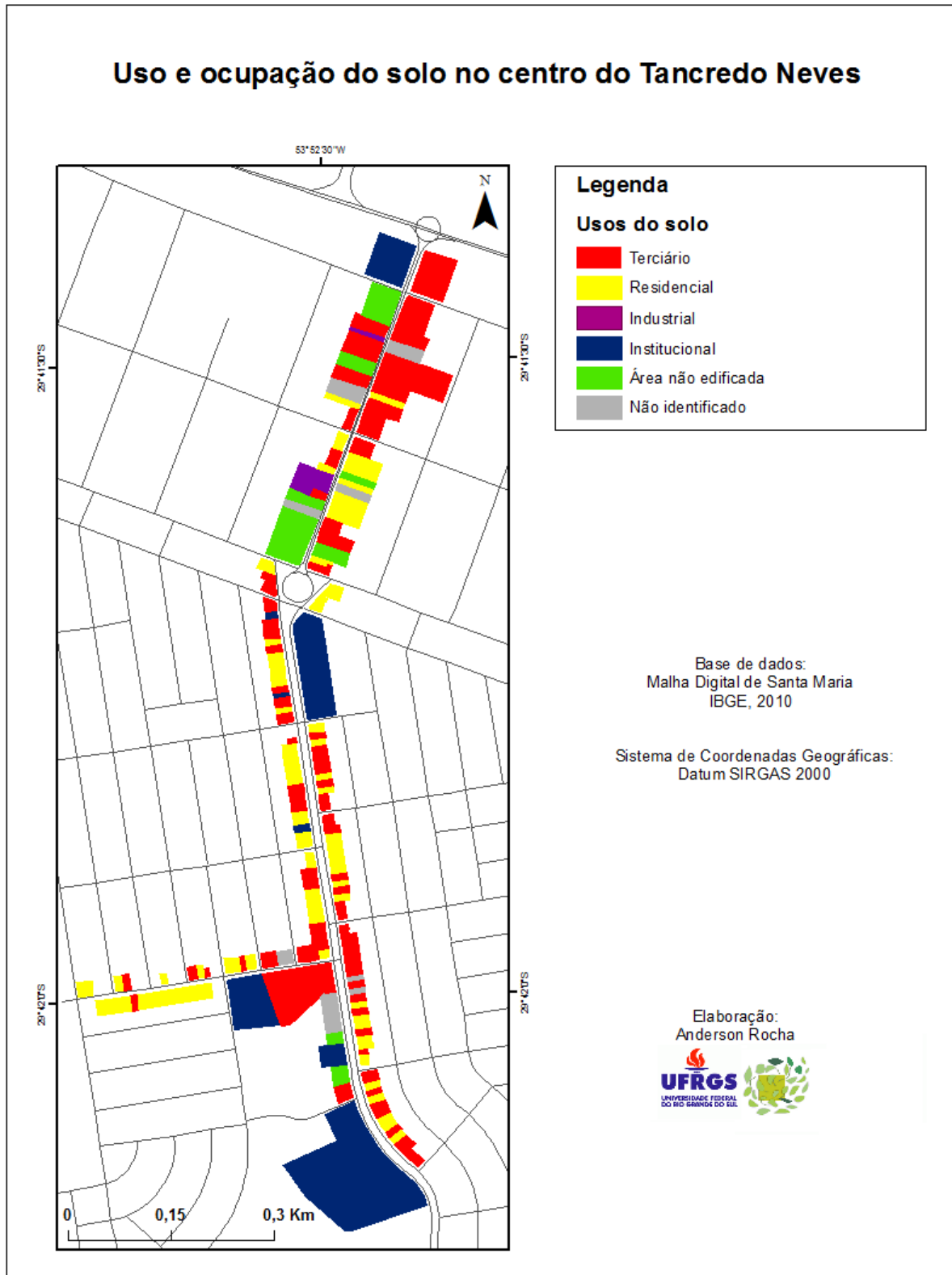
As atividades do setor terciário possuem lógicas de localização distintas no centro em análise, ainda que estejam concentradas em apenas algumas vias. Tal realidade é esclarecida pelo mapa 10, que demonstra uma forte aglomeração das lojas de vestimentas, calçados e acessórios no centro comercial e em suas proximidades, na área de mais intenso fluxo de pedestres. O grupo de comercialização de produtos farmacêuticos e similares, por outro lado, não apresenta uma concentração notável ao se distribuir ao longo da Av. Paulo Lauda e da Rua Maranhão. Da mesma maneira, as atividades de prestação de serviços mapeadas denotam certa dispersão, embora concentradas na avenida principal.

O mapa 11 permite a identificação dos diferentes usos do solo na área de estudo. Os mais representativos são o terciário e o residencial. É possível se observar ainda um decréscimo súbito do uso terciário seguindo da área do *Centro Comercial Tancredo Neves* em direção à Rua Armin Schvarcz; já no sentido da Av. Paulo Lauda e avançando pela Rua Maranhão, localizada no bairro Pinheiro Machado, percebe-se relativa constância desse tipo de uso do solo. O uso institucional, no recorte espacial deste estudo, se refere a escolas, ao posto de saúde, às associações comunitárias de ambos os bairros e ao ginásio de esportes do Tancredo Neves. Com presença quase impercebível, tem-se o uso industrial dado por uma empresa madeireira e uma serralheria.



Mapa 10 – Localização dos grupos de atividades terciárias no Tancredo Neves

Fonte: Elaborado pelo autor.



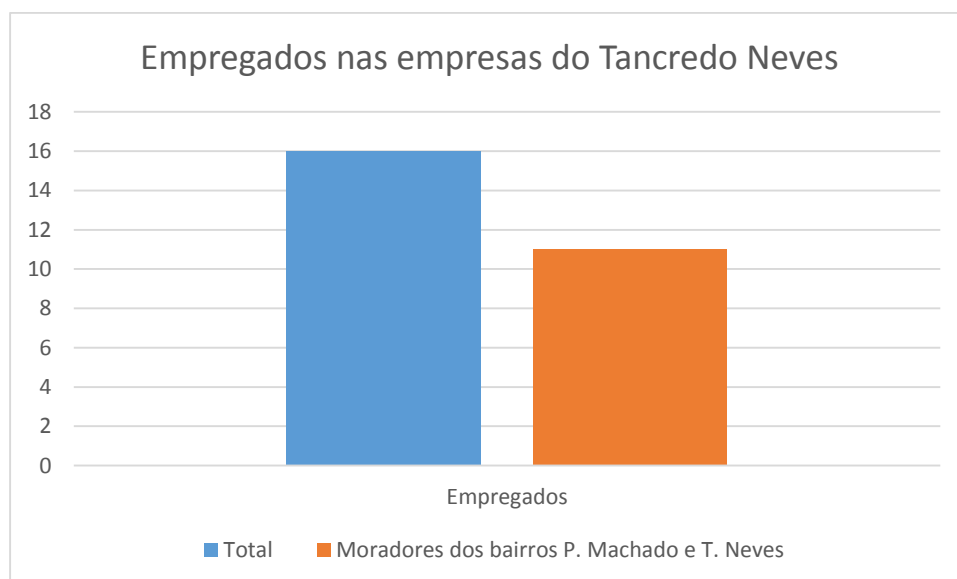
Mapa 11 – Uso do solo na área de estudo no centro do Tancredo Neves

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dentre as empresas pesquisadas com a utilização dos questionários³⁸, três delas são filiais de estabelecimentos já localizados em outras áreas da cidade, como o Centro e o bairro Camobi e a rua Duque de Caxias. Tem-se também o caso de uma loja que é filial de uma empresa também localizada no bairro. Com relação às lojas-matrizes, que contabilizam o número de seis, tem-se que a maioria foi originada por moradores do bairro; há também aquelas que foram criadas por moradores do bairro Pinheiro Machado e de outros locais de Santa Maria. Percebe-se, com isso, a forte atuação de capitais originários dos bairros Tancredo Neves e Pinheiro Machado, bem como do município na aglomeração terciária em estudo.

O número de empregos diretos gerados pelas empresas é de 16, dos quais 11 vagas são ocupadas por moradores dos bairros Tancredo Neves e Pinheiro Machado (Gráfico 6). Dois empreendimentos eram familiares, não contribuindo assim na geração de empregos. A participação massiva de moradores dos bairros trabalhando nessas empresas parece ser devido, principalmente, às relações interpessoais, isto é, empregar amigos, conhecidos ou mesmo por indicação de outros moradores do bairro.

Gráfico 6 – Empregos nos estabelecimentos analisados do centro do Tancredo Neves

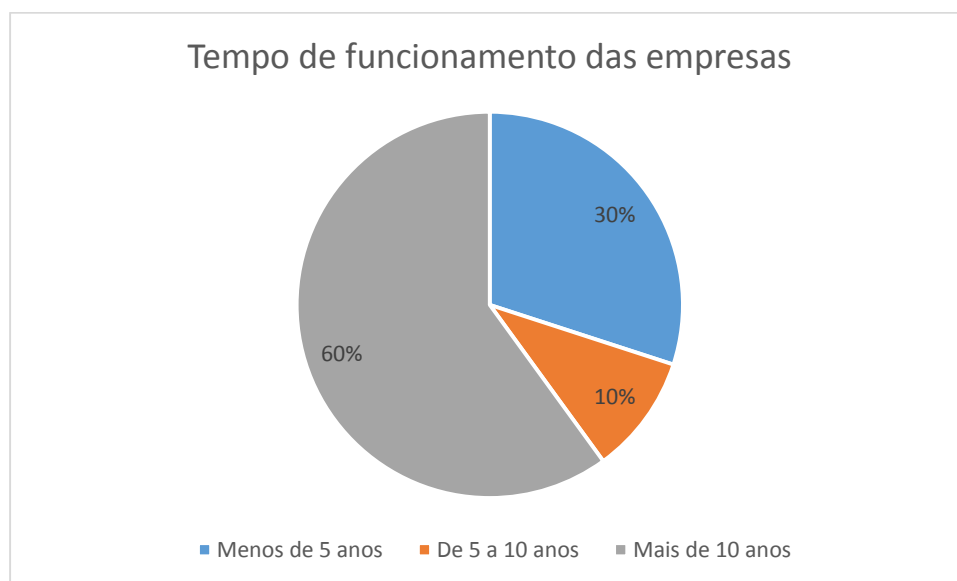


Fonte: Elaborado pelo autor.

³⁸ Os estabelecimentos pesquisados foram: três lojas de calçados, duas empresas de confecções, duas lojas de presentes, uma bijuteria/loja de artigos femininos, uma ótica e um *Pet Shop*.

A maior parte dos empreendimentos contemplados pelos questionários possui mais de dez anos de funcionamento (Gráfico 7). Isso aponta a uma determinada estabilidade do centro do bairro e, assim, a um baixo crescimento da aglomeração terciária em estudo. A paisagem do bairro possibilitou a verificação disso, uma vez que revelou, durante o período da pesquisa de campo, indícios de uma fraca expansão do setor terciário no local, tais como a abertura de poucos empreendimentos e apenas uma filial de empresa do Centro Principal, bem como um inexpressivo movimento de construção de novas edificações para uso comercial.

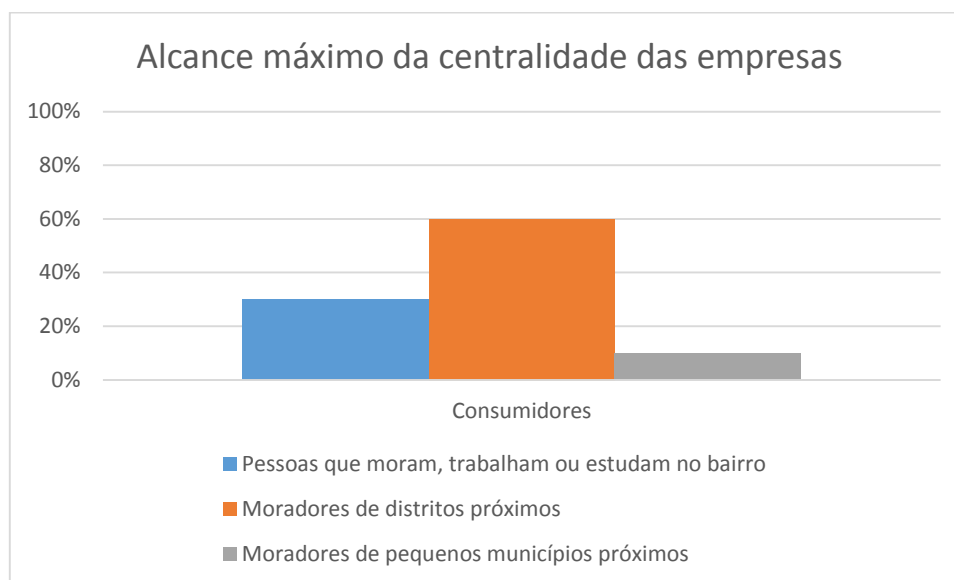
Gráfico 7 – Tempo de atividades das empresas analisadas no Tancredo Neves



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os principais consumidores para as empresas pesquisadas são os moradores dos bairros Parque Pinheiro e Tancredo Neves. Com relação ao alcance espacial máximo, a maioria dos empresários afirma que tais consumidores são os moradores dos distritos do município (Gráfico 8). Essa centralidade bastante restrita ao município encontra respaldo no fato de que as vias que compreendem o centro em questão serem vias de fluxos intraurbanos, voltadas aos deslocamentos dos moradores dos referidos bairros.

Gráfico 8 – Raio de influência das empresas pesquisadas no Tancredo Neves



Fonte: Elaborado pelo autor.

A totalidade dos empresários entrevistados afirma estar satisfeita com a localização de seus estabelecimentos. Os fatores de maior influência sobre a escolha locacional dos empreendimentos foram os de natureza espacial e econômica (Quadro 4). A intensidade dos fluxos e o baixo capital investido aparecem como as variáveis com maior expressão. Com isso, percebe-se que a decisão da localização das empresas está, principalmente, na equação entre o aumento da margem de negócios (fluxos no local) e a diminuição dos custos operacionais (aluguel ou imóvel com preços baixos).

Quadro 4 – Fatores influentes sobre a localização dos empreendimentos

Natureza das variáveis	Fatores locacionais	Incidência
<i>Espacial</i>	Proximidade da residência	01
	Intensidade dos fluxos	06
	Crescimento do bairro	02

<i>Econômica</i>	Baixo capital investido (alugueis, preço dos imóveis, possuir área própria, etc.)	04
	Pouca concorrência	02
	Renda da população do bairro	00
<i>Subjetiva</i>	Bairrismo dos moradores	01
	Bairrismo dos empresários	01

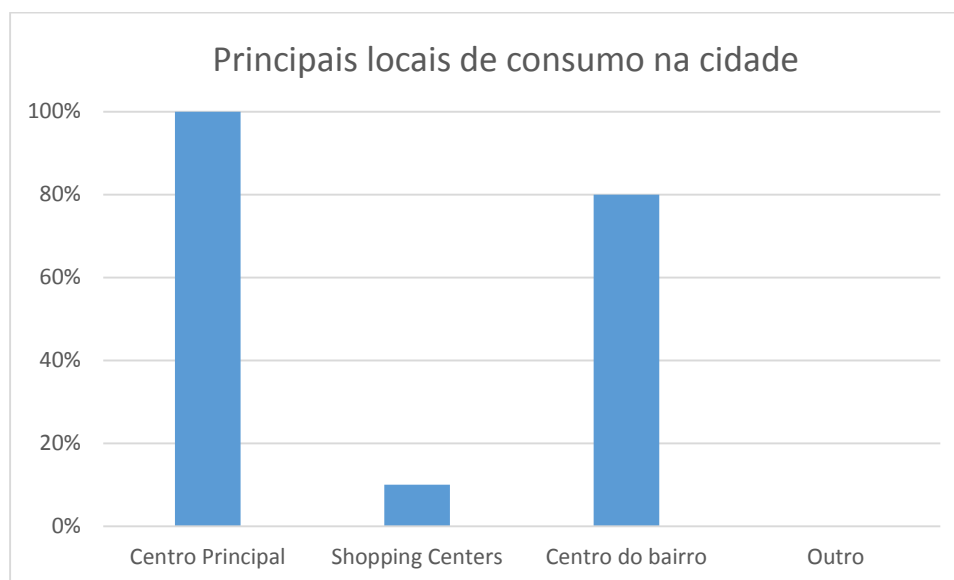
Obs.: Utilizaram-se os mesmos critérios do Quadro 3.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao se adentrar na análise dos questionários aplicados junto aos transeuntes na área de estudo, buscou-se a apreensão de aspectos concernentes à relação entre os sujeitos e o centro em questão. Dentre os consumidores pesquisados, seis são moradores do bairro Tancredo Neves, três deles do Pinheiro Machado e um transeunte de um bairro também pertencente à zona oeste da cidade. Ressalta-se que apenas duas pessoas, entre os sujeitos pesquisados, não se consideram consumidores do centro do bairro.

Os principais locais de consumo na cidade, para os sujeitos pesquisados, são o Centro Principal e o centro do bairro (Gráfico 9). Os *shopping centers* não tiveram expressão considerável enquanto locais de consumo para os entrevistados. A explicação para essa fraca utilização dos *shoppings* parece estar no perfil socioeconômico dos sujeitos e, mais ainda, em sua baixa mobilidade espacial (apenas 30% possuem veículo de transporte particular). Dessa maneira, fortalece-se o centro do bairro, pela proximidade do local de moradia, e o Centro Principal por sua acessibilidade através do transporte público. Ademais, de acordo com os resultados obtidos com os questionários, constatou-se que outro aspecto com influência sobre a escolha dos espaços de consumo está nos deslocamentos realizados diariamente no interior da cidade, norteados principalmente pelo local de trabalho. Em outros termos, os que não necessitam sair do bairro em sua rotina diária (empregados no bairro, aposentados, etc.) se utilizam com maior frequência do centro do bairro do que aqueles que trabalham na Área Central, ou passam por esse local em seu deslocamento trabalho-residência.

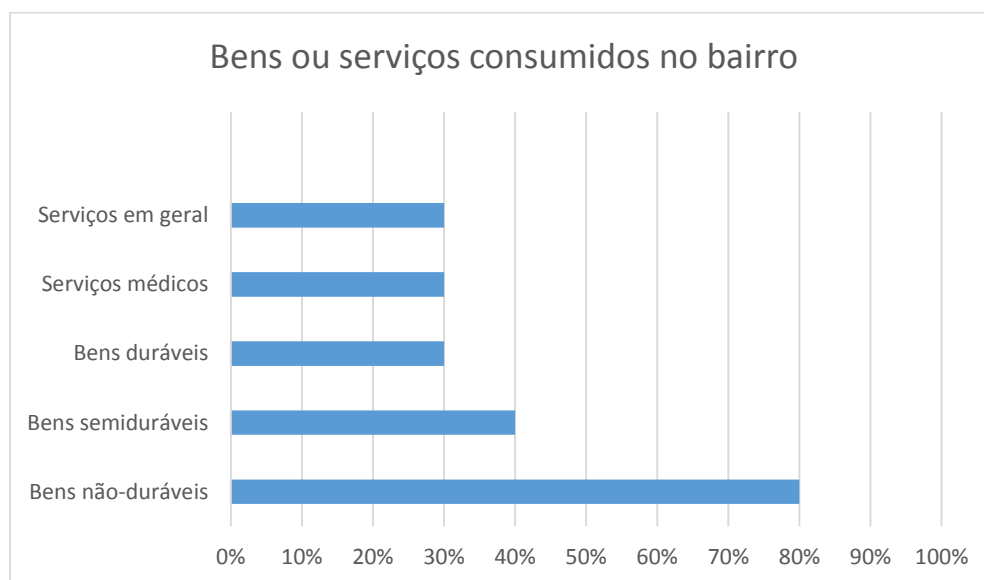
Gráfico 9 – Espaços de consumo mais frequentados pelos transeuntes



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os bens e serviços mais consumidos no bairro pelos sujeitos da pesquisa são os bens não duráveis e os semiduráveis (Gráfico 10). Se considerarmos que apenas oito dos sujeitos se consideram consumidores do bairro, é possível entender que a totalidade desses consumidores se utiliza do centro em questão para a aquisição de bens não duráveis. Adquire-se ainda, em menor proporção, mas com representatividade semelhante, os bens duráveis, os serviços médicos e os serviços em geral.

Gráfico 10 – Perfil do consumo de bens e serviços no centro do bairro



Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim sendo, argumenta-se que a centralidade da aglomeração comercial e de serviços em questão parece ser mais forte entre os que têm menor mobilidade espacial e renda nos bairros Tancredo Neves e Pinheiro Machado. Além disso, as características dos bens e serviços oferecidos indica estar alinhada com o perfil socioeconômico dos moradores desses bairros, bem como de outros localizados em seus arredores. O local de trabalho e, por conseguinte, os deslocamentos diários na cidade também influenciaram na escolha dos locais de consumo, sendo que aqueles que trabalham no Centro Principal ou passam pela Área Central em sua rotina diária se utilizam menos do centro do bairro do que aqueles que trabalham nos bairros.

4.3 Subcentros de uma cidade média? Considerações acerca das aglomerações terciárias nos bairros Camobi e Tancredo Neves

Após essa caracterização das aglomerações comerciais e de serviços nas áreas em estudo, busca-se aqui discutir acerca das particularidades e das

similaridades entre esses dois novos centros. Essa etapa comparativa será realizada com base nos seguintes critérios: a) características do conjunto das empresas; b) padrão das edificações e lotes ocupados; c) acessibilidade e condições de circulação; d) raio de influência e e) configuração espacial dos centros. Feito isso, discute-se se os centros estudados podem ser considerados, ou não, enquanto subcentros da cidade de Santa Maria.

As *características do conjunto das empresas* possuem diferenças e semelhanças nos dois centros em questão. No bairro Tancredo Neves, assiste-se a uma maior diversidade de empreendimentos, visto que a categoria “outros” abriga 18% das atividades comerciais e 16% da prestação de serviços, enquanto em Camobi a proporção é de 15% e 14,2%, respectivamente. Por outro lado, os três grupos de atividades mais representativos nas classificações tanto do comércio quanto dos serviços são os mesmos em ambos os centros.

A origem dos empreendimentos parece estar relacionada à atuação de capitais do bairro e do município no centro do bairro Tancredo Neves, enquanto em Camobi, além desses capitais locais (do bairro e do município), tem-se a ação de capitais externos ao município de Santa Maria, principalmente de grandes grupos de empresas varejistas. Isso justifica o fato de que a presença de filiais é mais expressiva no centro de Camobi.

O centro de Camobi apresenta maiores indícios de que está em expansão em comparação com o do Tancredo Neves. Os principais indícios são: a) a alta porcentagem das empresas pesquisadas com os questionários por possuir menos de cinco anos de existência; b) a presença e o aumento do número de filiais de grandes lojas comerciais varejistas e a c) atuação do mercado imobiliário na construção de edificações (mistas ou não) para o uso comercial.

O *padrão das edificações e lotes ocupados* possui nuances entre os dois centros. Não obstante em ambos os recortes espaciais uma série de empreendimentos comerciais e de serviços ocorram em lotes que também abrigam o uso residencial, a presença desse uso misto é maior no Tancredo Neves. Nesse centro, o uso misto se manifesta pela presença de empreendimentos junto a residências, em edificação anexa a esta ou, ainda, no primeiro andar de casas de dois andares. Essas formas de uso misto também aparecem em Camobi; há, além disso,

neste último, um uso misto expresso em edifícios residenciais de três a cinco andares, em que o primeiro andar é destinado como sala comercial. Tal fato revela a atuação do mercado imobiliário na zona leste da cidade que, para além de construir edificações dedicadas exclusivamente ao uso comercial, cria também prédios de uso misto.

É possível considerar que ambos os centros estudados configuram-se como centros predominantemente horizontais, tendo em vista a baixa presença de empreendimentos situados em pavimentos superiores. Apesar disso, sublinha-se que há uma tendência de verticalização residencial em Camobi.

Com relação às *condições de circulação e acessibilidade*, observa-se que o centro do Tancredo Neves se situa em vias interiores do bairro e do Pinheiro Machado, apesar de próximas a uma rodovia. Já no caso de Camobi, os principais eixos centrais são duas rodovias que são os caminhos principais aos que chegam na cidade e aos que saem dela, em direção à região leste do estado. Portanto, enquanto os fluxos normais das vias centrais do centro da Tancredo Neves são fluxos intraurbanos, sobretudo, de moradores dos bairros; em Camobi, além dos fluxos intraurbanos, tem-se fluxos interurbanos. Isso, evidentemente, traz impactos sobre o *raio de influência* desses centros: se o Tancredo Neves atrai moradores de alguns distritos de Santa Maria, o centro de Camobi vai além ao atrair também habitantes de municípios próximos.

A *configuração espacial* resultante em cada uma dessas aglomerações terciárias possui na linearidade o seu padrão espacial fundamental, todavia seja necessário ressaltar que há particularidades entre os dois casos. Em Camobi, o centro tem a sua estrutura conformada por dois eixos, a RS-509 e a BR-287, definindo as tendências de expansão do terciário sobre essas rodovias e de se espraiar, também, para as demais vias que estão entre os dois eixos principais. No caso do Tancredo Neves, a configuração espacial é estruturada por um único eixo, a Av. Paulo Lauda, e não apresenta outra forte tendência de expansão a não ser em direção à Rua Maranhão.

Parece importante, finalmente, retomar-se um questionamento levantado durante o processo investigatório e exposto ao longo desta dissertação: seriam essas duas aglomerações de comércio e de prestação serviços subcentros da cidade de Santa Maria?

Em um primeiro momento, deve-se considerar que os recortes espaciais da pesquisa compreendem espaços comerciais localizados significativamente distanciados da Área Central, o que exclui a possibilidade de tratamento deles como extensões do Centro Principal. Observa-se, ainda, que a oferta de bens e serviços presente em tais áreas é diversificada, afastando seu entendimento como vias especializadas da cidade. De fato, as lógicas locacionais que orientam a conformação das centralidades em estudo diferem das que dizem respeito ao estabelecimento do setor terciário ao longo de vias de trânsito rápido no interior das cidades – nesse último caso, os principais fatores são a busca de espaço físico devido ao tamanho do empreendimento (lojas de materiais de construção, por exemplo) e de acessibilidade para o consumidor através de automóveis.

As características acima apontadas, aliadas à subsidiariedade desses centros com relação ao Centro Principal, aproximam-nos da ideia de subcentro. Se nos basearmos em Corrêa (2004), Villaça (2001) e Reis (2009) podemos entender o subcentro a partir dos seguintes aspectos: espaços comerciais que, embora concorram com o centro, nunca a ele se equiparam; possuem escalas de centralidade diferenciadas (subcentros de bairro, de bairros e regionais) e configurações espaciais variadas (eixos ou áreas). Isso aponta a uma noção bastante ampla de subcentro, mas que parece ter na oferta diversificada de bens e serviços, na distância da Área Central e na sua subsidiariedade funcional em relação a essa as suas características fundamentais. Os demais traços que caracterizam essa expressão de centralidade (configuração espacial, raio de influência, etc.) são mais flexíveis e não o desqualificam como tal, apenas distinguem a sua hierarquia.

Evidentemente, se a pretensão é a de aplicar a noção de subcentro para explicar expressões de centralidade intraurbanas concernentes às cidades médias de uma determinada formação socioespacial, não parece correto validar ou desqualificar um centro secundário a partir da comparação com o porte de outros centros secundários pertencentes ao espaço intraurbano de uma metrópole; ao contrário, deve-se entender o papel desse novo centro no contexto singular da cidade estudada. Argumento semelhante, ainda que se referindo a outra escala, está na defesa de que a classificação de um centro numa determinada rede urbana é algo qualitativo e contextual, isto é, centros de portes e características diferenciadas podem

desempenhar papéis semelhantes ao se situarem em redes urbanas com perfis distintos³⁹.

Nessa perspectiva, considerando as propriedades dos dois centros analisados ao longo desta pesquisa, defendemos a possibilidade de se tratar essas aglomerações comerciais e de serviços como subcentros da cidade de Santa Maria, como demonstra o quadro 5.

Quadro 5 – As centralidades nos bairros Camobi e Tancredo Neves

Subcentro	Forma espacial	Centralidade	Origem dos capitais	Hierarquia
<i>Camobi</i>	Relativamente linear	Municípios próximos	Locais e extra-locais	Subcentro regional
<i>Tancredo Neves</i>	Predominantemente linear	Bairros e distritos próximos	Locais (bairro e município)	Subcentro de bairros

Fonte: elaborado pelo autor.

No caso do Tancredo Neves, a centralidade parece compreender um subcentro de bairros, com sua oferta diversa de bens e serviços voltada ao padrão socioeconômico do Tancredo Neves e do Pinheiro Machado. Ressalta-se, ainda, que o raio de influência de tal subcentro se alarga para outros bairros da zona oeste e alguns distritos próximos – isso é devido, principalmente, às agências bancárias, ao supermercado e à lotérica que acabam atraindo fluxos dos referidos locais.

Por outro lado, em Camobi, o centro existente aparenta pertencer à outra posição na hierarquia de subcentros; ao menos se aproxima ou possui indícios de que poderá se tornar um subcentro regional dessa cidade média. Essa hipótese está ancorada no contingente populacional e na renda dos moradores do bairro, no crescente estabelecimento de filiais de grandes lojas no local, na atuação do mercado imobiliário na criação de edificações para o uso comercial, etc.; o fator fundamental,

³⁹ Essa discussão foi exposta no item 1.1, do capítulo 1, desta dissertação.

todavia, é a acessibilidade. Isso pode ser entendido em dois ângulos. O primeiro diz respeito ao fato de que o subcentro em questão está situado no bairro Camobi que, em si mesmo, já possui importantes fixos que atraem fluxos regionais para o local. Por outro lado, em segundo lugar, o subcentro está localizado em duas importantes rodovias do sistema de circulação intra e interurbano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do século XX, as cidades têm conhecido transformações no âmbito da centralidade. Desde o pós-fordismo, essa metamorfose se torna significativa a ponto de se falar em uma redefinição da centralidade na cidade contemporânea. Esse fenômeno pode ser entendido enquanto um componente da reestruturação urbana e da reestruturação da cidade, isto é, como uma dinâmica integrante de processos mais amplos de transformação do urbano e da cidade e, assim, pertencente a múltiplas escalas.

A descentralização do setor terciário não se refere a um processo uniforme, ao contrário, parece compreender um fenômeno complexo que assume diferentes feições com o tempo. Deve-se sublinhar que a emergência de novas dinâmicas de descentralização não excluem as anteriores, mas a elas se justapõem. Nessa perspectiva, a cidade apresenta diferentes expressões de centralidade (vias especializadas, galerias e centros comerciais, subcentros, *shopping centers*, etc.) que, embora resultem de diferentes momentos do processo de descentralização, coexistem no espaço urbano.

As cidades médias brasileiras também sofrem transformações no âmbito da centralidade, mas em momentos diferentes e com características singulares. Isso porque a redefinição da centralidade não apenas modifica a cidade, como também é modificada por ela. Trata-se de uma conformação do fenômeno à realidade em que ele se concretiza, que depende da formação socioespacial, do tamanho da cidade e das particularidades da produção do espaço urbano.

Na cidade de Santa Maria, a metamorfose da centralidade acontece, ao menos, em três fases. A primeira fase vai da origem do povoado até a metade do século XX e corresponde à conformação e à manutenção de uma estrutura urbana monocêntrica, tendo como principais vias a Rua do Acampamento, a Dr. Bozano e a Avenida Rio Branco. Durante a segunda metade do século XX, instaura-se a multcentralidade a partir do surgimento de galerias, centros comerciais, maganizes e hipermercados, além de vias relativamente especializadas e subcentros – estes últimos, os subcentros, nos bairros Camobi e Tancredo Neves. Já no final da década de 1990, com a chegada dos *shopping centers* e a expansão dos hipermercados pela

cidade, assiste-se a uma progressiva consolidação da policentralidade que, recentemente, encontra o seu apogeu com a previsão de instalação do maior *shopping center* da cidade de maneira consideravelmente descentralizada.

Os dois subcentros analisados ao longo desta pesquisa possuem origens e características diferenciadas. A aglomeração terciária no bairro Camobi teve um surgimento espontâneo, ligado aos importantes fixos que historicamente trouxeram destaque à localidade, tais como a estação ferroviária, o aeroporto, a Universidade Federal de Santa Maria e a Base Aérea de Santa Maria. Já no bairro Tancredo Neves, o subcentro foi originado com certo grau de influência do Estado e do poder público municipal, ao destinarem um espaço para a realização da atividade comercial no interior da COHAB. Em ambos os casos, todavia, são as forças de mercado que impulsionam a progressiva concentração do terciário nessas áreas: a possibilidade de aumento da margem de negócios (fluxos, renda ou densidade populacional) em conjunto com a diminuição dos custos operacionais (aluguel ou imóvel com preços baixos) faz esses locais atrativos para os empresários – em um primeiro momento, sobretudo, para os empreendedores locais.

Na atualidade, ambos os subcentros apresentam uma oferta de bens e serviços diversificada e configurações espaciais baseadas na linearidade, porém distinguem-se pela qualidade dos bens e serviços oferecidos, pelo raio de influência que possuem e no que se refere à origem dos capitais que atuam em cada localidade. Se a expressão de centralidade exibida pelo Tancredo Neves possui características que o aproximam de um subcentro de bairros, Camobi guarda potencialidades para se consolidar como um subcentro regional da cidade média em questão. Portanto, ainda que a referida cidade esteja conhecendo os impactos da policentralidade em sua estrutura urbana, ressalta-se a permanência e o reforço da multicentralidade. A ocorrência desses dois fenômenos permite considerarmos a existência de uma centralidade poli(multi)cêntrica na cidade de Santa Maria.

Deve-se ressaltar que, ao longo do período de desenvolvimento desta pesquisa, agravou-se o cenário econômico do estado do Rio Grande do Sul e do país. No âmbito estadual, o endividamento do Estado atinge uma zona crítica, ao ponto dos salários do funcionalismo público serem parcelados, além de feita a implementação de medidas de contenção de gastos que afetam a qualidade dos serviços públicos em

geral. Na esfera nacional, a recessão econômica do Brasil encontra duas principais explicações entre o burburinho acerca da questão: para alguns, trata-se de uma má administração das contas públicas; para outros, as dificuldades econômicas do país se devem a um cenário econômico internacional desfavorável. Concomitante a isso, tem-se uma evidente crise política no país, a qual influencia ao mesmo tempo em que é influenciada pela recessão econômica.

O panorama até então delineado, tanto no âmbito nacional quanto no estadual, traz impactos sobre o setor varejista que se manifesta, entre outras coisas, no fechamento de diversos empreendimentos. No caso da cidade de Santa Maria é possível constatar, desde o início do ano de 2016, indícios desse movimento de fechamento de empresas do setor terciário, seja no Centro Principal, nos *shopping centers* ou nos subcentros estudados. É possível, dessa maneira, questionar-se acerca dos efeitos da recessão econômica do país e da situação financeira do estado sobre a centralidade intraurbana das cidades gaúchas. Finalmente, enfocando a cidade de Santa Maria, pergunta-se se a atual conjuntura fortalecerá o comércio descentralizado, apostando em lógicas locacionais diferenciadas, ou trará o seu enfraquecimento frente à supremacia do Centro Principal.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. A cidade COM-FUSA: a mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. **Revista Brasileira de Estudos Regionais/ANPUR**, Recife, PE, v. 9, n. 2, p. 25-53, 2007.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DE SANTA MARIA. **Santa Maria em dados**. Disponível em: <<http://santamariaemdados.com.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

AMORIM FILHO, O. B. Origem, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: SPOSITO, M. B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ANJOS, F. A. dos. Novas morfologias urbanas nas cidades médias: compacidade e dispersão. In: SANFELIU, C. B.; SPOSITO, M. E. (Ed.). **Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado**. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2009. p. 161-178.

ARAÚJO, J. A. Sobre a cidade e o urbano em Henri Lefèbvre. **GEOUSP**, São Paulo, n. 31, p.133-142, 2012.

ARAÚJO, M. M. S.; MOURA, R.; DIAS, P. C. Cidades médias: uma categoria em discussão. In: PEREIRA, R. H.; FURTADO, B. A. (Org.). **Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces**. Brasília: IPEA, 2011. p. 61-78.

BARATA-SALGUEIRO, T. Do centro às centralidades múltiplas. In: FERNANDES, J. A. R.; SPOSITO, M. E. B. **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: CEGOT, 2012. p. 13-29.

BEBER, C. C. **Santa Maria 200 anos: história da economia do município**. Santa Maria: Pallotti, 1998.

BELTRÃO, R. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho**. 2. ed. Santa Maria, RS: Pallotti, 1979.

BIASOLI, V. **Santa Maria ontem e hoje**. Porto Alegre: Movimento, 2010.

BLUMENFELD, H. A. Metrópole Moderna. In: DAVIS, K. et al. **Cidades: a urbaniza o da urbaniza o da humanidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. p. 52-70.

BOLFE, S. A. **Expansão urbana de Santa Maria, RS: uma avalia o da adequabilidade do uso do solo**. 1997. 149 f. Disserta o (Mestrado em Geografia)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BOLETIM DE COMEMORA O DOS 100 ANOS DA CACISM. Santa Maria: CACISM, (s.d).

BORSODORF, A. C mo modelar el desarrollo y la dinâmica de la ciudad latinoamericana. **EURE**, Santiago, v. 29, n. 86, 2003. Disponível em: <http://www.eure.cl/wp-content/uploads/2003/05/EURE_86_01_BORSODORF.pdf>. Acesso em: 5 out. 2014.

BOTEGA, L. R. Urbaniza o e ocupa es na forma o da periferia de Santa Maria-RS na segunda metade do século XX. In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. (Org.). **Nova história de Santa Maria: outras contribui es recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 75-94.

BRANCO, M. L. C. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Org.). **Cidades médias: produ o do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 245-277.

CAPEL, H. **Capitalismo y morfologia urbana em Espa a**. 4. ed. Barcelona: Gráficas Diamante, 1983.

CARDOSO, E. **Uma loja uma vida**. Santa Maria, 1974.

COMIN, F. V. **Dinâmica espacial e segrega o residencial no bairro Camobi – Santa Maria/RS**. 2013. Disserta o (Mestrado em Geografia)–Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transi o**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

_____. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Trajetórias geográficas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FARIAS, C. L. **O processo de ocupação da periferia urbana em Santa Maria-RS: o caso do bairro Nova Santa Maria**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)–Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2011.

FARINATTI, L. A. Lavradores, escravos e criadores de gado: o universo agrário de Santa Maria (meados do século XIX). In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. (Org.). **Nova história de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2010. p. 243-266.

FERNANDES, J. A. Muitas vidas tem o centro e vários centros tem a vida de uma cidade. In: _____; SPOSITO, M. E. B. **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: CEGOT, 2012. p. 31-44.

FERRARI, C. **Curso de Planejamento Municipal Integrado**. São Paulo: Pioneira, 1986.

FIGUEIREDO, V. D. M.; VIERO, L. M. D. O perfil demográfico e a distribuição espacial da população do município de Santa Maria (RS). In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. (Org.). **Nova história de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 119-143.

FLÔRES, J. R. A. **Fragmentos da história ferroviária brasileira**. v. 1. Santa Maria: Pallotti, 2007.

FRANÇA, I. S. **A cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no norte de Minas Gerais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

GARZON, I. C.; RIBEIRO, V. **Diagnóstico do distrito industrial de Santa Maria no contexto econômico do município**. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1998.

GAZETA DE CAMOBI. **Gazeta de Camobi**, n. 5, out. 1999.

_____. n. 32, fev. 2002.

_____. n. 49, jul. 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRUNEWALDT, S. Santa Maria e a modernização da paisagem urbana no fim do século XIX e início do século XX. In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. (Org.). **Nova história de Santa Maria**: contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2010. p. 335-348.

GUIA GERAL DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA - 1962. Santa Maria: Pallotti, (s.d).

HARVEY, D. From Managerialism to Entrepreneurialism: the transformation in Urban Governance in Late Capitalism. *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, v. 71, n. 1, p. 3-17, 1989.

HENRIQUE, W. Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e médias. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 45-58.

HIDALGO, R.; JANOSCHKA, M. **La ciudad neoliberal**: gentrificación y exclusión en Santiago de Chile, Buenos Aires, Ciudad de México y Madrid. Santiago de Chile: Instituto de Geografía de la Pontificia Universidad Católica de Chile, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Dados demográficos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

JANOSCHKA, M. El nuevo modelo de la ciudad latinoamericana: fragmentación y privatización. **Revista EURE**, Santiago, v. 28, n. 85, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612002008500002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2014.

JORNAL A RAZÃO. **Caderno dos Bairros**. Santa Maria, 3 ago. 1988.

_____. **Caderno dos Bairros**. Santa Maria, 24 jun. 1987.

JORNAL CAMOBI. **Jornal Camobi**, out. 2000.

KNEIB, E. C. **Subcentros urbanos**: contribuição conceitual e metodológica à sua definição e identificação para planejamento de transportes. 2008. Tese (Doutorado em Transportes)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

KURTZ, C. R. S. **A questão do distrito industrial de Santa Maria**. 1989. Trabalho de Conclusão de Curso—Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1989.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Tradução Sérgio Martins e Margarida Maria de Andrade. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

_____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1998.

MACHADO, M. K. A atuação histórica e geopolítica das forças armadas em Santa Maria. In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. (Org.). **Nova história de Santa Maria**: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 31-48.

MAIA, D. S. Cidades médias e pequenas do nordeste: conferência de abertura. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades Médias e Pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 13-41.

_____. De cidades tradicionais a centros históricos: o núcleo original e centro histórico das cidades médias brasileiras. In: SANFELIU, C. B.; SPOSITO, M. E. (Ed.). **Las ciudades medias o intermedias em um mundo globalizado**. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2009. p. 179 -202.

MARASCHIN, C. Reflexões acerca da descentralização do comércio. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE (CINCCI), IV. 2013, Uberlândia. **Anais**. Uberlândia: UFU, 2013. p. 01-15.

MARICATO, E. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATTOS, C. A. de. Modernización capitalista y transformación metropolitana em América Latina: cinco tendencias constitutivas. In: LEMOS, A. I. de; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. **América Latina**: cidade, campo e turismo. San Pablo: CLACSO, 2006.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: _____. et al. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 61-77.

MUÑOZ, F. **Urbanización, paisajes comunes, lugares globales**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

PADOIN, M. M. A viação férrea e o desenvolvimento do comércio e da indústria de Santa Maria. In: RIBEIRO, J. I.; WEBER, B. T. (Org.). **Nova história de Santa Maria**: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2010. p. 321-334.

PEREIRA, S. Equidade territorial urbana. In: _____.; COSTA, B. P. da; SOUZA, E. (Org.). **Teorias e práticas territoriais**: análises espaço-temporais. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 71-84.

PESSOA, R. P. P. Em busca de uma definição de policentrismo urbano para as metrópoles brasileiras. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 120, p. 297-318, 2011.

PESSÔA, V. L. S.; RAMIRES, J. C. Amostragem em pesquisa qualitativa: subsídios para a pesquisa geográfica. In: MARAFON, G. J. et al. (Org.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2013. p. 117-134.

PINHEIRO, A. do C. **Levantamento e análise do processo de ocupação irregular do solo urbano nos últimos 30 anos (1970-2000) em Santa Maria - RS.** Monografia de Graduação. Santa Maria: UFSM/Curso de Geografia, março de 2002.

RECHIA, A. **Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural.** 3. ed. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 2006.

REIS, L. C. T. Descentralização e desdobramento do Núcleo Central de Negócios em Vitória (ES). In: CARRERAS, C.; PACHECO, S. M. M. (Org). **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional.** Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA MARIA. Santa Maria, n. 4, 1997.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, L. H. M. da. **Padrão locacional da estrutura social: segregação residencial em Santa Maria – RS.** 2011. 509 f. Tese (Doutorado em Geografia)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RUBIN, G. R. **Análise dos programas habitacionais em Santa Maria: o caso do conjunto habitacional Tancredo Neves.** 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia)– Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

SALAMONI, G. F. **O crescimento urbano por extensão e suas repercussões morfológicas em estruturas urbanas: estudo de caso Santa Maria-RS.** 2008. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PROPUR. Porto Alegre, 2008.

SANTOS, A. M. Um olhar sobre o papel das cidades médias na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 12, n. 2, p.103-119, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008a.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

_____. **O centro da cidade de Salvador**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

_____. **Por uma geografia nova**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SARLO, B. **A cidade vista: mercadorias e cultura urbana**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

STROHAECKER, T. M. A urbanização no Rio Grande do Sul: uma análise preliminar. In: VERDUM, R.; BASSO, L. A.; SUERTEGARAY, D. A. M. (Org.). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SILVA, W. R. da. A redefinição da centralidade em cidades médias, Londrinas e Maringá no contexto da reestruturação urbana e regional. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRITICA, X., 2008, Barcelona. **Anais eletrônicos...** Barcelona: Universidad de Barcelona, mai. 2008. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/37.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

_____. Cidades médias, redefinição da centralidade e os dois circuitos da economia urbana. In: SANFELIU, C. B.; SPOSITO, M. E. B. (Ed.). **Las ciudades medias o intermedias em un mundo globalizado**. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2009. p. 125-144.

SOARES, P. R.; UEDA, V. Cidades médias e modernização do território no Rio Grande do Sul. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 379-411.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Unesp, 2013.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, 1998. Disponível em: <www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_3_sposito.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

_____. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: _____. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-68.

_____. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 3, n. 5, p. 143-157, 2006.

_____. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: _____. (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: GASPERR, 2001. p. 235-253.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, H. C. **Espaço terciário**: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: SENAC, 2001.

VICENTE, J. ¿Nuevas palabras, nuevas ciudades? **Revista de Geografia**, Barcelona, n. 2, p. 79-103, 2003.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2001.

_____. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Nobel, 2012.

WHITACKER, A. M. Uma discussão sobre a morfologia urbana e a articulação de níveis diferentes de urbanização. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ZANATTA, H. G.; ISAIA, A. **Poemórias**: Santa Maria em versos e traços. Santa Maria: Rio das Letras, 2009.

APÊNDICE 1

1. IDENTIFICAÇÃO:

- a) Natureza do empreendimento:
- b) É ou possui uma filial: () É uma filial () Possui filial
- c) Possui outro estabelecimento na cidade?
[responder apenas se se tratar de uma filial]
- d) O proprietário é morador de Santa Maria: () sim () não
- e) O proprietário é morador do bairro: () sim () não

2. QUADRO DE FUNCIONÁRIOS:

- a) Número de empregados:
- b) Número de empregados moradores do bairro:

3. PERFIL DOS CONSUMIDORES:

- a) Principais:
 - () pessoas que moram, trabalham ou estudam no bairro;
 - () provenientes desta zona da cidade;
 - () provenientes de diversos bairros da cidade.
- b) Esporádicos (Alcance máximo):
 - () provenientes de outros bairros da cidade;
 - () provenientes de outros distritos do município;
 - () provenientes de outros municípios.

4. LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO:

- a) Há quanto tempo possui este empreendimento no local?
- b) Estava estabelecido em outra localização anterior à atual? Onde?
- c) Quais motivos influenciaram a escolha da atual localização do empreendimento?
- d) Está satisfeito com a atual localização? Destacar aspectos positivos e negativos.

APÊNDICE 2

1- IDENTIFICAÇÃO:

- a) Profissão:
- b) Possui veículo de transporte particular: () sim () não
- c) Local de moradia:
 () no bairro;
 () em outro bairro da cidade; Qual? _____
 () em outro distrito do município; Qual? _____
 () em outro município. Qual? _____
- d) Local de trabalho:
 () no bairro;
 () em outro bairro da cidade; Qual? _____
 () em outro distrito do município; Qual? _____
 () em outro município. Qual? _____

2- LOCAIS E CARACTERÍSTICAS DE CONSUMO:

- a) Você costuma adquirir bens ou serviços no bairro? Se sim, quais?
- () bens não duráveis
 () bens semiduráveis (roupas, calçados, etc.)
 () bens duráveis (eletrodomésticos, móveis, automóveis, etc.)
 () serviços médicos (odontologia, psicologia, fisioterapia, etc.)
 () serviços em geral (academia, assistência técnica, etc.)
- b) Quais seus principais locais de consumo na cidade? [Primário e Secundário]
- () Centro da cidade
 () Shopping Centers
 () Centro do bairro
 () Outro. Quais? _____
- c) Em que medida a presença do comércio e dos serviços no bairro diminui a necessidade de deslocamentos ao centro da cidade? [p/ consumidores do bairro]
- d) Você consegue identificar, na cidade de Santa Maria, outro(s) bairro(s) com uma presença significativa do comércio e dos serviços? Citar o(s) bairro(s).

3- O CONSUMO NO BAIRRO:

- a) Por que prefere consumir em outros locais? [para quem não consome no bairro]
- b) O que o atrai a consumir no bairro? [para consumidores do bairro]
- c) Destacar aspectos positivos e negativos da área comercial do bairro. [para consumidores do bairro]

APÊNDICE 3

Quadro metodológico dos mapas expostos no capítulo 4.

Identificação	Localização	Descrição
Mapa 4 e 9	p. 72 e 94	Representa os estabelecimentos privados de comércio e prestação de serviços encontrados nos andares térreos, excetuando-se os empreendimentos localizados na galeria ou no centro comercial do bairro.
Mapa 7 e 11	p. 76 e 97	Demonstra os seguintes usos do solo: <i>a) terciário</i> : qualquer lote que possua alguma atividade do setor terciário; <i>b) residencial</i> : lote que tenha unicamente uso residencial, além de área em construção de caráter residencial; <i>c) industrial</i> : lote que apresente uso industrial; <i>d) institucional</i> : lote com instituições públicas, religiosas ou culturais; <i>e) área não edificada</i> : lote vago ou área verde e <i>f) não identificado</i> : edificação sem uso, de uso não identificado ou que não se enquadra nas categorias anteriores.
Mapa 5	p. 73	Aponta as empresas do setor terciário localizadas em andar superior. Apenas foram contabilizados empreendimentos em pavimentos superiores quando o andar térreo também apresentava uso comercial.
Mapa 6 e 10	p. 75 e 96	Identifica os empreendimentos comerciais e de serviços por grupos de atividades. Ressalta-se que o grupo de vestimentas e acessórios e o de calçados foi unido aqui devido às suas características locacionais e de bens oferecidos serem semelhantes.